

UMA APOSTA ARRISCADA

O JORNAL *MEIO-DIA* E O NAZISMO
(1939-1942)

JOÃO ARTHUR CICILIATO FRANZOLIN

UMA APOSTA ARRISCADA

Conselho Editorial Acadêmico
Responsável pela publicação desta obra

Dr^a Lúcia Helena Oliveira Silva (Coordenadora)
Prof. Dr. Hélio Rebello Cardoso Júnior (Vice-Coodenador)
Prof. Dr. José Luís Bendicho Beired
Prof. Dr. Milton Carlos Costa

JOÃO ARTHUR CICILIATO
FRANZOLIN

UMA APOSTA ARRISCADA
O JORNAL *MEIO-DIA*
E O NAZISMO (1939-1942)

CULTURA
ACADÊMICA 

Editora

© 2013 Editora UNESP
Cultura Acadêmica
Praça da Sé, 108
01001-900 – São Paulo – SP
Tel.: (0xx11) 3242-7171
Fax: (0xx11) 3242-7172
www.editoraunesp.com.br
feu@editora.unesp.br

CIP – Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

F917u

Franzolin, João Arthur Ciciliato

Uma aposta arriscada [recurso eletrônico] : o jornal *Meio-Dia* e o nazismo (1939-1942) / João Arthur Ciciliato Franzolin. – 1. ed. – São Paulo : Cultura Acadêmica, 2013.

recurso digital

Formato: ePDF

Requisitos do sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-7983-440-0 (recurso eletrônico)

1. Jornal *Meio-Dia*, 1939-1942. 2. Jornalismo – Brasil – História.
3. Nazismo. 4. Guerra Mundial, 1939-1945. 5. Brasil – História, 1930-1945. 6. Livros eletrônicos. I. Título.

13-06421

CDD: 079.81

CDU: 070(81)

Este livro é publicado pelo Programa de Publicações Digitais da Pró-Reitoria de Pós-Graduação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)



Asociación de Editoriales Universitarias
de América Latina y el Caribe



Associação Brasileira de
Editoras Universitárias

*Dedico esse livro a meus avós maternos, Pedro e Marina,
que infelizmente não estão mais aqui.
A eles, meu amor eterno.*

SUMÁRIO

Agradecimentos 9

Introdução 11

1. “Um jornal para o povo”:
o *Meio-Dia* no contexto da imprensa brasileira 17

2. Linha editorial do *Meio-Dia*:
continuidades e rupturas 55

3. O *Meio-Dia* e os órgãos de
controle da informação 115

Conclusão 145

Referências bibliográficas 149

AGRADECIMENTOS

O presente livro é fruto de extensa investigação e análise, que demandaram dedicação, esforço e vários níveis de preocupação. No entanto, qualquer pesquisa jamais pode ser concluída sem a participação, o acompanhamento e carinho de pessoas especiais, que fizeram parte de uma longa trajetória.

Agradeço primeiramente aos meus pais, por acreditarem em mim e permitirem que eu pudesse ter uma formação sólida e diferenciada. Obrigado por fazerem dos meus sonhos realidade. Ao meu pai, Hariovaldo, agradeço todo o incentivo, os livros e nossas longas conversas, fundamentais para entender e adentrar as entranhas do jornalismo brasileiro. À minha mãe, Maria Rita, agradeço o amor incondicional e seus grandes conselhos, sem os quais eu me sentiria perdido e aflito.

À minha orientadora, professora Tânia Regina de Luca, serei para sempre grato pela orientação precisa, segura e firme. Sem ela, posso dizer que esta obra jamais poderia alcançar forma definitiva. A ela, todo o meu apreço e carinho por ter me acompanhado – sempre com excelentes indicações – desde o princípio, quando ainda era um estudante de graduação.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), agradeço o financiamento da pesquisa, sem o qual este livro não poderia ter sido elaborado e concluído.

A Aluizia Hanisch, minha professora de alemão, meus sinceros e mais profundos agradecimentos, primeiramente por me ensinar o idioma de Goethe e Heine, e também por estar presente na minha vida em vários momentos nesses últimos anos. À ela, agradeço as palavras de amizade e carinho, por me incentivar a apreciar as óperas, por acreditar sinceramente em mim e dar ainda ouvidos às minhas ideias, nem sempre sensatas.

A Alexandre Andrade da Costa, grande amigo de todas as horas, meus sinceros agradecimentos pelas discussões e sugestões de bibliografia a respeito da Segunda Guerra Mundial, além de ter me ajudado sempre que precisei, sem medir quaisquer esforços.

A Josinei Lopes da Silva, sou grato do fundo do coração por me “aturar” em todas as viagens que fiz ao Rio de Janeiro, sempre cedendo sua casa para que este pesquisador pudesse recolher, classificar e analisar múltiplas informações de vários arquivos, e também me apoiando com seus sábios conselhos.

Ao meu tio José Henrique e minha tia Marlene, meus agradecimentos por trazerem calor humano ao árido cotidiano da pesquisa durante esses três anos.

Por fim, gostaria de agradecer a todos os funcionários e trabalhadores da Fundação Casa de Rui Barbosa, principalmente a Leonardo Cunha, o “Léo”, que não mediu esforços para me ajudar com os papéis do acervo de Joaquim Inojosa, além das meninas que ficaram presentes na sala de consulta enquanto fotografava o jornal. No Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, agradeço a atenção especial que me foi concedida por “seu Pedro”, que me ensinou a pesquisar no sistema interno da instituição, bem como a Célia da Costa, chefe da hemeroteca que me franqueou o acesso à coleção completa do *Meio-Dia*. No Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, agradeço ao senhor Johenir Jannotti Viégas, diretor da divisão de acesso à informação e que me permitiu ler o dossiê a respeito do periódico e o prontuário de Joaquim Inojosa.

A todos aqueles que, porventura, tenha esquecido de mencionar os nomes e que participaram dessa trajetória, meus sinceros agradecimentos.

INTRODUÇÃO

A Segunda Guerra Mundial acabou em 1945, portanto há quase setenta anos. De 1945 até a atualidade, a literatura a respeito do tema só fez aumentar, com publicações destinadas tanto a um público consumidor amplo e variado, quanto para especialistas no tema. Ao mesmo tempo, cumpre ressaltar a extensa produção memorialística das vítimas do regime nazista e da Segunda Guerra Mundial, como Primo Levi, Elie Wiesel, dentre outros. De fato, o conflito envolveu parte significativa do planeta, e seus resultados fizeram-se sentir no decorrer da segunda metade do século XX.

Em 1990, em meio à agitação causada pela queda do Muro de Berlim, a reunificação da Alemanha e o fim do bloco soviético, além do término da ditadura militar brasileira, os repórteres Geneton Moraes Neto e Joel Silveira, que esteve presente na Europa como correspondente de guerra, lançaram *Hitler/Stalin: o pacto maldito*. Concebido como uma ampla reportagem sobre o pacto nazi-soviético de 1939, Joel Silveira responsabilizou-se pela descrição dos acontecimentos europeus enquanto a Geneton Moraes Neto, coube dar conta do contexto brasileiro. O livro parecia mais um volume sobre a guerra, a exemplo dos muitos produzidos a cada ano, não fosse por um pequeno detalhe: em suas páginas encontrava-se a obscura história de um jornal brasileiro que teria se

colocado ao lado da Alemanha, de Hitler e do seu regime. Além disso, a trajetória do diretor do jornal, autor conhecido e considerado importante difusor dos ideais do movimento modernista no Nordeste e próximo de seus líderes, era, no mínimo, intrigante. Entretanto, a obra não suscitou debates ou reflexões mais profundas quando do seu lançamento e, em pouco tempo, foi praticamente esquecida.

Durante a iniciação científica, tive a oportunidade de entrar em contato com a obra, cuja leitura suscitava, a cada página, novas perguntas: como poderia ter existido, num país como o Brasil, tão longe da contenda e com uma população miscigenada e que se distanciava dos princípios de pureza racial alardeados por Hitler, um órgão de imprensa, escrito por brasileiros, que propagandeava o regime instalado na Alemanha em 1933? Que tipo de apoio o periódico teria prestado aos alemães, e que motivos levaram seu proprietário a tomar tal atitude? Qual foi a relação do órgão de imprensa e de seu fundador com o Estado Novo de Getúlio Vargas?

O referido jornal chamava-se *Meio-Dia* e foi fundado e dirigido por Joaquim Inojosa. O intuito da pesquisa foi o de esclarecer a trajetória do vespertino, identificar sua linha editorial e mapear as representações difundidas em suas páginas a respeito do Estado Novo, da Segunda Guerra Mundial e dos países em luta. Trata-se de tomar o jornal como fonte e objeto.

As primeiras pistas foram fornecidas pelo já citado livro de Joel Silveira e Geneton Moraes Neto, que se referiram à agência de notícias alemã *Transocean* como responsável pelo financiamento de alguns jornais brasileiros, dentre eles o *Meio-Dia*. Entretanto, a afirmação não é investigada em profundidade, razão pela qual se procurou esclarecer exatamente quando a agência passou a ocupar as páginas do jornal e qual teria sido o seu significado para os rumos do vespertino. Vale lembrar que, embora o partido nazista no Brasil tenha sido proibido em 1938,¹ as atividades de empresas alemãs,

1. O Decreto-lei nº 383, de 18 de abril de 1938, proibiu atividades do partido nazista no Brasil (Dietrich, 2007).

como a *Transocean*, continuaram até 1942, quando o Brasil entrou efetivamente na Segunda Guerra Mundial ao lado dos Aliados.

Na impossibilidade de dar conta da integralidade do vespertino, optou-se pela leitura sistemática dos editoriais, que não eram assinados, e pelos artigos de Inojosa, que expressavam a opinião do *Meio-Dia*. A partir desses textos, foi possível perceber as oscilações no posicionamento do jornal durante o período em que circulou (1939-1942).

O trabalho com a fonte periódica demanda cuidados específicos, já que sua estrutura, materialidade e conteúdo devem ser problematizados. Além disso, é importante não perder de vista que a matéria-prima da pesquisa é de conteúdo opinativo e, como bem destacou Capelato (1988, p.15), “todos os jornais procuram atrair o público e conquistar seus corações e mentes. A meta é sempre conseguir adeptos para uma causa, seja ela empresarial ou política, e os artifícios utilizados para esse fim são múltiplos”. Na mesma direção, deve-se ter em vista que

jornais e revistas não são, no mais das vezes, obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de ideias, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita. [...] Daí a importância de se *identificar cuidadosamente o grupo responsável pela linha editorial, estabelecer os colaboradores mais assíduos, atentar para a escolha do título e para os textos programáticos*, que dão conta de intenções e expectativas, além de fornecer pistas a respeito da leitura de passado e de futuro compartilhada por seus propugnadores. (Luca, 2005; grifos da autora)

Assim, os periódicos possuem um projeto político, apresentado diariamente aos seus leitores: enganam-se os que acreditam que um jornal tem conteúdo e missão puramente informativos. De fato, os editoriais e artigos de Inojosa no *Meio-Dia* exprimiam uma visão particular a respeito dos acontecimentos da guerra, e eram

divulgados com fins determinados, ou seja, procuravam influenciar a opinião do público leitor. Daí a importância da análise dos textos publicados.

Esta pesquisa se insere na interseção entre a História Cultural e a História Política, e valeu-se da noção de representação, tal como apresentada por Roger Chartier (1990, p.17). De acordo com o autor, estas são construídas por grupos e vinculam-se aos interesses dos mesmos, razão pela qual não produzem discursos neutros. O historiador alertou, ainda, para o significado do suporte e enfatizou como a materialidade é decisiva para capturar a atenção do leitor, sugeriu-ná-lo e prescrever leituras.²

No caso específico dos periódicos, é importante destacar que

o conteúdo de jornais e revistas não pode ser dissociado das condições materiais e/ou técnicas que presidiram seu lançamento, os objetivos propostos, o público a que se destinava e as relações estabelecidas com o mercado, uma vez que tais opções colaboram para compreender outras como formato, tipo de papel, qualidade da impressão, padrão da capa/página inicial, periodicidade, periodicidade, lugar ocupado pela publicidade, presença ou ausência de material iconográfico, sua natureza, formas de utilização e padrões estéticos. A estrutura interna, por sua vez, também é dotada de historicidade e as alterações aí observadas no decorrer do tempo resultam de complexa interação entre técnicas de impressão disponíveis, valores e necessidades sociais. Observações semelhantes aplicam-se aos anúncios, que tem sido alvo de estudos individualizados. (Luca, 2008, p.118)

Vale ainda ressaltar que, devido à falta de documentação relativa à recepção do periódico pelo público leitor, não foi possível analisar quais teriam sido as apropriações feitas por ele a respeito da matéria opinativa e da publicação em si.

2. Chartier (1990) aponta o suporte como algo que interfere decisivamente na leitura, como bem demonstra esse seu estudo sobre a *Bibliothèque bleue*.

O livro está estruturado em três capítulos. No primeiro, “‘Um jornal para o povo’: o *Meio-Dia* no contexto da imprensa brasileira”, tratou-se de contextualizar o momento de circulação do vespertino, razão pela qual se analisa a atuação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) e do Conselho Nacional de Imprensa (CNI), órgãos do Estado Novo que controlavam os jornais por meio de cotas de papel, censura, liberação de verbas, dentre outras ações. Em seguida, apresenta-se o projeto do *Meio-Dia* e analisam-se suas características materiais, além de identificar os principais colaboradores, com destaque para o seu fundador, o jornalista pernambucano Joaquim Inojosa.

No capítulo subsequente, intitulado “Linha editorial do *Meio-Dia*: continuidades e rupturas”, tratou-se de analisar, de forma sistemática, os artigos de Inojosa e os editoriais publicados ao longo da existência do jornal. Tal empreitada revelou que o Estado Novo e os embates da Segunda Guerra Mundial, com seus protagonistas – Inglaterra, Alemanha, França, Estados Unidos e União Soviética –, foram os temas de maior destaque nas páginas do vespertino. O exame desses textos revelou mudanças na linha editorial da publicação.

Por fim, o último capítulo, “O *Meio-Dia* e os órgãos de controle da informação”, trata, sobretudo, do último ano de existência do jornal, momento em que o periódico e seu proprietário enfrentaram uma série de problemas com o Departamento de Ordem Política e Social (Dops) e com o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), além de haverem despertado o ódio da população carioca, o que valeu ao jornal duas tentativas de empastelamento. A fonte aqui são os dossiês existentes no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (Aperj) a respeito de Inojosa e do *Meio-Dia*.

Destaque-se que a análise dos editoriais e artigos foi separada em ordem cronológica, caminho que foi apontado pelas próprias mudanças ocorridas no periódico. Dessa forma, 1939 corresponde ao ano em que o jornal adotou uma atitude pacifista; 1940 e 1941 marcam a ascensão e consolidação de uma linha ideológica pró-nazista, enquanto 1942 mostra o periódico em franco declínio, com

poucos artigos e editoriais. Tal divisão norteará também a separação dos capítulos.

Várias ilustrações integravam este livro ao ser defendido originalmente como dissertação de mestrado em abril de 2012, as quais, infelizmente, não puderam ser utilizadas por não ter sido possível obter a devida autorização junto aos familiares de Joaquim Inojosa.

1

“UM JORNAL PARA O POVO”: O *MEIO-DIA* NO CONTEXTO DA IMPREENSA BRASILEIRA

O *Meio-Dia*, projeto do escritor Joaquim Inojosa, circulou entre 1º de março de 1939 e 31 de outubro de 1942, e fez uma opção editorial pouco comum: apoiou a Alemanha nazista. A fortuna crítica da publicação é bastante restrita. Cabe destacar a obra *Hitler/Stalin: o pacto maldito* (Silveira & Moraes Neto, 1990), na qual o *Meio-Dia* foi pela primeira vez citado. A obra, de cunho jornalístico, foi concebida como uma ampla reportagem sobre o pacto nazi-soviético de 1939. Joel Silveira se responsabilizou pelos acontecimentos na Europa, e Geneton Moraes Neto analisou a repercussão de tais fatos no Brasil, razão pela qual coube a ele tratar do *Meio-Dia*. O jornalista descreveu e citou matérias e reportagens do periódico que evidenciavam sua tendência pró-Alemanha. O livro contém, ainda, entrevistas e depoimentos de jornalistas e historiadores, que comentaram o acordo firmado entre Stálin e Hitler e a participação de jornalistas de esquerda no *Meio-Dia* durante a vigência desse pacto. Também há informações de cunho biográfico sobre Joaquim Inojosa, diretor do jornal.

Já na dissertação de Igor Gak (2006), o *Meio-Dia* foi citado de passagem, apesar de o autor ter por objeto publicações simpáticas aos regimes nazifascistas, caso da *Gazeta de Notícias*, sob a batuta de Wladimir Bernardes, e do *Boletim Mercantil de estudos político-*

-econômicos documentados, capitaneado pelo jornalista Vicente Paz Fontenla, e esse último periódico, de acordo com o autor, contava com financiamento dos nazistas.

O *Meio-Dia* foi várias vezes citado por José Carlos Peixoto Júnior (2003), em sua dissertação sobre o *Diário de Notícias da Bahia*. Contudo, o autor não consultou diretamente o jornal, antes, valeu-se de trechos do livro de Silveira & Moraes Neto (1990), sem reflexões mais amplas sobre o periódico. O trabalho traz uma importante contribuição a respeito do alcance da propaganda nazista, presente, nesse caso, em órgão de imprensa de penetração regional. O autor estudou os editoriais escritos por Altamirando Requião e Antonio Balbino de Carvalho, diretores do *Diário* no período de 1935 a 1941, quando o jornal apoiou ostensivamente a Alemanha nazista.

Em obra clássica, que analisa as práticas de ação e controle do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), José Inácio de Melo Souza (2003) também citou o *Meio-Dia* e seu fundador, cabendo destacar que o pesquisador visitou o arquivo pessoal de Joaquim Inojosa, depositado na Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB). Exceção feita às obras citadas, pode-se dizer que o *Meio-Dia* não suscitou, até agora, maior interesse por parte dos historiadores ou de outros profissionais das ciências humanas.

Antes de iniciar a análise do vespertino carioca, é preciso considerar o contexto no qual a publicação circulou. Quando o *Meio-Dia* chegou às bancas, o Estado Novo de Getúlio Vargas já contava um ano e três meses de existência e a nova Constituição, elaborada por Francisco Campos, havia alterado significativamente a relação dos jornais com o governo, pois submeteu-os à autoridade do Estado, como dispunha o artigo 122, parágrafo 15 dessa Constituição que, dentre outras disposições, estipulava: “a imprensa exerce uma função de caráter público” (Brasil, 1937). Quando o *Meio-Dia* iniciou suas atividades, o governo contava com o Departamento Nacional de Propaganda (DNP), substituído em 27 de dezembro de 1939 pelo DIP, responsável pela intensificação do controle da im-

prensa e de outros meios de comunicação.¹ O DIP estava subordinado à Presidência da República, e suas funções eram muito mais abrangentes que as desempenhadas pelos órgãos que o antecederam. Compunha-se das seguintes divisões: Divulgação, Radio-difusão, Cinema e Teatro, Turismo, Imprensa e Serviços Auxiliares, e era responsável pela publicidade de todo o governo. Nas palavras de José Inácio de Melo Souza (2003, p.110):

Para operacionalizar a variada gama de finalidades de que o DIP havia se investido, ele foi aparelhado com uma diretoria geral, cinco divisões (Divulgação, Rádio, Turismo, Imprensa, Cinema e Teatro). Apoiadas pelos serviços auxiliares (subdivididos em seis setores: Comunicações, Contabilidade e Tesouraria, Material, Filmoteca, Discoteca e Biblioteca). Cada um desses pontos no organograma se desdobrava em tantas outras atividades quantas fossem necessárias para o andamento da máquina propagandística. A ampliação de funções levou Lourival Fontes a declarar a Vargas, no final de 40, que 53 serviços diferentes eram desenvolvidos pelo DIP.

-
1. Vale lembrar que o DNP e o DIP tiveram antecessores no início da década de 1930. Logo após a instalação do Governo Provisório, necessitou-se de um instrumento que organizasse e veiculasse a propaganda política do governo, o que motivou a criação, em junho de 1931, do Departamento Oficial de Publicidade (DOP). A princípio, as atribuições desse órgão, vinculado ao Ministério da Justiça, circunscreviam-se à área de radiodifusão e ao fornecimento de informações à imprensa. Em julho de 1934, a fim de aumentar a sua abrangência, o DOP foi substituído pelo Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC), também no âmbito do Ministério da Justiça, cuja direção foi confiada ao jornalista sergipano Lourival Fontes. Entre as funções do novo departamento estava a vigilância da produção cinematográfica. Com o golpe do Estado Novo, em novembro de 1937, o DPDC foi transferido para o palácio Tiradentes, ex-sede da Câmara dos Deputados. No ano seguinte, o órgão foi mais uma vez reorganizado, ganhou novo nome e transformou-se no Departamento Nacional de Propaganda (DNP), sempre ligado ao mesmo ministério e sob a batuta de Lourival Fontes. Sobre os primórdios do DIP, ver Araújo (2001).

A Divisão de Imprensa, a que mais interessa a esta pesquisa, foi, a princípio, chefiada por Olímpio Guilherme e, logo depois, por Jarbas de Carvalho. Todavia, como frisou Silvana Goulart (1990, p.62), o Decreto-lei nº 2.919, de 30 de dezembro de 1940, extinguiu o cargo de diretor de imprensa, cujas funções passaram a ser exercidas pelo diretor-geral do DIP, que também presidia, sem direito a voto, o Conselho Nacional de Imprensa (CNI). O DIP tinha nesse Conselho um dos seus principais mecanismos de controle e persuasão. O CNI era formado por seis membros: três nomeados por Vargas e os outros três escolhidos em assembleias pela Associação Brasileira de Imprensa (ABI), pelo Sindicato dos Proprietários de Jornais e Revistas do Rio de Janeiro e pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio de Janeiro. A direção coube a Jarbas de Carvalho e, a partir das reformas de 1940, ao diretor do DIP.² Competia ao Conselho

fazer o registro e a classificação de periódicos (quanto ao gênero e à periodicidade), especificar suas características, finalidades, propriedades e atividades em função dos interesses nacionais, associativos ou comerciais. O CNI censurava todas as publicações que desenvolvessem “atividades contrárias ao regime, à ordem ou às instituições ou, ainda, que incorressem nas sanções dos dispositivos que regem a ética profissional”, segundo os critérios do Estado Novo, podendo suspender ou mesmo cancelar registros. (Idem, p.66)

2. Os nomeados por Vargas eram funcionários do DIP: Pedro Timóteo de Almeida Couto, Cipriano Lage e José Soares Maciel Filho. O delegado da ABI era Belisário de Souza, enquanto os eleitos pelos dois sindicatos foram, respectivamente, Roberto Marinho e Carlos Eiras. É necessário frisar que os nomes aqui citados referem-se à primeira composição do Conselho, sem que se saiba se ocorreram mudanças até 1945. A exceção ficou para Jarbas de Carvalho, substituído em 1940 pelo próprio Lourival Fontes. Ver Goulart (1990, p.66) e Souza (2003, p.137).

Além das atividades descritas, o Conselho determinou a obrigatoriedade de publicação em língua portuguesa, medida de caráter nacionalizante, bem como cadastrou agências de notícias do Brasil e do exterior e seus correspondentes.

Como se pode observar, o CNI era o núcleo principal do controle exercido pelo Estado Novo à imprensa, pois regulava a totalidade dos jornais, definindo, em caso de penalidade, se seriam suspensos, censurados ou mesmo fechados. Além disso, era o Conselho que validava o registro dos jornais.

A Divisão de Imprensa compreendia ainda a Agência Nacional (AN), que operava de forma semelhante à redação de um periódico e produzia notícias, artigos, fotografias e informes. Os estados que contavam com Departamentos Estaduais de Imprensa e Propaganda (Deips) contavam com filiais da AN, que se encarregavam de coletar e distribuir notícias dos estados para o Distrito Federal.³

Já o Serviço de Censura a Imprensa (SCI), parte da Divisão de Imprensa do DIP desde o final de 1939, era responsável, como o próprio nome afirma, pela censura de todos os jornais e revistas. Todavia, segundo José Inácio de Melo Souza (2003, p.178),

O SCI nunca teve uma regra única e rígida de controle. Havia um certo número de medidas punitivas estabelecidas no Decreto nº 1.949, outras tantas nas instruções do DIP e outras mais, cumulativamente ou não, para o funcionamento interno dos serviços. Esse conjunto normativo, do qual não conhecemos senão uma parte, era ativado segundo o clima político. [...] Assim, o que havia sido liberado ontem poderia ser proibido amanhã e vice-versa, fazendo da informação uma moeda regida por leis sobre as

3. Os Departamentos Estaduais de Imprensa e Propaganda (Deips) foram criados pelo Decreto-lei nº 2.557, de 4 de setembro de 1940 (ver Goulart, 1990, p.77). Segundo o Anuário da Imprensa Brasileira, publicado em 1942, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Piauí, Pará, Rio Grande do Norte, Santa Catarina e São Paulo organizaram seus Deips. Sobre o Anuário, consultar Luca (2010, p.102).

quais nem o informante, o transmissor e muito menos o receptor, tinham qualquer poder.

Destaque-se que a relação do DIP e do governo com os jornais não se pautou apenas pela censura pura e simples, mas foi muito mais abrangente. Algumas vezes, não se hesitou em usar a força, como atesta a desapropriação do matutino *O Estado de S. Paulo* que, a partir de então, se tornou porta-voz do regime, ou ainda o caso do diário *A Noite*, no Rio de Janeiro, propriedade da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, que também possuía a Rádio Nacional, e que foi encampada por meio do Decreto-Lei nº 2.073, de 8 de março de 1940.⁴ Todavia, essas ações constituíram-se em exceções. Bem mais frequente era a facilitação de verbas, empréstimos, concessão de publicidade estatal e favores aos periódicos que apoiassem a ditadura estadonovista, como bem exemplifica a questão das cotas de papel. O Brasil não tinha indústrias produtoras de papel-jornal, o que tornava as publicações dependentes de importações. A liberação da matéria-prima, sem taxas alfandegárias, dependia da boa vontade do governo, o que se constituía em eficiente forma de controle.⁵ Tais práticas foram comentadas por Ana Paula Goulart Ribeiro (2007, p.171):

Além do controle legal que lhe era facultado pelo Decreto nº 1.949, o DIP possuía outros mecanismos de pressão, como a concessão de isenções fiscais, prêmios, favores e subvenções aos jornais.

O exemplo mais conhecido desse tipo de manipulação relaciona-se ao fornecimento de papel. A indústria de papel de

4. Para a história do periódico, ver Ferreira (2001).

5. Fernando Morais informou que a maior parte do papel consumido pelo Brasil vinha da Finlândia que, após o início da Guerra de Inverno com a União Soviética, restringiu as exportações. A alternativa foi importar papel do Canadá, cuja produção era insuficiente, o que desencadeou uma alta nos preços. Assim, durante a guerra, muitas publicações tiveram que diminuir o número de páginas (Morais, 1994, p.427).

imprensa no Brasil era, nessa época, embrionária. A maior parte do produto era importado pelo governo e vendido aos jornais com preço subvencionado. O corte da subvenção funcionou inúmeras vezes como forma de pressão, criando sérias dificuldades aos jornais que não se adequavam à orientação governamental. O caso mais conhecido é o do *Diário de Notícias*. O jornal fundado por Orlando Dantas era uma das principais vítimas das perseguições do DIP e é sempre citado como modelo de resistência a suas pressões.

O noticiário produzido pela Agência Nacional (na realidade, propaganda do regime) era distribuído aos jornais, que o publicavam, às vezes gratuitamente, às vezes recebendo para isso. Houve, neste momento, uma verdadeira “empreitada de corrupção e suborno da imprensa em moldes até então desconhecidos no país”, com a fixação de uma contribuição mensal que variava de acordo com a influência do jornal e sua tiragem.

Além dos favores e da censura descritos, o DIP pagava salários maiores que os vigentes no mercado – de três a cinco vezes superiores. O Departamento encarregava-se de editar um amplo rol de publicações, entre as quais *Estudos e Conferências*, *Dos Jornais* e a revista *Cultura Política*. Esta última,

sob a direção de Almir de Andrade, lança o seu primeiro número em março de 1941, encerrando a sua publicação em outubro de 1945. Constitui-se na revista oficial do regime, estando diretamente vinculada ao Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). A revista é bem divulgada, achando-se à venda nas bancas de jornais do Rio de Janeiro e São Paulo. O seu corpo editorial e seus colaboradores, de modo geral, são bem remunerados, recebendo normalmente o dobro do que pagam as demais publicações. (Velloso, 1982, p.74)

Havia ainda *Ciência Política*, dirigida por Paulo Filho e Pedro Vergara, publicada entre novembro de 1940 e maio de 1945, im-

pressa pelo Instituto Nacional de Ciência Política (INCP). Segundo Mônica Pimenta Velloso (1982):

Temos, portanto, de um lado, a *Cultura Política*, como revista oficial publicada pelo DIP; de outro, a *Ciência Política*, que se dispõe a seguir a orientação deste órgão. Enquanto a *Cultura Política* se propõe a “definir” e/ou “esclarecer” o rumo das transformações político-sociais, fornecendo as coordenadas do discurso, a *Ciência Política* se autoconfigura enquanto “escola de patriotismo” voltada para a difusão dos ensinamentos do Estado Novo. (Idem, p.76)

É necessário lembrar, ainda, que o poder do DIP não se manteve inalterado até o fim do Estado Novo. Maria Helena Rolim Capelato destacou que, a partir de 1942, o quadro político alterou-se significativamente, uma vez que a batalha no interior do círculo governista foi vencida pelos defensores dos Aliados, o que implicou mudanças expressivas, caso da saída de Lourival Fontes da direção do DIP, famoso por sua defesa pró-Eixo:

As “frentes” contra a ditadura começaram a surgir no final de 1941 e início de 1942. Os estudantes integraram-se nelas. Nessa mesma época, começaram os atritos internos (o ministro Oswaldo Aranha contra o chefe de polícia Filinto Müller). A crise interna obrigou Vargas a substituir seus auxiliares mais direitistas como Filinto Müller, o chefe do DIP Lourival Fontes, o ministro Francisco Campos e Vasco Leitão da Cunha. A partir de então a repressão e a tortura se abrandaram. (Capelato, 1998, p.135-6)

Com a queda de Fontes, o cargo foi ocupado pelo major Coelho dos Reis até julho de 1943 e, em seguida, pelo capitão Amílcar Dutra de Menezes, que permaneceu no cargo até a extinção do DIP, em 1945. O controle exercido pelos sucessores de Fontes tornou-se menos estrito com o passar do tempo, pois a situação ex-

terna desenhava-se cada vez menos favorável ao regime que, de fato, ruiu em outubro de 1945.

O surgimento

O jornal tinha como diretor-proprietário e fundador Joaquim Inojosa, figura conhecida nos meios literários, pois manteve vínculos estreitos com os protagonistas da Semana de Arte Moderna de 1922. Porém, sua atuação jornalística no Rio de Janeiro durante os anos 1930 e 1940 continua pouco conhecida. Embora não se disponha de uma biografia de Inojosa, sua correspondência com Mário de Andrade, Oswald de Andrade e outros escritores constituiu-se em fonte privilegiada para acompanhar sua trajetória. Parte de suas cartas foram reproduzidas em *O movimento modernista em Pernambuco*, publicado em três volumes. Inojosa é reconhecido como o maior propagador dos ideais modernistas no Nordeste e Norte do Brasil, a começar por sua terra natal, Pernambuco.

Joaquim Inojosa de Andrade⁶ nasceu em 27 de março de 1901, em São Vicente Férrer, uma vila do município de Timbaúba, em Pernambuco. Estudou no Colégio Nabuco, localizado na mesma cidade e, posteriormente, no Ginásio Aires Gama, já na capital do estado, onde organizou a Sociedade Literária Álvares de Azevedo

6. Para compor sua trajetória, foram utilizadas as seguintes obras: Inojosa, 1968, 1975, 1978. Note-se que várias delas têm caráter memorialístico, caso, por exemplo, de *60 anos de jornalismo*. Todavia, como ressalta Luca (2008, p.122), “é preciso distinguir analiticamente entre a correspondência, que é produzida no tempo curto dos acontecimentos, contemporânea aos dramas e aos desafios do momento vivido, e a evocação posterior que, na perspectiva do historiador, tem efeitos e sentidos diversos, como alertam as teorias da memória ao ressaltar o quanto o ato de rememorar é trabalho que não reproduz o vivido, mas dele se apropria a partir do presente”. Dessa forma, os escritos do autor pernambucano precisam ser problematizados e não tomados como expressão verdadeira dos fatos.

(Coutinho & Sousa, 2001, p.859-60).⁷ Desde 1917 publicava artigos em pequenos jornais da Paraíba e Pernambuco e, dois anos depois, matriculou-se na Faculdade de Direito do Recife.

Em 1920, veio à luz seu primeiro livro de contos, *Tentames*. Em março de 1922, empregou-se como redator no *Jornal do Comércio*, de Recife, e, em setembro do mesmo ano, integrou uma “embaixada de acadêmicos de Direito”, que se dirigiu ao Rio de Janeiro e a São Paulo, onde travou contato com os modernistas. Segundo o escritor pernambucano:

Subo as escadas do “Correio Paulistano”: encontro Menotti Del Picchia: primeiro contato com um modernista. Instantes depois, embarafusta Oswald de Andrade, “tipo espadaúdo e forte”. Conversa longa, como se de longamente nos conhecêssemos. Enquanto Menotti continua na redação, saio com Oswald a passear pelas ruas de São Paulo, até madrugada. Nos dias seguintes: chá das cinco no atelier de Tarsila do Amaral, presentes vários modernistas, inclusive Anita Malfatti, Mário de Andrade, Menotti Del Picchia, Guilherme de Almeida, Oswald de Andrade, Rubens Borba de Moraes, e pose para que as duas pintoras de tendências divergentes – Tarsila e Anita – fixassem na tela a carantonha do meio encabulado “matuto” nordestino; visita ao escritório de Guilherme de Almeida; reunião na rua Lopes Chaves, residência de Mário de Andrade, onde me sagrariam... porta-voz autorizado do movimento modernista lá pelo Nordeste... tudo descrito em várias crônicas deste livro.

Recebo luvas para desafio: livros e exemplares de “Klaxon” – a senha da renovação. E parto de regresso a Pernambuco... (Inojosa, 1968-1969, v.1, p.44)⁸

-
7. A informação provém do verbete “Inojosa, Joaquim”. Segundo Inojosa, seu primeiro artigo publicado foi “Rússia de Hoje” no jornal *O Radical*, de Pau-d’Alho, Pernambuco, em 14 de abril de 1917. Ver Inojosa (1978, p.22).
 8. Ressalte-se aqui o fato de o encontro ter ocorrido em setembro, ou seja, apenas sete meses depois da Semana de Arte Moderna. Uma das características mais notáveis de toda a obra do futuro fundador do *Meio-Dia* é a defesa intransi-

Logo após retornar à sua terra natal, questionou a crônica de Faria Neves Sobrinho, que elogiava a pintura de Torquato Bassi, artista então considerado “passadista” por Inojosa. O artigo “Que é futurismo?” foi publicado no jornal *A Tarde*, de Recife, em 31 de outubro de 1922. Em dezembro de 1923, formou-se em Direito e, depois de algum tempo, foi nomeado adjunto de promotor e, finalmente, promotor público no Recife. Na mesma época, colaborou nos periódicos *Diário de Pernambuco*, *A Província*, *A Rua*, *Diário do Estado*, *Jornal Pequeno*, entre outros. Ainda em 1923, publicou a revista *Mauricéia*, dedicada ao modernismo, e, em 5 de julho de 1924, lançou *A Arte Moderna*, livro que promovia o movimento iniciado com a Semana de 1922 (Athanázio, 1985, p.20).

Em 1926, segundo seu próprio relato, tomou parte no I Congresso Regionalista do Nordeste, promovido por Gilberto Freyre, na condição de representante do estado da Paraíba (Inojosa, 1975a, p.33). Mais tarde, instaurou-se uma contenda entre Inojosa e Freyre a respeito do chamado Manifesto Regionalista de 1926, apontado pelo primeiro como falso. Para Inojosa, o autor de *Casa-Grande & Senzala* escreveu-o em 1952, visto que não havia qualquer menção ao fato na programação original do Congresso.⁹ Segundo Enéas Athanázio (1985, p.55), escritor que conheceu Inojosa nos anos 1980,

foi o início de uma polêmica que, com intermitência, opôs os dois escritores por cerca de quinze anos, mas que acabou por estabelecer o fato de que não houve, naquele ano, nenhum “Manifesto

gente que fez de si próprio enquanto disseminador do Modernismo nas regiões Norte e Nordeste. Com efeito, seus livros são recheados de citações, cartas e trechos dos líderes do movimento, utilizados de forma a corroborar tal assertiva.

9. Tal discussão ocupa grande parte do primeiro volume de *O movimento modernista em Pernambuco* e, para fortalecer seus pontos de vista, Inojosa reuniu-se de entrevistas com outros participantes do Congresso Regionalista, de documentos e outras evidências (Inojosa, 1968-1969, v.1).

Regionalista”, embora, bem entendido, o Congresso desse nome se houvesse efetivamente realizado.

No ano seguinte, casou-se com Jovina Valente Pessoa de Queiroz, filha do industrial João Pessoa de Queiroz, dono da Tece-lagem de Seda e de Algodão de Pernambuco S. A. e do *Jornal do Comércio*. Inojosa separou-se de sua mulher em 1944.

Em 1930, tomou parte na rebelião de Princesa, ocorrida na Paraíba. Enéas Athanázio assim descreveu a causa do levante:

Sendo genro de João Pessoa de Queiroz e amigo de José Pereira, líderes sertanejos da cidade de Princesa, no estado da Paraíba, Inojosa teve participação indireta mas atenta nos acontecimentos da proclamação do “Território Livre de Princesa”, cuja independência daquele estado foi declarada pelo Decreto nº 1, de 9 de junho de 1930, embora se mantendo fiel ao poder público federal, numa situação jurídica inédita e embaraçosa. Os fatos tiveram origem na chamada “guerra tributária” decorrente da reação às medidas econômicas e tributárias adotadas por João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, então Presidente da Paraíba, perdurando até a tomada da cidade pelas tropas federais. (Idem, p.40)

Segundo o relato de Inojosa, sua participação nos eventos resumiu-se à criação de um jornal clandestino, o *Jornal de Princesa*. Com o advento da Revolução de 1930 e o fim das hostilidades na região, o escritor conseguiu um salvo-conduto com o amigo e secretário de segurança do estado, Arthur de Souza Marinho, e partiu em direção ao Rio de Janeiro, onde desembarcou em 14 de dezembro de 1930. Ao chegar, procurou Assis Chateaubriand, dono dos Diários Associados, para tentar vender o *Jornal do Comércio*, do Recife, a pedido do sogro. Embora a transação não tenha se concretizado, Inojosa passou a colaborar em *O Jornal*, na seção de crônica judiciária, na qual permaneceu até 1938. Ao mesmo tempo em que trabalhou em *O Jornal*, reorganizou, em 1934, em Minas Gerais, a Companhia de Fiação e Tecelagem Industrial Mi-

neira, que subsistiu até 1939. De 1937 a 1938 publicou, ainda, uma revista ligada à empresa, intitulada *Nossa Revista* (Inojosa, 1978, p.130). Tais os principais eventos da vida de Inojosa anteriores à fundação do *Meio-Dia*.¹⁰

Na época em que decidiu lançar seu próprio diário, existiam dois tipos de periódicos, matutinos e vespertinos: os primeiros circulavam, em geral, logo no começo do dia, eram os mais prestigiosos e não tinham edições às segundas-feiras. Já o segundo grupo saía por volta das 11 horas da manhã e não circulava aos domingos. Os vespertinos poderiam ter várias edições no decorrer de um mesmo dia e eram, em geral, considerados mais populares. Pode-se especular que as novas edições eram produzidas de acordo com a vendagem do periódico ou, ainda, em função de um fato novo e julgado relevante. Um quadro interessante da circulação dessas duas categorias de jornais nos anos 1930 é fornecido por Barbosa (2007, p.109), que afirmou:

Os principais diários são editados em média em cadernos de 24 páginas, podendo atingir aos domingos até 60 páginas. As tiragens

10. Em relação ao período posterior ao final do jornal e ao término da guerra, Joaquim Inojosa apoiou a campanha do general Eurico Gaspar Dutra à presidência da República e, de 1946 a 1947, foi nomeado conselheiro do Ministério do Comércio, Indústria e do Trabalho. Entre 1948 e 1950, foi responsável pelo semanário *A Nação*, favorável a Dutra. Durante toda a década de 1950, empenhou-se na promoção de sua nova empresa, “Mundial-Turismo”, e procurou estimular a divulgação do turismo no Brasil. Com o malogro do empreendimento, voltou a publicar o *Meio-Dia*, em 1965, em edições mensais, de forma a garantir a chancela do título e, em 1968, regressou a *O Jornal*. Em 1971, colaborou no conceituado Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo* e no *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro. Na década de 1960, sua produção literária foi bastante fecunda, com a publicação de *Diário de um estudante (1920-1921)*, *Crônicas de outros tempos*, *Crítica e polêmica*, *Discursos e conferências*, *Alguns aspectos de direito*, *O Direito e o foro*, *No pomar vizinho* e, sua obra mais reconhecida, *O movimento modernista em Pernambuco*. Faleceu em 12 de janeiro de 1987, aos 86 anos de idade. Vale ressaltar que, na Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), estão alguns poucos diários de Inojosa, a maioria dos quais se refere às décadas de 1970 a 1980 e que permitem acompanhar o progressivo comprometimento de sua saúde.

dos matutinos mais populares situam-se em torno de 40 mil exemplares, já vespertinos como *O Jornal* podem atingir 120 mil exemplares. *A Noite* publica até cinco edições diárias. Em 1937, esses jornais praticamente saem de duas em duas horas, apesar de só modificarem a primeira e a última página. No final da década, com um número de páginas maior, divididos em cadernos, custam quarenta centavos nos dias úteis e cinquenta aos domingos.

O *Meio-Dia* surgiu como um vespertino e assim se manteve enquanto circulou. Não saía aos domingos, quando só eram editados matutinos, e conseguia maior margem de lucros às segundas-feiras, quando não sofria a concorrência dos últimos. Por ser vespertino, a primeira edição era colocada à venda às onze horas da manhã ou, segundo depoimento de Manuel Gomes Maranhão, ao meio-dia (Inojosa, 1968-1969, p.85).

A edição inaugural foi efusivamente saudada por várias personalidades da época, como o ministro da Justiça Francisco Campos, autor da Carta de 1937; Lourival Fontes, diretor do DIP; Assis Chateaubriand, dono da cadeia dos Diários Associados; Herbert Moses, então presidente da Associação Brasileira de Imprensa (ABI). Pouco depois da estreia, chegou mesmo a receber uma mensagem de congratulação de Getúlio Vargas (*Meio-Dia*, 2/3/1939, p.1).¹¹

O título do jornal, *Meio-Dia*, pode ter se originado do fato de chegar às ruas entre as onze horas da manhã e o meio-dia. Entretanto, segundo Joaquim Inojosa, as motivações eram mais amplas, como ele deixou patente ao explicitar suas expectativas em relação à publicação:

Meio-Dia é um símbolo. “Sol pleno-zenital”, ou “alvorada”, como o crismaram confrades ilustres, *a força de sua vitória no jornalismo brasileiro reside na própria vontade de colaborar pela gran-*

11. Na mensagem, impressa no topo da primeira página do periódico, lia-se: “Vejo que o *Meio-Dia* está material e intelectualmente aparelhado para prestar eficiente colaboração ao Governo no esforço patriótico de bem servir ao Brasil”.

deza do Brasil, na hora em que a pátria convoca os seus filhos para a disciplina, para o trabalho e para a ordem.

Jornal moderno, rápido, informativo, independente, aparece exatamente quando a técnica moderna invade o país no setor das diversas indústrias, dentro de cujo progresso terão os jornais de enquadrar-se se quiserem sobreviver.

Meio-Dia aí está, para servir ao povo e para ser julgado pelo povo. (Inojosa, 1939, p.2)

Como fez questão de destacar Inojosa, o *Meio-Dia* possuía uma especificidade: havia surgido no contexto do Estado Novo. A apresentação não deixa dúvidas quanto à simpatia pelo regime e à intenção de colaborar com o mesmo, o que, de fato, verifica-se por meio da linha editorial adotada, que exaltava o regime, sua política e o presidente Getúlio Vargas. Mesmo assim, tal postura não impediu que o jornal entrasse, várias vezes, em confronto com o DIP, tanto pelo fato de burlar, constantemente, o já citado horário estabelecido para a saída dos vespertinos, quanto por ter publicado editoriais e artigos de política internacional em desacordo com as recomendações do órgão.

Merece destaque o seu subtítulo, *Um jornal para o povo*, que nunca se alterou. Como se pode depreender das linhas finais do artigo de Inojosa, pretendia-se que o jornal ganhasse a simpatia da população carioca, além de pretender expressar seus anseios. Em relação ao número de exemplares vendidos, um informe encontrado na Fundação Casa de Rui Barbosa assegurou que eram, em 1941, aproximadamente trinta mil exemplares.¹² Além disso, segundo informação advinda de relato do próprio Inojosa (1978, p.90),

12. No informe de duas laudas constava, na segunda página, a seguinte informação: “Tiragem – 30.050 (média de maio e junho de 1941)”. É o único dado presente que não se encontra datilografado. O documento é datado de 7 de maio de 1941 e possui a assinatura de Lourival Fontes.

Meio-Dia tinha quase sempre as suas edições esgotadas. Posso informar que sua máquina rotativa rodava até mais tarde, sendo que somente para a capital de São Paulo a expedição atingia a 20 mil ou mais exemplares, obrigando a trabalhar até à meia-noite. Por vezes a máquina ficava armada, embora parada, aguardando solicitações que a qualquer momento fizessem as bancas vendedoras.

Apesar dessas afirmações, a situação financeira do jornal não era das mais tranquilas. Os balancetes relativos aos anos 1939 e 1940, conservados no arquivo de Inojosa, indicam que o empreendimento era deficitário.¹³ Tampouco a Companhia de Fiação e Tecelagem Industrial Mineira desfrutava de condições melhores, como indicam os documentos conservados na Casa de Rui Barbosa, que detalham as condições econômicas da empresa e incluem o processo de falência. Assim, a julgar pelos dados disponíveis, a publicação mantinha-se com dificuldades. O *Meio-Dia* custava \$300 réis nas bancas de jornal, valor idêntico ao do *Correio da Manhã*. Aos domingos, quando não enfrentava a concorrência dos vespertinos, chegava a \$400. Já o exemplar de *O Estado de S. Paulo*, na mesma época, custava \$400 réis de terça a sábado, \$500 aos domingos. Cabe notar que, embora tivesse o mesmo preço do *Correio*, o *Meio-Dia* jamais alcançou vendagem semelhante à qualquer um dos matutinos citados e tampouco publicidade comparável com a da grande imprensa. E eram justamente os anúncios que garantiam a saúde financeira das publicações, uma vez que superavam a receita das assinaturas e vendas avulsas.

A questão das vendas do *Meio-Dia* coloca questões importantes a respeito da lucratividade do empreendimento. Em 1941, Inojosa ampliou seus negócios com o estabelecimento da Editora Meio-Dia. Tal fato não surpreende, pois o jornal possuía oficina gráfica própria, que operava no mesmo prédio da redação, o que tornava previsível a impressão de livros, estratégia para utilizar ple-

13. Os balancetes de 1941 não foram conservados.

namente o equipamento disponível. Muito mais intrigante é entender como Inojosa conseguiu estabelecer sucursais em várias localidades do Brasil, e mesmo no exterior, com recursos provenientes do jornal que, como se viu, acumulava déficits.

Análise da materialidade

É importante frisar que a análise das características do jornal baseia-se em exemplares publicados em um período de 24 meses, conservados na Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB). Os anos de 1940 e 1941 encontram-se quase completos, faltando apenas três meses (janeiro, fevereiro, março) e dois (janeiro, fevereiro), respectivamente. Já para 1939, dispõe-se somente de dois meses (março e dezembro), e para 1942 outros três (janeiro, junho e julho), sendo que a coleção completa do jornal, de 1939 a 1942, perfaz 1.124 exemplares.¹⁴ Na Tabela 1, sistematiza-se o material da Fundação Casa de Rui Barbosa.

Em 1939, o periódico apresentou dimensões diferentes: de março até agosto, tinha o formato tabloide (31,5 cm × 46 cm) e, a partir de setembro, foi publicado com dimensões maiores (46 cm × 64 cm), que se manteve até 1942. Contudo, a transição de um formato para outro não foi realizada de uma só vez. A primeira e última páginas cresceram, mas o miolo ainda manteve a configuração anterior durante os primeiros dias de setembro de 1939. Em meados desse mês, todas as páginas já haviam sido convertidas ao novo formato e assim permaneceram até o final da publicação.

Tabela 1 – Exemplares do *Meio-Dia* existentes na Fundação Casa de Rui

14. No Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) existe a coleção completa do *Meio-Dia*, que, porém, não pôde ser fotografada. A última edição do vespertino, de 31 de outubro de 1942, trazia o número 1.124. Para complementar os dados sobre a materialidade, foram consultadas as edições do IHGB ausentes na Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB).

Barbosa

<i>Mês/Ano</i>	<i>Exemplares</i>
Março/1939	n ^{os} 1 a 27
Dezembro/1939	n ^{os} 234 a 258
Abril/1940	n ^{os} 335 a 337; 339 a 360
Maió/1940	n ^{os} 361 a 384
Junho/1940	n ^{os} 385 a 409
Julho/1940	n ^{os} 410 a 436
Agosto/1940	n ^{os} 437 a 463
Setembro/1940	n ^{os} 464 a 468; 470 a 488
Outubro/1940	n ^{os} 489 a 510
Novembro/1940	n ^{os} 511 a 535
Dezembro/1940	n ^{os} 536 a 560
Março/1941	n ^{os} 609 a 634
Abril/1941	n ^{os} 635 a 643; 645 a 660
Maió/1941	n ^{os} 661 a 686
Junho/1941	n ^{os} 687 a 711
Julho/1941	n ^{os} 712 a 738
Agosto/1941	n ^{os} 739 a 764
Setembro/1941	n ^{os} 765 a 790
Outubro/1941	n ^{os} 791 a 817
Novembro/1941	n ^{os} 818 a 842
Dezembro/1941	n ^{os} 843 a 868
Janeiro/1942	n ^{os} 869 a 894
Junho/1942	n ^{os} 993 a 1.018
Julho/1942	n ^{os} 1.019 a 1.045
<i>Total/FCRB:</i>	587 exemplares (52,2%)
<i>Total Geral/IHGB:</i>	1.124 exemplares (100%)

Fonte: Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro.

O seu primeiro ano de existência foi marcado por constantes flutuações na diagramação, no número de edições e no tamanho. Pode-se supor que os idealizadores ainda estivessem experimen-

tando possibilidades e buscando dotar o periódico de identidade própria, daí as constantes alterações.

No que tange ao número de edições, as mudanças foram significativas no decorrer de 1939. No primeiro mês, houve quatro edições: Primeira Edição, Edição Extra, Terceira Edição e Última Edição. De abril a setembro, duas, a Primeira e a Final, além de uma intermediária, esporádica, denominada Segunda Edição. Nesses meses editaram-se, sem regularidade, edições extras, nomeadas em função do horário de publicação: Edições Extras das 9, 12 e 18 horas ou, ainda, denominadas 2ª ou 3ª Edição Extra. A partir do final de outubro de 1939, as edições estabilizaram-se em: Primeira, Antefinal e Final e assim perduraram até o final de 1941. Em 1942, último ano de circulação, o *Meio-Dia* era publicado em duas edições (Primeira e Final) e, pouco antes de fechar, em uma única. As edições extras tornaram-se cada vez mais raras e ocorriam apenas diante de algum fato importante da guerra europeia. As informações estão sintetizadas na Tabela 2.

Tabela 2 – Edições do *Meio-Dia* (1939-1942)

<i>Mês/Ano</i>	<i>Edições</i>
Março/1939	Primeira Edição, Edição Extra, Terceira Edição, Última Edição.
Abril a setembro/1939	Primeira Edição, Edição Final. <i>Esporádicas</i> : Segunda Edição, Edições Extras das 9, 12 e 18 horas, 2ª e 3ª Edição Extra.
Outubro/1939 a dezembro/1941	Primeira Edição, Edição Antefinal e Edição Final.
Janeiro a setembro/1942	Primeira Edição e Edição Final.
Outubro/1942	Edição Única.

O número de páginas do *Meio-Dia* variou de forma considerável durante o período da publicação. Nos primeiros meses de 1939, a primeira edição tinha 32, 20, 16 ou ainda 12 páginas, o que mostra a constante oscilação na quantidade de material publicado

diariamente. As edições subsequentes possuíam 12, 16 ou 20 a 24 páginas, aumento proveniente da utilização de material das agências telegráficas, bem como do rearranjo do conteúdo publicado na primeira edição. A partir de maio de 1939, o jornal oscilava entre 12, 16 ou 20 páginas. A estabilização do número de páginas em oito, em todas as edições, ocorreu apenas em setembro de 1939, quando o formato também foi alterado. De 1940 até finais de 1941, o jornal manteve essa configuração. Em 1942, estampou de seis a oito páginas. Note-se que era comum edições inteiras sem qualquer tipo de numeração.

A exemplo do que ocorria com quase todo o conteúdo do jornal, o expediente não possuía lugar fixo, nem mesmo nas várias edições de um mesmo número. No mais das vezes, era publicado nas páginas dois, três ou quatro. Trazia informações sobre preços da assinatura e da edição avulsa, o endereço da redação e das oficinas gráficas, situadas à rua da Constituição, nº 38, no centro da cidade do Rio de Janeiro. A partir de 1941, passou a estampar as sucursais no Brasil – São Paulo, Curitiba, Belo Horizonte, Goiás, Recife e Porto Alegre¹⁵ – e, em outubro, as do exterior – Roma e Berlim. Em 21 do referido mês, anunciou-se a abertura de uma representação na França de Vichy, que nunca constou do expediente, e a presença de um correspondente em Madri (*Meio-Dia*, 21/10/1941, p.1). Segundo informações presentes no próprio jornal, Silva-Monteiro foi diretor da sucursal de Berlim, e Carlos Deambrosis-Martins dirigiu a de Vichy. Diante da ausência de maiores informações, não é possível precisar a origem dos recursos para tal empreitada. O fato é que, a partir de junho de 1942, não houve mais menção às sucursais.

Também era no expediente que constavam os principais responsáveis pelo periódico, destacados em pequeno boxê. Aqui, as alterações e variações não foram menores, exceção feita ao seu diretor-proprietário, Joaquim Inojosa, e ao gerente, Mario da Trin-

15. Em relação à distribuição do jornal nos estados, sabe-se que os exemplares eram impressos no Rio de Janeiro e então enviados de avião às sucursais.

dade Henriques, sobre quem não foi possível encontrar referências em obras gerais ou em dicionários biobibliográficos. Já o cargo de secretário da redação nem sempre existiu no vespertino. O primeiro a assumi-lo, em 1º de março de 1939, foi Lincoln Nery da Fonseca que, durante os anos 1920, colaborou nos jornais pernambucanos *Atlântida*, *O Balneário* e *Jornal das Moças* e, no Rio de Janeiro, trabalhou no *Diário da Noite* (ver Nascimento, 2002, p.262). Não foi possível precisar a data exata da sua saída, mas em 15 de maio de 1940, o lugar era ocupado por Manuel Gomes Maranhão, nome que por mais tempo aí permaneceu, apesar de tê-lo feito de forma descontínua, uma vez que esteve no jornal em vários momentos entre 1940 e 1942. Era filho de João Borba Maranhão, possuidor de engenhos em Pernambuco. Além de sua colaboração no *Meio-Dia*, foi presidente do Instituto do Açúcar e do Alcool, de janeiro de 1957 a fevereiro de 1961 e de 12 de setembro de 1962 a 28 de janeiro de 1964. Colaborou nos Diários Associados de Assis Chateaubriand, mais precisamente nos jornais *Jornal do Comércio* e *Diário de Pernambuco*, além da revista *O Cruzeiro* (Carli, 1985). Ainda ocuparam a secretaria, Adelávio Sette de Azevedo, Vanderlino Nunes e Poppe Gyrão, a respeito dos quais não foram encontradas quaisquer menções na bibliografia especializada.

Ocasionalmente, surgiam informações a respeito da publicidade. José Mandina teve tal incumbência entre março e junho de 1939, quando foi substituído por Oswaldo Soares de Pinho. Este, por sua vez, ainda figurava nos exemplares de dezembro de 1939. Em abril do ano seguinte, José Mandina havia reassumido o cargo. Seu nome foi mencionado por todo o ano de 1940, mas nas edições de março de 1941 já não constava do expediente e o cargo não voltou a ser mencionado até o final da publicação, em outubro de 1942. O cabeçalho do periódico tampouco tinha lugar fixo e, contrariamente à praxe, nem sempre aparecia centralizado, mas circulava pela página, de acordo com a edição.

Já em relação à primeira página, vale lembrar que as manchetes do jornal eram impactantes e publicadas em caracteres gigantescos, não raro com uso de sinais de exclamação para enfatizar e destacar

ainda mais a informação, artifício que foi utilizado até o final da publicação. O restante era ordenado de forma criativa e livre, com o uso dinâmico de fotografias, mapas e texto.

Desde o lançamento, o uso de fotografias foi constante e se tornou uma característica marcante do vespertino, que perdurou durante todo o período de sua circulação. Em 1940 e 1941, tornou-se bastante comum reservar a última página exclusivamente para as fotos. Elas surgiram em 24 de julho de 1940, como uma seção composta de imagens e texto, e que recebeu, a partir de 4 de novembro de 1940, o título “Acontecimentos da Semana” que, entretanto, durou pouco. Quase sempre eram veiculadas imagens da guerra europeia e as fotografias vinham acompanhadas por um pequeno texto,¹⁶ que exaltava as realizações militares alemãs ou que explicavam os principais fatos da semana. Além disso, em sua quase totalidade, o material fotográfico do *Meio-Dia* era composto por reproduções do material bélico germânico, bem como de soldados e líderes alemães.

Desde o princípio, o *Meio-Dia* contou com serviço telegráfico e fotográfico, proveniente de várias agências de notícias nacionais e internacionais. O jornal iniciou sua trajetória valendo-se da *United Press*, agência americana, e da *Havas*, agência francesa, que forneciam fotos e telegramas dos principais acontecimentos mundiais. Em 1939, registrou-se a presença da *Associated Press*. Contudo, já em abril de 1939, estamparam-se fotografias enviadas pela agência alemã *RDV* e, em maio do mesmo ano, surgiram informes da *Transocean*, outra agência de notícias do Reich. Em 1940 e 1941, o noticiário, mapas e fotografias passaram a ser fornecidos pelas duas agências alemãs, o que persistiu até 1942.

16. Walter Benjamin (1994, p.107) já havia destacado a importância da legenda para a compreensão da fotografia, quando afirmou que aquela era “introduzida pela fotografia para favorecer a literalização de todas as relações da vida e sem a qual qualquer construção fotográfica corre o risco de permanecer vaga e aproximativa”. Da mesma forma, as fotos de “Acontecimentos da Semana” possuíam textos explicativos que as comentavam e as inseriam em um contexto que, com muita frequência, era o do conflito europeu.

Embora se saiba muito pouco sobre a atuação da *Transocean*, o verbete da enciclopédia *Brockhaus*, de 1934, traz as seguintes informações sobre a sua trajetória:

Transocean – Agência de notícias, Agência de notícias da *Transocean* – Sociedade Ltda., fundada em 1914. Ela se dirige exclusivamente ao exterior, principalmente a além-mar. Os serviços da companhia são transmitidos por telegrafia sem fio, por ondas curtas de diferentes comprimentos, a partir da estação de rádio de Nauen. *T.* fornece diariamente uma série completa de serviços em inglês, francês, espanhol e na língua alemã, além de um serviço especial para os navios alemães em alto-mar. Ao lado do serviço de distribuição, é mantido um serviço de artigos e fotos.¹⁷ (*Der grosse Brockhaus*, 1934, v.19, p.29; tradução livre)

Não se sabe, porém, até quando a agência manteve-se ativa na Alemanha, mas é certo que, desde 1939, esteve presente no *Meio-Dia*. No Brasil, as atividades da *Transocean* prosseguiram até 30 de janeiro de 1942, quando foi definitivamente fechada (Silveira & Moraes Neto, 1990, p.443). Segundo Priscila Perazzo, a empresa era foco de espionagem alemã em terras brasileiras, além de distribuir, gratuitamente, propaganda nazista para todos os jornais que se interessassem, como foi o caso da *Gazeta de Notícias* e do *Meio-Dia*. Oficialmente, seu diretor no Brasil era José de Carvalho e Silva e o tesoureiro Johannes Geyer, contudo, ainda segundo Perazzo, “sabe-se que o verdadeiro diretor era Geyer, alemão, nazista e pessoa de confiança da embaixada alemã” (Perazzo, 1999, p.90).

17. “*Transocean* – *Nachrichtendienst*, Nachrichtendienst der *Transocean* – G.m.b.h. in Berlin, gegr. 1914. Er wendet sich aussch. an das Ausland, insbesondere nach Übersee. Die Dienste der Gesellschaft werden durch drahtlose Telegraphie mit kurzem Wellen von verschiedener Länge von der Grossfunkstation Nauen hinausgesandt. *T.* gibt täglich eine ganze Reihe Dienste in engl., franz., span., und deutscher Sprache, ferner einen Sonderdienst für die deutschen Schiffe auf hoher See. Neben dem Depeschendienst wird ein Artikel- und ein Bilderdienst unterhalten.” (*Der grosse Brockhaus*, 1934, p.29)

A respeito da *RDV*, as informações também são poucas. A sigla é uma abreviação de *Reichsbahnzentrale für den deutschen Reiseverkehr* (em tradução livre para a língua portuguesa, Central das Ferrovias do Reich para o Turismo Alemão). De acordo com a enciclopédia *Brockhaus*,

Central das Ferrovias do Reich para o Turismo Alemão, abreviação RDV, órgão fundado em 20 de fevereiro de 1920, pelo Ministério do Turismo do Reich e mantido pelos meios ferroviários para o incentivo do turismo do exterior para o Reich alemão, como também o turismo doméstico. Mantém postos de informação próprios em Berlim, Paris, Londres, Roma, Roterdã e Nova York, e representações gerais em Viena, Zurique, Budapeste, Praga, Copenhague, Gotemburgo, Helsinque, Cuba e Jacarta, bem como numerosos correspondentes em além-mar.¹⁸ (Der grosse Brockhaus, 1934, v.15, p.522; tradução livre)

Na Alemanha, o órgão era ainda responsável pela publicação da revista *Deutschland*, que incentivava o turismo no Terceiro Reich (Harms, 2007). Diferentemente da *Transocean*, não foram encontradas informações sobre quaisquer atividades da *RDV* em território brasileiro.

A partir de 1940, o noticiário do jornal passou a ser composto, quase que exclusivamente, por informes da *United Press* e *Transocean*, com maior destaque para a última, que também passou a fornecer grande quantidade de fotografias. Entre 9 de setembro de 1940 e janeiro de 1942, a agência italiana *Stefani*, parte do sistema

18. "Reichsbahnzentrale für den Deutschen Reiseverkehr, Abk. RDV., ein am 20. Febr. 1920 vom Reichsverkehrsministerium gegründetes und als Reichsbahnmitteln unterhaltenes Organ zur Förderung des Reiseverkehrs vom Ausland ins Deutsche Reich wie auch des innerdeutschen Verkehrs. Sie unterhält eigene Auskunftstellen in Berlin, Paris, London, Rom, Rotterdam und New York, Generalvertretungen in Wien, Zürich, Budapest, Prag, Kopenhagen, Göteborg, Helsingfors, Cuba und Batavia sowie zahlreiche Korrespondenten in Übersee." (Der grosse Brockhaus, 1934, v.15, p.522)

de propaganda da Itália fascista, figurou nas páginas do jornal.¹⁹ Em outubro de 1942, momento do encerramento da publicação, a única agência que ainda fornecia telegramas para o jornal era a *United Press*, uma vez que, nesse período, as outras não tinham permissão para atuar no país.

Diante desse quadro, cabe perguntar: com que meios o proprietário do *Meio-Dia* continuou a editar o jornal por mais três anos e ampliou seus negócios, com o estabelecimento de filiais em vários pontos do país e do mundo? Foi justamente no segundo ano de sua existência, ou seja, a partir de 1940, que a orientação política do *Meio-Dia* alterou-se significativamente. Ao mesmo tempo, as agências de notícias estrangeiras *Transocean* (alemã), *RDV* (alemã) e *Stefani* (italiana) ampliaram sua presença no vespertino, fornecendo fotos e telegramas vindos de países do Eixo, em especial, da Alemanha. A maior presença dessas agências contribuiu para a mudança da linha ideológica do vespertino e talvez resida aí a razão da sobrevivência desse jornal deficitário.

Manuel Gomes Maranhão, durante muito tempo secretário de redação do *Meio-Dia*, afirmou:

Nem sei se devo dizer, mas a *Transocean* fornecia material de graça – e pagava para a gente publicar. Toda sexta-feira era uma agonia, o pessoal do jornal querendo saber se ia receber os vales da semana. Pela cara de Inojosa, a gente sabia se ele tinha trazido o dinheiro ou não. Quem pagava era um diretor da *Transocean*, um brasileiro, Carvalho e Silva, irmão de um embaixador. (Silveira & Moraes Neto, 1990, p.469)

E concluiu:

Quanto ao funcionamento do jornal, penso que, sem a *Transocean*, o *Meio-Dia* teria acabado antes. Porque a *Transocean* incluía as

19. Para a propaganda feita pelos fascistas italianos no Brasil, ver Bertonha (2001).

publicidades da Lufthansa, Banco Alemão Transatlântico e assim por diante. Não tenho a menor dúvida de que o jornal teria acabado antes se a agência tivesse retirado o apoio ao *Meio-Dia*. Aliás, a gente recebia o pagamento em espécie ou em cheque do Banco Alemão Transatlântico. Em todo caso, não me lembro de ter ouvido referências de Inojosa à ajuda da agência *Transocean*. Eu apenas sabia que havia. Ele achava que sempre era pouco o dinheiro. Por essa razão, não pagava melhor ao pessoal. O que ele recebia das “fontes” publicitárias era fraco. Nós sabíamos que “fontes” eram. (Idem, p.471-2)

Até mesmo Joaquim Inojosa referiu-se à colaboração alemã, embora tenha sido reticente quanto ao alcance da participação da *Transocean*:

Pouco depois de inaugurada a minha empresa jornalística, sofri um revés de profunda repercussão na experiência industrial, que me levou a dispensar vários companheiros e reduzir em muito as despesas com o jornal. Já se estava em guerra, quando me suspenderam os serviços telegráficos internacionais, por falta de pagamento de algumas faturas. Dirigi-me a uma das agências, creio que a *France-Press*, cujo diretor era de minhas boas relações pessoais, e pleiteei a abertura de um crédito a prazo razoável, o que me foi negado, fechando-se-me as portas de qualquer agência telegráfica estrangeira. *Eis que recebo o oferecimento de telegramas e correspondência grátis partido de uma agência alemã – Transocean. Prontamente aceitei, sem pensar em comprometer-me com a sua orientação política.* (Inojosa, 1978, p.73; grifo meu)

A declaração de Inojosa deve ser vista com cautela, pois tal relato foi escrito muito tempo depois (1978), quando o *Meio-Dia* já não existia. Pode-se imaginar que Inojosa tenha procurado minimizar a relação com a agência germânica, provavelmente receoso das implicações de ter feito negócios com os nazistas na década de 1940, o que poderia comprometer sua reputação. Em todo caso, o

jornalista afirmou que o material recebido era gratuito, ao contrário de Maranhão, que vinculou tal presença ao financiamento do vespertino. Além disso, vale ainda lembrar que, em 1942, quando as agências estrangeiras foram finalmente proibidas de funcionar em território brasileiro, ocorreu o definhamento e posterior fechamento da publicação, em outubro.

Cumpre destacar que Inojosa possuía bom trânsito junto às embaixadas dos países do Eixo, já que várias vezes foram publicadas fotos do jornalista ao lado de representantes daqueles países. É verossímil que a ajuda financeira da *Transocean* explique a expansão das atividades do *Meio-Dia*.

Ao longo dos seus quatro anos de publicação, o *Meio-Dia* também publicou material iconográfico proveniente de agências como *EDSI* e *INRCE*, a respeito das quais não foram encontradas informações, bem como do *Luce*, instituto cinematográfico fascista, que também proveu imagens para o jornal. Até mesmo a *Linee Aeree Transcontinentali Italiane* (Linha Aérea Transcontinental Italiana – Lati), empresa que transportava mercadorias e pessoas entre a Europa e o Brasil, distribuía fotos para o vespertino, além de figurar entre os anunciantes, a partir de 1940. Em relação às revistas internacionais registrou-se material das norte-americanas *Look* e *Life*, e das alemãs *Berliner Illustrirte Zeitung* e *Der Adler*.

Juntamente com as fotos, os vários mapas publicados dotavam de dinamismo as páginas do jornal, diferenciando-o de outras publicações da época como, por exemplo, o *Correio da Manhã*, tradicional matutino carioca que pouco se valia de ilustrações. A maior parte dos mapas era desenhada “especialmente para o *Meio-Dia*”, enquanto o restante provinha de agências como *RDV* e *Transocean*. A publicação desses mapas iniciou-se em 1940, quando do ataque da Alemanha à Dinamarca e à Noruega, e tornou-se uma constante até o final de 1941. Eles exaltavam as vitórias militares alemãs e traziam informações sobre o andamento do conflito. Além disso, como assinalou Stephen Bann, o mapa não é um dado neutro, mas um diagrama que pode ser manipulado para fins específicos. Dessa forma,

a estratégia representativa assume primazia sobre o próprio mapa e sobre o que ele pode revelar. Talvez esteja essencialmente dentro de uma tradição poética que o mapa seja capaz de exibir uma riqueza de significação acima e além de seu *status* como um signo, quando ele se torna (por assim dizer) um veículo para contemplação. (Bann, 1994, p.258-9)

O material cartográfico, além de detalhar o teatro de operações da guerra, visava glorificar a Alemanha nazista e os seus feitos no conflito.

No que se refere às propagandas, também ocorreram significativas flutuações, aliás, como em todo o conteúdo do vespertino. Em 1939, as empresas que anunciaram no *Meio-Dia* eram bem diferentes daquelas que se tornariam recorrentes em 1940 e 1941. Já em 1942, o jornal trazia pouca publicidade, o que também deve ter contribuído para o seu fechamento.

Em 1939, anunciaram no *Meio-Dia*: Lutz, Ferrando e Cia. Ltda., Antarctica, Casa Pratt, Casas Pernambucanas, Klabin Irmãos & Cia., Tecelagem de Seda e Algodão de Pernambuco S. A. (propriedade do sogro de Joaquim Inojosa),²⁰ Loteria Federal, Companhia de Fiação e Tecelagem Industrial Mineira (empresa de Joaquim Inojosa em Minas Gerais), Lacta, Casa Nunes, Westinghouse, Superball, Adelphi, Energina, Granada, Liga Brasileira de Eletricidade, Zambelli & Cia., Seguradora Indústria e Comércio, Fasanello, Companhia Souza Cruz, Companhia Telefônica Brasileira, Shell, Sudan, Via Condor (empresa alemã), Vasp, O Camiseiro, Banco do Brasil, Jardim Guanabara, Mercedes-Benz (empresa alemã), Casa Odeon, Casa Edison, Rádio Ipanema, Bayer (empresa alemã), Esquina da Sorte, Teatro Municipal, Caixa

20. Pode-se supor que o sogro de Inojosa, além de fornecer publicidade à empresa do genro, também tenha ajudado o escritor em momentos difíceis da trajetória da publicação. No entanto, não foi possível verificar tal suposição, visto que o uso das cartas familiares de Inojosa não foi aprovado pelos descendentes do jornalista.

Econômica do Rio de Janeiro, Cassino Atlântico, Tônico Juventude Alexandre, Serviço Aéreo Condor (empresa alemã), Olympia Máquinas de Escrever (empresa alemã), Fundação Americana, Moinhos Esperança, Oficinas Gráficas do *Meio-Dia*, Adubo Kaliphoscald, Zündapp (empresa alemã), Marca Peixe, Cassino da Urca, Palácio, Companhia América Fabril, RCA Victor, Aluísio Inojosa Comissões e Representações (irmão de Joaquim Inojosa), Metro, Fábricas Fontana, American Coffee Corporation, Caixa Econômica, Pássaro Marron, Philips, Bromil, Casa Alemã (empresa teuto-brasileira), Banco Alemão Transatlântico (empresa alemã) e Transporte Aguiar.

Como se vê, o jornal contava com ampla gama de anunciantes, nacionais e estrangeiros, aí incluídas muitas empresas alemãs. Nos anos de 1940 e 1941, as propagandas oriundas de empresas germânicas ou teuto-brasileiras ampliaram sua presença no periódico, bem como empresas italianas e até japonesas. Assim, registrou-se a presença do Banco Germânico da América do Sul (empresa alemã), Pássaro Marron, Tecelagem de Seda e Algodão de Pernambuco S. A., Bromural (Knoll A. G., empresa alemã), Urotropina (Scheering, laboratório alemão), Carl Zeiss (empresa alemã), Jardim Guanabara, Cápsulas de Apiol-Sabina-Arruda, Casa Lohner S. A. (empresa teuto-brasileira), Bayer (empresa alemã), Merck (empresa alemã), Sindicato Condor (empresa alemã), Expresso Mauá, Lojas Santa Cruz, Linee Aeree Trascontinentali Italiane (Lati), Bianchi & Ricorelli Ltd. (empresa ítalo-brasileira), Loteria Federal, Transporte Aguiar, Cineac, Conservadora Americana, Willy Borghoff & Cia. (empresa teuto-brasileira), Serviço Aéreo Condor (empresa alemã), Fogões Junker & Ruh (empresa alemã), Casa Alemã (empresa teuto-brasileira), Osram (empresa alemã), Sofá-Cama Drago, Tônico Zarini, Cigarros Fulgor, Vasp, Palácio, A Exposição, Copeba, Gravatas Odeon, Dynamogenol, Granado & Cia., Teatro Recreio, A Capital, Cigarros Urca, Colírio Ieme, Asotônico, Herms Stolz & Cia. (empresa teuto-brasileira), Fiat (empresa italiana), Cinzano (empresa italiana), Motores Marelli S. A., Assicurazioni Generali di Trieste e Venezia (empresa italiana),

Asotosse, Companhia Adriática de Seguros, O. S. K. Line (empresa japonesa), Olympia Máquinas de Escrever (empresa alemã), Auto Union, Casa Pratt, Asoepa, Oficinas Gráficas do *Meio-Dia*, Aluísio Inojosa Comissões e Conta Própria, Companhia Siderúrgica Nacional, Siemens (empresa alemã), Cutelaria Alemã (empresa teuto-brasileira), Sul América Seguros, Tinturaria Esperança, Fábrica Bangu, Teatro Ginástico, Otagan, Teatro João Caetano, Mitachi Ltd. (empresa japonesa), Camisaria Progresso, Jardim Carioca, Casa Mundial, Bar e Restaurante Heidelberg (empresa teuto-brasileira), Loção Xambú, Tônico Juventude Alexandre, Banco Alemão Transatlântico (empresa alemã), Sabonete Kismel, O Camiseiro, Escola Remington, Torre de Belém, Sociedade Comercial Nipo-Brasileira Ltda. (empresa nipo-brasileira) e Osaka Syosen Kaisya – Navegação Osaka do Brasil Ltda. (empresa japonesa).

Curiosamente, essa expansão do volume de publicidade de empresas do Eixo coincide com o período em que o vespertino adotou uma orientação de apoio explícito à Alemanha, Itália e Japão.

Em 1942, figuram no periódico: Urotropina (Schering, laboratório alemão), Granado & Cia., Casa Mundial, Banco Alemão Transatlântico (empresa alemã), Teatro Recreio, Loteria Federal, Olympia Máquinas de Escrever (empresa alemã), Cápsulas de Apiol-Sabina-Arruda, Tecelagem de Seda e Algodão de Pernambuco S. A., Siemens (empresa alemã), Bromural (Knoll A. G., empresa alemã), Aluísio Inojosa Comissões e Conta Própria, Bayer (empresa alemã), Oficinas Gráficas do *Meio-Dia*, Tônico Juventude Alexandre, Tinturaria Esperança, Jardim Carioca, Carl Zeiss (empresa alemã), Sul América Seguros, Cassino Atlântico, Banco Germânico da América do Sul (empresa alemã), A Exposição, Teatro República, Companhia Vale do Rio Doce e Transporte Aguiar.

Tabela 3 – Publicidade do *Meio-Dia* (1939-1942)

Ano	<i>Empresas alemãs, italianas, teuto-italo-brasileiras e japonesas</i>	<i>Outras empresas</i>	<i>Total</i>
1939	8 (13%)	54 (87%)	62 (100%)
1940 e 1941	28 (36%)	49 (64%)	77 (100%)
1942	8 (32%)	17 (68%)	25 (100%)

Observa-se que, mesmo com a proibição do funcionamento da *Transocean* (1942), continuaram figurando empresas da Alemanha, Itália e Japão, ou seja, houve presença contínua de publicidade de países do Eixo no *Meio-Dia* ao longo de toda a sua existência. Vale destacar que essa presença nunca foi dominante, já que outras empresas, a maioria brasileiras, eram as responsáveis pela maior parte dos anúncios.

No que diz respeito à organização do conteúdo, registraram-se as seções: “Registro Internacional”,²¹ que comentava os acontecimentos mais importantes no exterior e que durou até agosto de 1939; “Mundana”, que trazia datas de festas, aniversários, noivados etc., que perdurou até o final da publicação; “Aviação”, de curta duração, constituída por notícias sobre novas aeronaves e temas correlatos; “Cinema”, que dava conta das novidades cinematográficas, presente no jornal até finais de 1941; “Teatro”, que comentava as peças em cartaz e que durou até 1942; “Olho da Rua”, que tecia comentários sobre temas variados e que subsistiu até o final do vespertino. Nos anos seguintes, 1940 e 1941, outras seções surgiram, caso de “Pílulas ao *Meio-Dia*”, que trazia comentários sobre a situação política internacional, sempre com humor e que subsistiu até dezembro de 1941; “Do Pão de Açúcar”, crônica de Eudes Barros, que figurou nas páginas do jornal até o fim de 1941; ademais da seção de classificados, “*Meio-Dia Aconselha...*”,

21. Em suas memórias, afirma Joaquim Inojosa que a coluna era escrita por Salomão Filgueiras, antigo diretor do *Jornal do Comércio* de Recife (Inojosa, 1978, p.32-3).

publicada até outubro de 1942. Além dessas, pode-se citar “Meridianas”, pequenos comentários sobre a situação nacional e internacional publicados sempre sob este título e mantidos até meados de 1942. “Vida Militar”, que trazia notícias relativas ao exército e manobras bélicas; “Cartaz do Meio-Dia”, no qual eram anunciados espetáculos teatrais e filmes em cartaz; “No Domínio das Carreiras”, com notícias regulares sobre corridas de cavalos; “Meio-Dia Educacional”, que noticiava a respeito da situação da educação brasileira, foram todas, durante 1940 e 1941, seções constantes do jornal. Ademais, ao contrário de outros jornais da época, o *Meio-Dia* não dispunha de uma seção de cartas dos leitores, o que teria sido útil para analisar qual teria sido a reação do público leitor ante a publicação.

Em sua existência, o *Meio-Dia* publicou várias páginas dedicadas a assuntos específicos, intituladas suplementos. Não obstante fossem assim nomeadas por seus idealizadores, essas seções não podem ser consideradas como suplementos, pois não eram encartados ao jornal mas, antes, compunham o próprio vespertino. Vieram à luz os chamados suplementos Esportivo, Feminino e Literário, o primeiro surgido logo no primeiro mês de publicação (março de 1939), nas páginas 7 e 8, e perdurou até setembro.

Já o Suplemento Feminino foi lançado em 8 de março de 1939 e ocupou as páginas 9 a 12 até 21 de junho de 1939, quando passou a ocupar as páginas 7 a 9 da Primeira Edição. Em geral, abordava temas de interesse das mulheres, como bem indica o título. Os dois “suplementos” citados tiveram, portanto, vida efêmera. Em setembro do mesmo ano, quando o jornal aumentou o formato, desapareceram todos os suplementos, que ressurgiriam em 1940, quando, pela primeira vez, os leitores contaram com o “Suplemento Literário do Meio-Dia: Letras-Artes-Ciências”²² na página 5 da Edição Final, transferido, a partir de 24 de outubro de 1940, para a página 7 da Edição Final, ali permanecendo até julho de

22. O suplemento apareceu várias vezes com os subtítulos “Artes-Ciências-Letras” e “Ciências-Letras-Artes” durante o período em que foi publicado.

1942, quando deixou de ser publicado. A princípio, a direção coube a Jorge Amado e, embora Geneton Moraes Neto maximize a importância do escritor baiano nas páginas do periódico, na realidade, o Suplemento Literário contou com Jorge Amado apenas até 4 de setembro de 1940. Joel Silveira também contribuiu com o Suplemento até o final de outubro de 1940.

Depois da saída de Jorge Amado, não há indicação do responsável. Todavia, em 4 de outubro de 1941, na página 2 da Edição Final, uma nota do jornal afirmou que Eudes Barros, responsável pela coluna “Do Pão de Açúcar”, teria assumido o Suplemento depois da saída de Amado. Já em junho de 1942, o Suplemento estava sob a batuta do escritor J. L. de Villeroy França.

O Suplemento Literário compunha-se de crônicas, fotografias, pinturas e poesias de diversos autores. Observa-se que, enquanto Jorge Amado e Joel Silveira estiveram à frente do Suplemento, este contou com textos dos dois autores, além de textos de escritores consagrados como Olavo Bilac, Lima Barreto, Eça de Queiroz e Carlos Drummond de Andrade. Ao mesmo tempo, contudo, também foram publicadas colaborações de escritores menos famosos como Tullio Hostílio Montenegro, Abelardo Romero, Sosígenes Costa, dentre outros. Após a saída de Jorge Amado e Joel Silveira, o Suplemento deixou de contar com autores consagrados, situação que se manteve até o encerramento do vespertino, em 1942. Além disso, devido à orientação política do *Meio-Dia*, várias vezes foram publicadas fotos de pinturas e esculturas alemãs, feitas por artistas plásticos como Elk Eber, Josef Thorak, Arnold Waldschmidt, entre outros, e matérias provenientes de revistas germânicas, como a *Leipziger Illustrierte Zeitung*.

Entre março e junho de 1939, Oswald de Andrade escreveu a coluna “Banho de Sol”, em geral na quarta página, e “De Literatura”, sem lugar definido na edição. Na primeira, o autor discutia os mais diversos temas, como política internacional e o cotidiano do Rio de Janeiro. A segunda era dedicada, exclusivamente, à crítica literária, como indica o título.

Em relação às colaborações, cabe perguntar: como foi possível que autores tradicionalmente ligados à esquerda, como Oswald de Andrade e Jorge Amado, participassem do *Meio-Dia*, um jornal já acentuadamente favorável ao nazismo em 1940? Para entender tais participações, é preciso levar em consideração o momento histórico. Em 23 de agosto de 1939, pouco antes do início da Segunda Guerra Mundial, foi firmado o Pacto Nazi-Soviético de Não-Agressão entre Alemanha e União Soviética, ao mesmo tempo em que estabelecia zonas de influência dos dois países no leste da Europa (Hillgruber, 1995, p.30). Mais do que um simples acordo, o pacto atordoou tanto simpatizantes do nazismo quanto do socialismo soviético, pois uniu duas ideologias tidas, até então, como inconciliáveis. Como aponta a reportagem feita por Joel Silveira (Silveira & Moraes Neto, 1990), as consequências da “união” entre fascistas e comunistas puderam também ser sentidas no Brasil. Diante do alinhamento entre Moscou e os nazistas, a colaboração de escritores ligados à esquerda num jornal pró-Alemanha tornou-se plausível. Vale ainda lembrar que, em 22 de junho de 1941, quando os alemães invadiram a União Soviética, fascistas e comunistas novamente se colocaram em lados opostos, o que também é perceptível no *Meio-Dia* que, daí em diante, contou tão somente com articulistas favoráveis ao Eixo. Além do contexto externo, não devem ser esquecidas as redes de sociabilidade e as relações amigáveis de Inojosa com os escritores do Modernismo. De fato, tais redes podem igualmente ajudar a esclarecer a participação de autores de esquerda no *Meio-Dia*, pois, como já foi ressaltado, Inojosa conhecia Oswald de Andrade e outros desde 1922.

É digno de menção que alguns autores brasileiros e portugueses simpáticos à causa alemã figuraram em suas páginas em 1940 e 1941, no auge da campanha antibritânica e pró-nazista do vespertino, caso de Alfredo Viana e Manuel da Costa Guimarães Morais. Já os autores estrangeiros presentes na publicação eram todos, sem exceção, jornalistas que produziam para as agências de notícias internacionais. Em 1939, boa parte dos artigos assinados

provinha da *United Press*, mas, em 1940 e 1941, a quase totalidade dos textos era de autores disponibilizados pela *Transocean*, *RDV* e *Stefani*. Após o ataque japonês a Pearl Harbor, entretanto, a presença de artigos provenientes dessas agências diminuiu bastante e praticamente cessou em fins de janeiro de 1942, quando Vargas rompeu relações com os países do Eixo.

Nos primeiros momentos do *Meio-Dia*, os editoriais eram publicados de forma irregular, sem periodicidade certa e marcando presença somente em ocasiões especiais. Não traziam assinatura e possuíam diferentes títulos a cada edição, ao sabor dos acontecimentos. Localizavam-se em uma das primeiras quatro páginas, variando a cada edição. Tal escolha não se alterou ao longo do tempo, ainda que, em 1940, tenha havido maior concentração nas duas primeiras páginas e, a partir de 1941, se optasse, preferencialmente, pela segunda. O editorial se diferenciava do restante do conteúdo por ser publicado num box, sempre em destaque, e que, juntamente com a coluna assinada por Joaquim Inojosa, expressava a opinião do vespertino.

O artigo de Inojosa, que se fazia às vezes de editorial, oscilou entre as três primeiras páginas, enquanto a diagramação variava, ainda, de acordo com a edição. O artigo chegou a se iniciar na primeira página e a seguir na segunda, sempre com título diferente a cada edição. Em relação aos temas, Inojosa, tal como os editoriais, abordava constantemente as realizações do Estado Novo, sempre em tom extremamente simpático, aplaudia as realizações do Estado Novo e exaltava a figura do presidente Getúlio Vargas. A guerra, iniciada em setembro de 1939, também foi assunto de grande parte de seus artigos. Em 1939, Inojosa adotou uma postura pacifista em relação ao conflito e assim se manteve até o final daquele ano. Em 1940 e 1941, tornou-se um árduo defensor de Hitler e do Terceiro Reich e, após o ataque a Pearl Harbor pelos japoneses, em 7 de dezembro de 1941, abandonou suas críticas aos Aliados e a glorificação dos êxitos da Alemanha, e os assuntos de guerra deixaram de ser o foco principal de seus textos.

Dignas de nota são as “mensagens patrióticas”, presentes no jornal a partir de 6 de junho de 1939. Não possuíam lugar definido e várias eram impressas entre os telegramas de notícias internacionais. Eram constituídas por frases diretas e curtas, como as seguintes, do ano de 1939: “Quem não é reservista não é cidadão” (*Meio-Dia*, 1/12/1939, p.4) ou ainda “A caderneta de reservista é o diploma de honra que a Pátria confere ao cidadão” (*Meio-Dia*, 4/12/1939, p.2). E podem ser compreendidas como afinadas com a orientação nacionalista do Estado Novo.

Ainda em relação ao conteúdo do jornal, cabe destacar outros componentes efêmeros, caso das séries “Vultos das Américas” e “A Alemanha através dos séculos”, surgidas em 1940. Tratava-se de um conjunto de textos numerados que abordavam o mesmo tema e possuíam curta duração. A primeira delas surgiu como parte da seção “Meio-Dia Educacional” e era dedicada “à juventude brasileira, cujo espírito curioso encontrará ali um pouco de História, através da revivescência dos acontecimentos de maior relevo na vida dos que os realizaram” (*Meio-Dia*, 30/9/1940, p.1). Nela foram publicados, até o final de 1940, muitas pequenas biografias de líderes políticos e escritores latinos e norte-americanos, além de outros estrangeiros que desempenharam papel de relevo na História do nosso continente e figurava sempre nas primeiras páginas de cada edição.

A série dedicada à Alemanha, iniciada em 14 de setembro de 1940, exaltava aquela nação e apresentava-a como um exemplo de superação de adversidades, o que lhe garantiu a condição de potência mundial. Também era publicada nas primeiras páginas e trazia um mapa da Europa, no qual a região correspondente à Alemanha, em diferentes épocas, era hachurada, acompanhado por um pequeno texto. Ao contrário de “Vultos das Américas”, que não possuía numeração, teve nove partes e foi interrompida em 18 de outubro de 1940.

Os anúncios permitem acompanhar a diversificação das atividades de Inojosa. Em 3 de setembro de 1941, encontra-se a pro-

paganda da “Editora Meio-Dia”. Trata-se do anúncio de duas obras que integravam a Coleção Meridiana:²³ *História criminal do governo inglês*, de Elias Regnault, e *A dominação inglesa em Portugal*, sem indicação de autoria. Sobre a obra do francês Regnault, sabe-se que foi editada no Brasil pela Laemmert, no século XIX. Segundo Hallewell:

Tendo em vista a importância da ciência e da cultura francesas na época, era inevitável que Laemmert também produzisse uma proporção significativa de obras traduzidas do francês. Um dos primeiros e interessantes exemplos foi o livro de Elias Regnault, *Historia Criminal do Governo Inglez, Desde as Primeiras Mactanças da Irlanda, até o Envenenamento dos Chinos [...], Annotada, com Muitos Factos Modernos, [...] por um Brasileiro*, que apareceu antes de decorridos três anos do aparecimento do original de 1843; a obra foi reimpressa (por outra editora) como propaganda anti-britânica, ainda útil, no começo da Segunda Guerra Mundial. (Hallewell, 2005, p.241-2; grifo meu)

Embora o autor afirme que a edição original data de 1843, o *website* da Librairie Lepert-Scheler (Paris) anuncia o que seria uma edição original da *Histoire criminelle du gouvernement anglais depuis les premiers massacres de l'Irlande jusqu'à l'empoisonnement des chinois*, editada em Paris pela Pagnerre, em 1841. Existem dúvidas até mesmo sobre o nome do escritor, pois uma edição impressa norte-americana de 1843, disponibilizada pelo Google Books, indica a autoria como sendo de Eugene Regnault (1843).

Em todo caso, o livro foi republicado no começo de setembro de 1941, no auge dos ataques empreendidos pelo jornal contra a

23. É válido ressaltar que a pesquisa em acervos e na Internet não revelou a existência de outros títulos publicados, além das duas obras. Curiosamente, na década de 1970, Joaquim Inojosa publicou os seus livros por editora homônima.

Inglaterra, com o provável intuito de mostrar as inúmeras atrocidades cometidas pela “pérfida Albion” durante o estabelecimento do Império Britânico.

Em 11 de novembro de 1941, veio a público *A dominação inglesa em Portugal*, sem o longo subtítulo da edição original, publicada em Lisboa em 1833: *O que é e de que nos tem servido a aliança de Inglaterra. Por um compatriota de Gomes Freire d’Andrade*. Ao que se sabe, Andrade foi um general português condecorado indiciado pelo então regente de Portugal, o marechal inglês William Carr Beresford, em tentativa de iniciar uma rebelião contra d. João VI, enquanto este último permanecia no Brasil; foi acusado e enforcado em 1817 (ver Brandão, 1990). Tal como no caso anterior, era marcado pelo mesmo tom antibritânico. Foram publicados no *Meio-Dia* vários anúncios idênticos desses dois livros lançados pela casa editorial. Todavia, o jornal entrou em brusca decadência já no início de 1942 e, a partir daí, não foram detectados outros anúncios da Editora Meio-Dia.²⁴

Embora o exame da materialidade do *Meio-Dia* seja de fundamental importância para desvendar as intenções de seus idealizadores, é ainda necessário analisar o conteúdo de editoriais e artigos assinados por Inojosa, que exprimiam a opinião do vespertino carioca, e dar conta das representações aí elaboradas do Estado Novo de Getúlio Vargas e dos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial.

24. É importante lembrar que a publicação de livros antibritânicos também foi uma marca da propaganda nazista, que se empenhou em atacar os ingleses desde o início do conflito, em 1939. Para exemplos de tais publicações, ver Medefind (1939) e Raubstaat (1941).

2

LINHA EDITORIAL DO *MEIO-DIA*: CONTINUIDADES E RUPTURAS

Os editoriais e os artigos de Joaquim Inojosa expressavam a opinião do jornal, razão pela qual foi necessário analisar, em detalhes, todo o material. Essa empreitada permitiu distinguir duas temáticas principais: o Estado Novo, com menor número de textos, e a Segunda Guerra Mundial, que tomou vulto crescente nas páginas do vespertino. Em relação à primeira, destaca-se a exaltação de Vargas e do regime. No que diz respeito à segunda, o jornal tomou posições variadas em relação aos beligerantes, conforme o desenrolar do conflito. De fato, em 1939 teve postura pró-Aliados, para, em 1940-1941, tornar-se inimigo acerbo da Inglaterra ao mesmo tempo em que defendia a Alemanha; por fim, em 1942 a publicação conheceu dificuldades após o rompimento de relações diplomáticas do Brasil com os países do Eixo.

O Estado Novo nas páginas do *Meio-Dia*

De março até setembro de 1939, quando se iniciou a guerra, o Estado Novo e suas realizações foram o tema principal dos artigos de Inojosa e dos pouquíssimos editoriais publicados. Cabe lembrar que o jornal surgiu com o intuito de defender o regime instaurado

em 1937, razão pela qual os textos que expressavam a opinião do vespertino apoiavam, de maneira incondicional, toda e qualquer ação da administração federal. Nesse período, assuntos políticos, comentários relativos à economia e referências a questões de ordem jurídica dominaram as páginas do jornal, visto que a guerra, que seria deflagrada apenas em setembro de 1939, ainda não havia se tornado o grande tema da publicação. De fato, não houve muito a se publicar sobre o conflito, visto que as operações militares na Europa estagnaram-se após a rápida campanha alemã contra a Polônia, derrotada em menos de um mês, e só foram retomadas em 1940, quando a Alemanha atacou a Dinamarca e a Noruega.

Curiosamente, o maior volume de textos dedicados ao Estado Novo deu-se nos anos de fundação (1939) e encerramento (1942) do vespertino, enquanto entre 1940 e 1941 o jornal priorizou o conflito que se desenrolava no velho continente, embora jamais deixasse de publicar textos laudatórios ao regime. É nítido que, com o início da presença dos alemães na publicação, a linha editorial se alterou, e o Estado Novo foi relegado a uma posição secundária diante da urgência de atacar a Inglaterra e louvar os alemães, tornando-se novamente candente apenas em 1942. Conclui-se, portanto, que o jornal só tornou o regime de 1937 tema dominante quando não havia quaisquer vínculos com grupos estrangeiros. Se, em 1939, o vespertino procurava encontrar seu espaço no mundo da imprensa e fazia questão de proclamar sua adesão ao Estado Novo, a questão arrefeceu e voltou a preocupar seus mentores somente em 1942, momento marcado pelo agravamento dos acontecimentos no Rio de Janeiro após o torpedeamento de navios brasileiros pelos alemães, o que atingiu diretamente o vespertino. Nesses dois anos (1939 e 1942), o apoio mais enfático ao regime vigente também pode ser compreendido como uma estratégia para tentar garantir a sobrevivência da publicação.

A despeito da variedade dos temas encontrados em 1939, o conteúdo de quase todos os textos visava a exprimir apoio ao executivo, em todos os níveis, assim como às Forças Armadas. Figuras de proa do regime recebiam elogios, caso dos ministros da Marinha, Aristi-

des Guilhem,¹ das Relações Exteriores, Osvaldo Aranha,² além de Góes Monteiro, chefe do Estado-Maior de Vargas.³ As decisões e opiniões, desses e de outros membros do governo, eram apresentadas aos leitores como acertadas e necessárias, ao mesmo tempo em que difundiam a imagem de um Estado Novo ativo e realizador, que muito contribuía para o progresso material do Brasil, num esforço de legitimação da ditadura recém-implantada. As ações realizadas no Nordeste, região de origem de Inojosa, ganhavam destaque, e o proprietário do jornal destacava não apenas o vulto dessas ações, mas o fato de atingirem áreas negligenciadas por administrações anteriores, como atestam os textos que comentavam as obras destinadas a remediar o persistente problema das secas⁴ e o desenvolvimento da in-

-
1. Em texto que comentava os esforços do governo para o aparelhamento da nossa marinha de guerra, Inojosa afirmou que “as palavras do sr. Ministro da Marinha sobre o reerguimento naval do Brasil dão ao brasileiro a certeza de que esse problema se vai resolvendo metodicamente. Saiu do terreno demagógico das discussões para o da realidade visível e patriótica” (Inojosa, 15/3/1939, p.2).
 2. Em relação à missão comercial chefiada por Osvaldo Aranha nos Estados Unidos no início de 1939, o diretor do *Meio-Dia* afirmou que “ninguém melhor do que o titular do Exterior, com a elegância moral e privilegiada inteligência que todos lhe reconhecem, para discutir assuntos de tal monta com os representantes americanos. Estreitar as relações de negócios entre o Brasil e os Estados Unidos, com as facilidades que estes lhe oferecem, constitui a política mais acertada que no momento poderíamos cultivar” (Inojosa, 24/3/1939, p.2).
 3. Em relação à candente questão da implantação da siderurgia no país, Inojosa assim se referiu às palavras de Góes Monteiro: “O problema da siderurgia, por exemplo, que há vinte anos está no tapete das discussões. Ele não se resolverá, acentuou o chefe do Estado-Maior do Exército, sem o auxílio do capital estrangeiro. Essa cooperação virá, decerto, desde que o governo ofereça, como está oferecendo, garantias concretas aos que desejarem inverter capitais na exploração das riquezas existentes em nosso país” (Inojosa, 21/3/1939, p.2).
 4. Para Inojosa, as obras “iniciadas com o sr. Epitácio Pessoa, interrompidas, e quase paralisadas, nos dois governos subsequentes, foram recomçadas após a revolução de 1930, e seguem metodicamente” (Inojosa, 16/3/1939, p.2). Insistia-se na tecla de que a Revolução de 1930 romperia com as administrações anteriores e o fato de as obras continuarem “metodicamente” denotava, de acordo com Inojosa, o caráter “realizador” dos vencedores de 1930.

dústria em Pernambuco.⁵ O Estado Novo estaria, portanto, levando a cabo um programa progressista e sério, fato até então inédito.

Assim, a exaltação de alguns de seus principais integrantes, bem como dos feitos varguistas em relação ao desenvolvimento do Nordeste, foram os principais temas registrados em 1939. É certo que, com o início da Guerra, a quantidade de textos relativos às questões internas caiu drasticamente, entretanto o tom elogioso não esmoreceu e se fez presente até o final do jornal, em outubro de 1942.

Entre 1940 e 1942, a ênfase dos poucos artigos sobre o Brasil recaiu nos feitos de Vargas no campo da siderurgia⁶ e no aparelhamento do Exército e Marinha.⁷ Além desses assuntos, merece destaque a exaltação constante da figura de Getúlio Vargas, apresentado como dotado de excepcionais qualidades de estadista, tanto nos textos de Joaquim Inojosa quanto nos editoriais publicados. Como exemplo dessa abordagem do jornal, vale a leitura do editorial publicado a respeito do discurso de Vargas em 1º de maio de 1941:

O último período do discurso presidencial foi um ato de fé nos destinos do Brasil unido, nação vigilante e que por isso mesmo

-
5. “De alguns anos a esta parte, porém, vem-se notando – como por todo o Brasil – um pronunciado esforço no sentido da industrialização, com o desenvolvimento do crédito bancário e algum incentivo dos poderes públicos.” (Inojosa, 19/12/1939, p.1-2)
 6. “Dentro em pouco, estaremos na terceira fase da nossa indústria. E, sem dependermos mais do estrangeiro, estaremos forjando os trilhos que prolongarão em todos os sentidos o nosso sistema ferroviário, as chapas com que bateremos as quilhas dos nossos navios, as caldeiras das nossas locomotivas e as armas com que reafirmaremos, em qualquer emergência, o zelo que sempre soubemos manter pela nossa soberania.” (*Meio-Dia*, 14/5/1940, p.2)
 7. “Pela nossa posição geográfica tudo indica que o exército, a esquadra e a aviação tem cada uma a sua missão relevantíssima a desempenhar quando exigirem os interesses da defesa nacional. [...] Felizmente que os nossos homens públicos estão bem avisados de tudo isso. A esquadra se vai renovando, o exército aparelha-se, e um Ministério de Aeronáutica se criou como ponto de partida para a organização das forças aéreas.” (Inojosa, 9/5/1941, p.3)

não será surpreendida pela má sorte, unida em torno do chefe em quem ela acredita, certa de que seu presidente é o maior dos americanos e um dos raros grandes homens do momento universal, pela sua visão clara das coisas, pela firmeza de seu pulso, pela elevação da sua vida de chefe e porque o Brasil se sente bem sob sua direção suprema. (*Meio-Dia*, 2/5/1941, p.2)⁸

Ao mesmo tempo em que eram divulgados textos favoráveis a Hitler e ao Terceiro Reich, Vargas foi tomado como uma espécie de “*Führer* tupiniquim”, chefe máximo e que deveria contar com a lealdade de todos os brasileiros. Tal postura em relação ao presidente não conheceu alterações ao longo do período de circulação do *vespertino*.⁹

Consoante com tal postura, o Estado Novo era exaltado como a resposta do Brasil à liberal-democracia, tida pelo *Meio-Dia* como decadente e incapaz de responder às demandas do tempo.¹⁰ A partir dos anos 1940, os responsáveis pelo jornal procuraram apresentar o

8. Esse tipo de exaltação permeou quase todos os textos do período.

9. Eis mais alguns exemplos do último ano de circulação do periódico: “Pode o povo brasileiro confiar na ação patriótica do chefe da Nação. O presidente Getúlio Vargas sempre caracterizou seus atos de homem público por uma inalterável linha de patriotismo. Os interesses nacionais serão salvaguardados, e a soberania sairá ilesa. Sobretudo porque, se o presidente Vargas é um grande patriota, sabe que conta com o patriotismo de todos os brasileiros, na hora em que a pátria os chama ao cumprimento do dever” (*Meio-Dia*, 23/2/1942, p.3) e “Resta aos brasileiros confiarem no patriotismo do presidente Getúlio Vargas, homem prudente e enérgico, em cujas mãos se acham entregues os destinos do Brasil. [...] o presidente Getúlio Vargas salvaguardará os interesses brasileiros, e agirá de maneira a colocar bem alto a dignidade do Brasil” (*Meio-Dia*, 21/2/1942, p.3).

10. “[...] o Estado Novo se afasta do comodismo lírico do passado, em que as falsas ideias pacifistas entibiavam as vontades dos nossos governantes, intoxicados dos pruridos eleitorais, num alheamento total dos reclamos mais comezinhos da sobrevivência da nossa soberania. Está banida hoje a mentalidade filosófica do *laissez faire, laissez passer* [...]. O Brasil começa a confiar em si mesmo, sentindo que urge às nações modernas tornarem-se fortes para se fazerem respeitadas.” (*Meio-Dia*, 13/3/1941, p.2)

Brasil como aliado próximo da Alemanha e dos regimes fascistas,¹¹ numa tentativa de evidenciar, para os seus leitores, que o Brasil do Estado Novo tinha mais similaridades com esses países do que com nações democráticas, como os Estados Unidos ou a Inglaterra. De qualquer forma, a exaltação do Estado Novo e o culto ao seu chefe foi uma marca do vespertino.

Em prol da paz e dos Aliados

Durante o ano de 1939, Inojosa publicou poucos artigos sobre uma possível guerra e, mesmo depois do início do conflito, não consagrou especial atenção ao problema. Assim, nos dois meses do jornal conservados nos arquivos da FCRB relativos a esse ano, há 39 artigos de Inojosa, dos quais nove tratavam especificamente da guerra, da iminência do seu início ou de temas correlatos.

Entre os tópicos dominantes estava a defesa do pacifismo. A princípio, o escritor acreditava que a guerra poderia ser evitada. Ponderava que a Europa só teria a perder, caso se visse às voltas com um novo conflito que, muito provavelmente, não teria vencedores, mas tão somente destruição. Contrapunha as tensões do velho continente à América, admirada como terra onde reinava a

11. Sobre o discurso de Vargas a bordo do Minas Gerais, afirmou-se: “É evidente que se modifica o rumo dos acontecimentos e que estes se afastam da trajetória prevista por aqueles que se aferram a fórmulas arcaicas e contemplativas. O Brasil adotou, em boa hora, o regime que lhe convém, compatível com o sentimento popular, e único, capaz de assegurar dias duradouros de paz e de trabalho profícuo. [...] Estamos diante de um velário descerrado que nos mostra uma nova idade. É preciso compreendê-la e marchar para a frente. Como bem disse o presidente Getúlio Vargas, não é o fim da civilização, mas o início de uma era nova” (*Meio-Dia*, 12/6/1940, p.1). Quando da invasão da União Soviética pela Alemanha, comentou-se que “Não, o Brasil não é neutro na luta contra a Rússia vermelha. De todo coração acompanhamos as tropas que avançam no território russo, combatendo e vencendo os soldados vermelhos para, finalmente, extinguir o cancro da humanidade hodierna que é o bolchevismo” (*Meio-Dia*, 15/7/1941, p.2).

paz e o trabalho. Segundo sua avaliação, a culpa pelo fenecimento da paz recaía sobre os países fascistas, Alemanha e Itália (Inojosa, 11/4/1939, p.2).

França e Inglaterra contavam, nesse momento, com a simpatia de Inojosa e dos editoriais, enquanto a Alemanha nazista era alvo de críticas. Essa postura pró-Aliados de Inojosa pode ser encontrado em artigo exemplar, o qual exaltava a figura do *Secretary of State for Foreign Affairs*, Anthony Eden, que buscou, a todo custo, evitar uma nova conflagração na Europa, assim como nas suas considerações sobre o primeiro-ministro inglês, Neville Chamberlain, apresentado como um político sensato, que procurou fortalecer a paz e a democracia no Velho Continente. Por ser uma síntese do posicionamento do vespertino no período, vale a pena reproduzi-lo por completo:

Eden, o simpático ex-secretário do Foreign Office, é uma das inteligências políticas mais expressivas da Inglaterra. A sua palavra dia a dia se reveste de mais autoridade, sobretudo no instante em que os acontecimentos confirmam certas previsões, feitas quando ocupava uma pasta no Gabinete. O ânimo frio do inglês recebeu, então, que o ministro precipitasse o país numa guerra. Ele apenas reagia, no momento, contra o previsto desfecho dos fatos que atualmente sacodem os nervos da Europa.

Eden tinha razão, se considerarmos o movimento de reação que ora se esboça entre as democracias europeias. Mas os adversários apresentavam, naquela época, motivos poderosos, dentre os quais o de se não encontrar a Inglaterra devidamente armada. E foi por isso que Chamberlain resolveu pacificar a Europa, enfrentando a tempestade com um guarda-chuva sem aspas...

Nada, porém, como a experiência dos fatos... Para Eden, quando no poder, apresentava-se pouco sedutora qualquer aliança da Inglaterra com os países totalitários. Hoje, a interpretarmos bem o seu último discurso, modificou-se-lhe a linguagem. Não lhe importam mais os regimes. Podem ser estes “branco, preto, cor de rosa ou vermelho”. O que interessa à velha Albion é “saber

se esse governo está disposto a ligar-se a outros, caso se torne necessário defender a paz”.

A expressão reflete bem o sentimento da democracia inglesa. Cada povo tem o regime que merece, embora, muitas vezes, seja digno de regime diferente... Mas a Inglaterra quer saber apenas da conduta internacional dos diversos países, desprezando-lhes as formas de governo. Pensassem todos assim, traçassem os ditadores essa norma de “boa vizinhança” (porque os continentes, hoje, são todos vizinhos), e talvez maior confiança mútua e certa tranquilidade reinasse entre os povos...

Esse é, porém, um princípio democrático, que só encontra eco nos espíritos formados em regimes de liberdade.

As palavras de Eden não têm oportunidade na América, onde a “conduta internacional” é clara, tradicional e coerente; onde cada povo vive bem com o seu regime, que por sinal é todo ele cor de rosa, e não inveja nem estranha o regime do vizinho.

Na Europa, entretanto, deveriam servir de paradigma, como remédio mais pronto à cura de certas enfermidades políticas, que ameaçam destruir civilizações milenares... (Inojosa, 23/3/1939)

No texto, a política inglesa figurava como modelo e contraponto aos regimes fascistas, que ameaçavam destruir a Europa numa luta insana. O texto é um exemplo claro do posicionamento do periódico a respeito da Inglaterra que, juntamente com a França, havia se batido por uma política de apaziguamento perante a Alemanha nazista, sempre de acordo com o proprietário do vespertino.¹² A França, por seu turno, foi tema de alguns editoriais, nos

12. A denominada política de apaziguamento foi uma tentativa fracassada para impedir uma nova guerra. Fizeram-se concessões a Hitler, cujo maior símbolo foi o acordo de Munique, de 1938, que cedeu à Alemanha a região dos Sudetos tchecos. Essa postura foi abandonada após a invasão de Praga pelas tropas alemãs, em março de 1939, quando ganharam força, no governo britânico, setores que duvidavam da eficácia dessa política (ver Taylor, 1979).

quais Inojosa elogiava os seus esforços em prol da paz e reafirmava sua confiança no preparo dos franceses em caso de ataque.¹³

Em 1939, o vespertino colocou-se ao lado da aliança franco-britânica, e sua postura diante da Alemanha pode ser avaliada por ocasião da escolha do cardeal Pacelli para ocupar o Vaticano. Inojosa preconizava que o novo pontífice deveria apoiar incondicionalmente as democracias, visto que as mesmas se batiam por uma “solução mais justa e mais humana”. O texto ressaltava, ainda, o caráter violento dos países fascistas, nos quais reinavam o “arbitrio”, a “força” e a “escravidão” e valorizava os países democráticos, campeões da “liberdade” e do “pensamento livre”. Ao final, o autor fez questão de enunciar que eram as democracias que lutavam pela paz (Inojosa, 3/3/1939, p.2). Embora o jornal defendesse o Estado Novo varguista, nesse ano inicial da publicação Inojosa não escondeu seu apreço pelas democracias ocidentais.

Ao longo de 1939, poucos foram os editoriais publicados no *Meio-Dia*, cabendo destacar que, tal como nos artigos de Joaquim Inojosa, evocavam o tema do pacifismo e a defesa dos Aliados. Nos 52 números consultados na FCRB, foram localizados nove editoriais, cinco dos quais tratavam da preparação para a guerra e, após setembro, da conflagração em curso. Dois exemplos da temática pacifista foram publicados próximos ao Natal (Inojosa, 23/12/1939, p.1) e Ano Novo (Inojosa, 30/12/1939, p.1) e não diferiam dos textos de Inojosa, pois lamentavam o início dos combates e apontavam os nazistas como responsáveis pelas lutas em curso. Pode-se concluir, pelos exemplares consultados, relativos ao primeiro ano de existência do *Meio-Dia*, que o vespertino fazia coro com a imprensa que ansiava pela paz e que, depois de setembro de 1939, apoiava os Aliados.

13. “Daladier falou sem arrogância, numa linguagem polida, sutil, clara, própria, mesmo, do francês. A França quer a paz, mas não teme a guerra; quer decidir certas contendas diplomaticamente, mas não admite provocações” (Inojosa, 31/3/1939, p.2)

Contra a Inglaterra

Em 1940, o *Meio-Dia* estabilizou sua configuração no formato *standard*, três edições e oito páginas. Nessa época, seus idealizadores continuaram apostando no constante uso de manchetes ruidosas, numerosas fotos e diagramação flutuante. A partir desse ano, observa-se ainda considerável alteração na linha editorial do jornal. Não por acaso, foi justamente nesse momento que as empresas *RDV* e *Transocean*, alemãs, e *Stefani*, italiana, ocuparam significativo espaço nas suas páginas. A grande maioria das notícias internacionais provinha dessas agências, que enalteciam os resultados da Alemanha na guerra em curso na Europa. Já o ano seguinte, 1941, marcou um período de expansão das atividades do *Meio-Dia*. Com efeito, Inojosa parece ter conseguido, provavelmente com a ajuda das agências telegráficas do Eixo, fundar três sucursais no exterior, precisamente em Berlim, Roma e Vichy e, ao mesmo tempo, iniciar a produção da Editora Meio-Dia, que publicou somente duas obras, de caráter anti-britânico, conforme já destacado. Nesse momento, a máquina de guerra alemã ainda parecia invencível. De fato, até a virada em El-Alamein, em 1942, e Stalingrado, no ano seguinte, os nazistas só colecionaram vitórias. Da invasão da Polônia (1939) até o arrefecimento das operações na Rússia (fins de 1941), os exércitos alemães ocuparam quase todo um continente e estabeleceram um império. Para um contemporâneo do conflito, a vitória da Alemanha parecia plausível. Entre os que acreditavam nessa possibilidade, estavam os responsáveis pelo *Meio-Dia*, particularmente seu proprietário.

É notória a modificação do lugar ocupado pelos Aliados nos editoriais e artigos de Inojosa.¹⁴ A Inglaterra, objeto de admiração e

14. Os editoriais do jornal não traziam assinatura e eram, geralmente, publicados na segunda página. Não foi possível precisar, quer por intermédio do próprio jornal, quer pelos livros de memórias de Inojosa, a autoria dos mesmos. É provável que o diretor do *Meio-Dia* fosse o responsável, mas não há como confirmar tal suposição.

respeito ao longo de 1939, transformou-se no país mais atacado pelos textos que expressavam a opinião do jornal. Durante todas as operações e fases da guerra, do ataque à Dinamarca e Noruega até a entrada dos Estados Unidos no conflito, registram-se inúmeros comentários depreciativos sobre os ingleses, pelos mais variados motivos. Dentre os mais recorrentes, estava a acusação de deslealdade, daí ser chamada de Pérfida Albion,¹⁵ a pecha de terra da plutocracia, a fraqueza e ineficácia de seu exército, a propaganda mentirosa, críticas ao bloqueio marítimo inglês, estratégia para assassinar o povo alemão pela fome e a corrupção dos políticos ingleses.

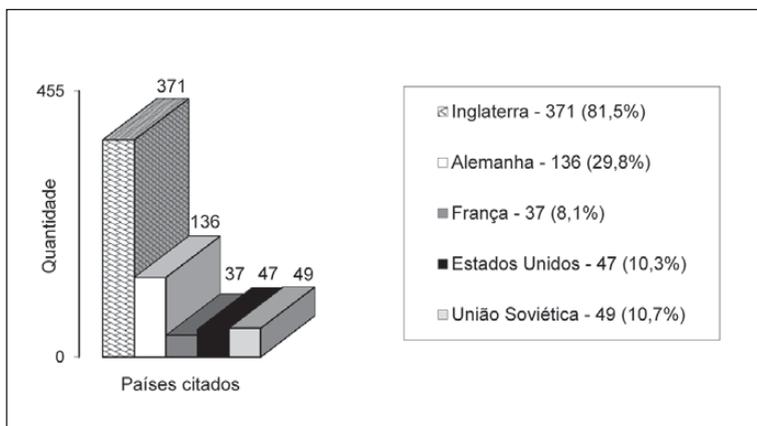
Entre abril e dezembro de 1940 e março e dezembro de 1941, período coberto pela coleção do *Meio-Dia* da FCRB, foram publicados 588 editoriais, dos quais 455 versavam sobre o conflito (Gráfico 1). Inojosa, por sua vez, assinou 346 artigos, dos quais 231 tinham a guerra como tema (Gráfico 2). A Inglaterra foi objeto de críticas em 371 editoriais e 158 artigos de Inojosa. Todavia, é preciso assinalar que editoriais e artigos também citavam ou faziam referências a outros países, notadamente a Alemanha, França e Estados Unidos. De todo o material analisado, a Inglaterra foi o principal alvo de pesadas críticas, que foram se tornando cada vez mais radicais. Os julgamentos expressos nas páginas do *Meio-Dia* foram igualmente inflamados em relação à União Soviética, atacada pela Alemanha em 22 de junho de 1941.

Nos anos 1930 e 1940, a Grã-Bretanha já não desfrutava, no cenário internacional, do mesmo poder que detivera na época vitoriana, mas ainda possuía extensas colônias e domínios ao redor do globo, o que lhe garantia lugar entre as grandes potências. Para a Inglaterra, conceder destaque aos ataques alemães significava diminuir a força dos ingleses e afirmar o poder da Alemanha que, se-

15. A expressão tem raízes na Idade Média e sua origem é, provavelmente, francesa. Remete à suposta deslealdade britânica, patente no fato de haver abandonado seus aliados à própria sorte, em mais de uma guerra. Nos anos 1940, serviu aos interesses da propaganda nazista, para atacar a moral dos países que combatiam ao lado da Inglaterra (ver Schmidt, 1953, p.604-16).

gundo a opinião do(s) editoralista(s) e do diretor do vespertino, seria a nova senhora do mundo. Consideração de natureza semelhante aplicava-se à Rússia, sendo que o alvo aqui era o regime comunista. Dessa forma, a glorificação da Alemanha se fazia presente mesmo quando o assunto eram os outros países. Havia, assim, uma exaltação direta, quando os alemães eram tema de editoriais e artigos, e outra indireta, pois os países atacados pelo Reich eram alvo de pesadas críticas.

Gráfico 1 – Editoriais relacionados à Segunda Guerra Mundial (1940-1941).

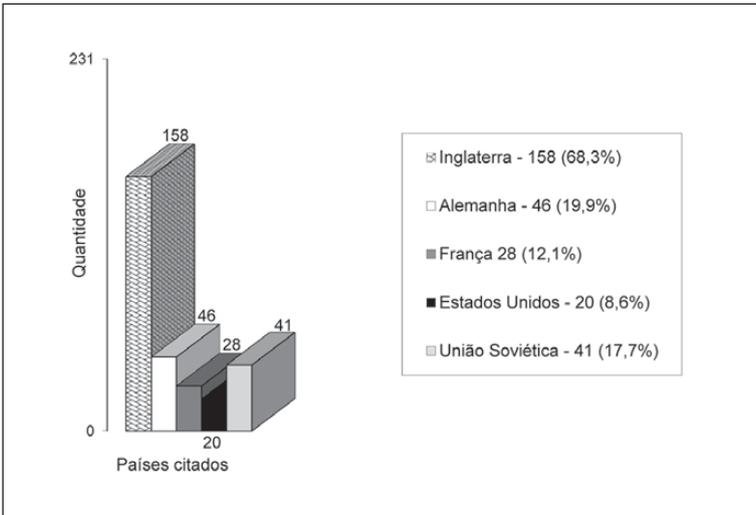


É digno de nota que, a partir do início de 1940, França e Inglaterra passaram a ser apresentadas como causadoras da guerra. Alguns dias antes do início da campanha da Noruega, iniciada em 9 de abril de 1940, nos artigos de Inojosa e nos editoriais há uma série de ataques aos ingleses, responsabilizando-os pelo início do conflito.¹⁶ O

16. “De parte da Inglaterra, todos os esforços se voltavam para a concatenação dos elementos mundiais em preparo da guerra. [...] Mas, a intriga continuou dominando por todos os cantos oficiais da Inglaterra, sobretudo. Porque a Inglaterra foi a alma danada desta guerra no seu preparo, como o é agora, no prosseguimento do conflito. [...] Pouco a pouco, a trama sinistra se define nos

título do editorial, “Livro Branco Alemão”, fazia referência a uma coleção de documentos publicados pelo Reich que elucidava a eclosão da guerra e apontava os “responsáveis” pelo fato. O *Meio-Dia* valeu-se da obra para fazer da “perfidia inglesa” a única causadora do conflito em curso e de outros ocorridos no passado. Asseverava que, em breve, a Inglaterra seria vencida pelos alemães, o que a impediria de continuar criando “discórdia” entre os povos. Ao indicar a Inglaterra como culpada pela guerra, o autor livrava a Alemanha de qualquer participação na eclosão do conflito, muito embora o Reich tivesse invadido a Polônia em 1º de setembro de 1939, o que levou os Aliados à guerra dois dias depois.

Gráfico 2 – Artigos de Joaquim Inojosa – Segunda Guerra Mundial – 1940-1941.



seus contornos e, finalmente, aparece a mão do criminoso preparador de guerras, de todas as guerras passadas e presentes. Das guerras futuras não, por que – é uma prece fervorosa ao Todo Poderoso que fazemos – esse criminoso deixará de existir como elemento malfazejo dentro de breves tempos. Nasceu da guerra, viveu dela e há de morrer dessa indústria malfadada...” (*Meio-Dia*, 6/4/1940, p.3)

Outro texto sobre o mesmo tema foi publicado quando os exércitos alemães já haviam atacado Holanda, Bélgica, Luxemburgo e França. Nele, afirma-se que a proposta de paz feita pelos alemães, ainda em 1939, foi considerada, por ingleses e franceses, um “ato de fraqueza” da Alemanha, erro fatal de cálculo, tendo em vista que, nesse momento, parte considerável da Europa já se dobrara ao poderio germânico, apesar do bloqueio marítimo inglês imposto à Alemanha.¹⁷

O título do editorial tem seu nome retirado de *Tu l’as voulu, George Dandin*, expressão utilizada na peça de Molière, *George Dandin ou le Mari confondu*, de 1668, que significa “É sua culpa, George Dandin” ou “Você pediu por isso, George Dandin”. Trata-se de alusão ao bloqueio marítimo inglês contra a Alemanha que, supostamente, trazia prejuízos para a própria Inglaterra. Na visão do autor, a derrota e ocupação da Noruega e da Dinamarca pelos alemães teriam privado as Ilhas Britânicas de produtos desses países, o que acarretaria fome para os britânicos e não para os alemães. Além disso, França e Inglaterra eram acusadas de pretenderem assassinar mulheres e crianças alemãs como forma de vencer o país. Como se vê, o tom dos editoriais era bastante hostil aos Aliados e, principalmente, aos ingleses.

A capitulação da França e o fato de a Inglaterra restar como o último inimigo a ser derrotado fizeram subir o tom dos editoriais e

17. “Agora a França e a Inglaterra têm a guerra que elas queriam! Elas iniciaram contra todos os preceitos do direito internacional o bloqueio contra a Alemanha e vaticinaram que a morte pela fome de milhões de mulheres e de crianças alemãs em breve tornaria o Reich mais acessível aos seus desejos. [...] Hoje eles se encontram diante do montão de ruínas dos seus próprios planos. [...] A fome que a Inglaterra havia reservado a mulheres e crianças alemãs bate hoje nas próprias portas dos ingleses. Nada mais se ouve falar hoje do bloqueio inglês contra a Alemanha; mas a Alemanha tirou à Inglaterra 15 milhões de contos da sua importação, procedente dos países do norte da Europa. E esta perda não pode ser compensada por nada. A Inglaterra declarou à Alemanha guerra até ao extermínio. Ela mesma é a única culpada, se hoje as consequências deste plano ‘humano’ recaem sobre o próprio povo inglês.” (*Meio-Dia*, 21/5/1940, p.2)

dos artigos de Inojosa. À intensificação das críticas, que se tornaram cada vez mais ácidas, correspondeu a multiplicação dos textos, que dobraram após a queda da França e chegaram ao ápice com a Batalha da Inglaterra. De acordo com John Keegan (2005, p.94):

A Batalha da Inglaterra, historiadores concordariam em retrospecto, teve cinco fases de improvisação alemã: primeiramente, a “Batalha do Canal” (*Kanalkampf*) de 10 de julho a começo de agosto; em seguida, a “Operação Águia”, começando no “Dia da Águia” (*Adlertag*), 13 de agosto, a fase “clássica” de combate aéreo entre a Luftwaffe e a Royal Air Force, a qual durou até 18 de agosto; depois, a mudança dos esforços de ofensiva da Luftwaffe contra as bases aéreas do Comando de Caças, de 24 de agosto a 6 de setembro; então a Batalha de Londres, de 7 a 30 de setembro, quando, diariamente, os pilotos da Luftwaffe escoltaram seus bombardeiros, à luz do dia, em crescentes e custosos ataques contra a capital britânica; e, finalmente, uma série de ataques menores até o final “oficial” da Batalha em 30 de outubro.¹⁸ [tradução livre]

A Inglaterra era bombardeada quase que diariamente pelos pilotos alemães, o que acarretou enormes prejuízos para Londres, Liverpool, Coventry, dentre outras cidades. Os editorialistas e Inojosa aproveitaram esse novo filão para demonstrar a fraqueza e a

18. “The Battle of Britain, historians would agree in retrospect, was to fall into five phases of German improvisation: first the ‘Channel Battle’ (*Kanalkampf*) from 10 July to early August; then ‘Operation Eagle’, beginning on ‘Eagle Day’ (*Adlertag*), 13 August, the ‘classic’ phase of aerial combat between the Luftwaffe and the Royal Air Force, which lasted until 18 August; next the Luftwaffe’s switch of offensive effort against Fighter Command’s airfields from 24 August to 6 September; then the Battle of London, from 7 to 30 September, when the Luftwaffe’s fighters escorted its bombers in daily, daylight and increasingly costly raids against the British capital, and finally a series of minor raids until the Battle’s ‘official’ end on 30 October.” (John Keegan, 2005, p.94)

incapacidade dos ingleses de continuar no conflito, como se observa no curioso editorial “A sombra da derrota”, de outubro de 1940, no qual se utilizava uma pequena narrativa para tornar mais ácidas as críticas aos britânicos. Vale acompanhar a argumentação na sua íntegra:

(A cena, rápida, passa-se numa rua de Londres, pequeno intervalo entre dois alarmes aéreos, encontrando-se ali o major Attlee e um dos seus eleitores, o operário John Smith).

Attlee – Alô, Smith! Como vai? Você leu o meu último discurso, cujo ponto culminante foi a frase “A sombra da derrota paira sobre a Alemanha?”

Smith – Sim! Uma bela frase! Mas, infelizmente, apenas uma frase!

A. – Como então Smith! Você então não concorda comigo que a Alemanha está às portas da derrota?

S. – Ora, major! Nós estamos aqui sozinhos e ninguém nos ouve! Podemos, portanto, falar a verdade. Eu acho que a sombra que o senhor viu não passa de um fantasma. Para sobreviver uma derrota definitiva há de ter havido antes derrotas parciais. E o senhor me indique uma única derrota da Alemanha!

A. – Mas Smith, eu não entendo você. Você então não ouviu falar da proeza gloriosa dos nossos homens em Dunquerque?

S. – O major disse proeza gloriosa, ou retirada gloriosa?

A. – Eu disse proeza gloriosa porque conseguimos salvar quase todos nossos homens, embora tenha ficado lá no continente todo o nosso belo equipamento!

S. – Sim! Foram-se os anéis mas ficaram os dedos! Para falar com franqueza, major, toda a nossa história militar desta guerra não passou até agora de “retiradas gloriosas!” Vejamos: Retiramos, primeiro, gloriosamente, nosso corpo expedicionário da Linha Maginot! Seguiu-se a retirada vitoriosa de Dunquerque! Houve, antes, as retiradas gloriosas de Andalsnesse e Namsos, onde só não perdemos nosso equipamento porque os alemães não nos deixaram tempo de desembarcá-lo. A seguir, a retirada glo-

riosa de Narvik, da qual nem é bom falar, pois não desejo atacar um colega de gabinete do senhor, cuja propaganda nos dizia, diariamente, que havíamos tomado Narvik. Em tempos mais recentes e em outros continentes, houve a retirada gloriosa da Somalilândia; seguiu-se a retirada gloriosa de Sidi el Barani; e, finalmente, há poucos dias, a retirada gloriosa de Dakar, por cuja causa, como informou o sr. Churchill na Câmara dos Comuns, algumas altas patentes das nossas forças armadas terão de se sentar no banco dos réus de um Conselho de Guerra. Como vê, major, retirada gloriosa, após retirada gloriosa!

(Neste momento soam as sirenes de alarme aéreo).

A. – Você tem sorte, Smith, que soem as sirenes. Pois, de outra maneira, eu iria lhe explicar que foram vitórias todas aquelas retiradas gloriosas! (Afasta-se rapidamente para procurar refúgio).

S. – (sozinho) – Se isso se chama: paira sobre a Alemanha a sombra da derrota, então o que paira sobre a Inglaterra? A escuridão da derrocada?! (Começam a cair as primeiras bombas alemãs). (*Meio-Dia*, 10/10/1940, p.2)

Clement Attlee foi líder do Partido Trabalhista durante a Segunda Guerra e membro do governo de coalizão liderado por Winston Churchill, além de primeiro-ministro inglês no imediato pós-guerra (Morgan, 2001, p.632-5). Recebeu a patente de major na Primeira Guerra Mundial. Já o operário John Smith representava o inglês comum, cansado de ser iludido pelas mentiras propagadas pelo governo. Uma após outra, Smith enumera todas as retiradas gloriosas que a Inglaterra tomou parte, inclusive a de Dunquerque, e afirma que a Inglaterra sofria a escuridão da derrocada, pois era incessantemente bombardeada pelos aviões da Luftwaffe. Além disso, na fala de Smith, o governo britânico era ineficiente, pois levaria o Reino Unido ao desastre. Attlee foge de seu interlocutor ao ouvir a sirene antiaérea, o que denuncia a falta de responsabilidade dos membros do governo para com a população, deixada à mercê dos ataques. Por fim, vale registrar que, na

narrativa, apenas o governo britânico era acusado; a população, representada por Smith, não tinha qualquer parcela de culpa no fracasso das operações de guerra, e era apresentada como vítima dos políticos, tema recorrente na propaganda nazista.

À medida que a batalha aérea progredia, iniciaram-se pesados ataques do jornal à propaganda britânica, apontada como mentirosa e difusora de falso otimismo. Exemplo dessa postura crítica foi o editorial “Êxtase de propaganda”, de 27 de agosto de 1940. O texto contém grande parte dos temas antibritânicos até aqui descritos, uma vez que assegurava que a imprensa e o rádio difundiam falsas notícias de vitórias dos pilotos britânicos, que nada mais seriam do que uma máscara para ocultar a verdadeira situação do país, prova da má-fé daqueles que conduziam a política na ilha. O autor desse editorial acreditava que se vivia sob efetivo estado de emergência, fruto dos ataques alemães, e insistia no fato de a Inglaterra haver traído e usado outros países para lutar por ela, abandonando-os quando mais precisavam.¹⁹ Em outra parte do texto, lembrava que, enquanto os meios de comunicação cantavam vitórias, cidadãos ingleses eram encarcerados simplesmente por morarem próximos de regiões atacadas, e que mesmo os jornalistas estrangeiros estavam proibidos de registrar os estragos causados pelos bombardeios, tamanho os prejuízos.

19. “O rádio e a imprensa da Inglaterra procuram, nos últimos oito dias, vencer um ao outro, num verdadeiro páreo de otimismo áureo. Mas, apesar de se apertar cada vez mais a rosca da censura oficial britânica, aquele que sabe ler nas entrelinhas dos jornais ingleses encontra bastante material para fazer uma ideia exata sobre a situação reinante, hoje, na Inglaterra. [...] Uma ilha acha-se em chamas, visto ela ter ousado lançar a tocha de guerra para a Europa e, isto unicamente no interesse plutocrata de uma pequena camada dominante. Estes, os causadores desta guerra, já estão preparando a sua retirada. O Canadá é a miragem, onde esperam poder colocar em segurança suas vidas preciosas. [...] houve outras vítimas de sangue destes provocadores de guerra: a Noruega, a Bélgica, a Holanda e a França. A todas elas a Inglaterra só prestou auxílios no papel. A propaganda inglesa fez ecoar o mundo de vitórias que eram derrotas e conquistas que de fato, significavam a destruição completa das tropas britânicas.” (*Meio-Dia*, 27/8/1940, p.2)

A apresentação da elite política inglesa como uma plutocracia, interessada em acumular bens e dinheiro, foi outro tema recorrente de vários editoriais e dos artigos de Inojosa. Os políticos ingleses, provenientes das classes mais abastadas, estariam dissociados da população, que sofreria sozinha os horrores da guerra. Além do mais, esse grupo, único responsável pelo início da guerra, cuidava de seus próprios interesses e procurava refúgio no Canadá, deixando o povo à mercê dos ataques. Vale ressaltar que, nos textos de Inojosa e nos editoriais, o governo inglês era o único responsável pela terrível fatalidade reservada à Inglaterra, e não a população das ilhas, meras vítimas dos plutocratas britânicos, argumento idêntico ao veiculado na Alemanha.

Joaquim Inojosa, na maioria de seus textos, fez eco aos editoriais, pois também denunciava as supostas mazelas e crimes praticados pelos britânicos. Veja-se, a título de exemplo, o artigo de julho de 1940, quando a Inglaterra já lutava sozinha contra os alemães. O diretor do vespertino publicou texto afirmando que a teimosia britânica em não aceitar a segunda proposta de paz de Hitler custou ao Reino Unido a ocupação de vários países aliados. A proposta do líder alemão era apontada como um ato de misericórdia para com um adversário moribundo, que já não tinha capacidade de se defender sozinho. Ao citar os londrinos, que afirmavam que a Alemanha não suportaria uma guerra longa, Inojosa queria mostrar que os ingleses é que não aguentariam um conflito de longa duração, pois o isolamento de seus habitantes nas ilhas, acossados por um exército até então invencível, tornavam escassas as chances de vitória. Além disso, a dependência inglesa de suas colônias seria fatal, pois o contrabloqueio alemão levaria ao colapso do abastecimento e à derrota do país.²⁰

20. “Mais uma vez a chamada opinião pública inglesa – que não é senão a de Churchill – desdenha da proposta feita pelo chanceler Hitler. Proposta de paz de um vencedor, que antes de lançar-se contra o inimigo lhe estende a mão generosa. Essa displicência britânica é que deu em resultado o sacrifício da França, da Noruega, da Bélgica e da Holanda. [...] Se há um povo que, de fato, não poderá resistir a uma guerra longa com o Reich, nas circunstâncias atuais,

Inojosa diferenciou-se dos editoriais por citar, em vários artigos, os judeus como influência negativa por trás (ou como parte constituinte) do governo britânico. Com uma radicalidade crescente, o diretor do *Meio-Dia* confiava na vitória da Alemanha, não apenas pela precisão e perícia de seus pilotos, mas igualmente pelo fato de o país travar uma luta para “destruir o imperialismo britânico, chave do judaísmo internacional”, cujos agentes eram os capitalistas e plutocratas da *City* de Londres. Tal concepção foi reafirmada ainda em outros textos, o que demonstra a sua gradual conversão aos ideais da propaganda de guerra germânica. Além disso, os ingleses, mais uma vez, supostamente difundiam pela BBC mentiras para demonstrar que o poderio alemão estaria se esvaindo.²¹

A real situação militar em outubro, todavia, não significava nem uma derrota alemã e muito menos uma vitória inglesa. Segundo o historiador britânico Richard Overy,

O fracasso alemão para ganhar supremacia aérea era certo em outubro, quando o combate aéreo lentamente diminuiu. Nenhum lado foi derrotado em qualquer sentido convencional. Embora o campo de batalha estivesse sujo com os escombros da batalha, as duas forças de aviões de combate tinham cada uma, em outubro, por volta de 700 aeronaves operacionais e número suficiente de

é o inglês. As ilhas britânicas quase nada produzem para alimentar a população. Tudo são os “súditos de Sua Majestade”, lá pelos domínios ou colônias, que preparam para os *weekend* britânicos. Daí a necessidade de manter sem interrupção os comboios da Índia ou da África ou da América... Bloqueadas essas ilhas, terão de render-se assim que se lhes esgotem as reservas de certos víveres...” (Inojosa, 22/7/1940, p.2)

21. “E é de ver com que sorriso os anglófilos manifestam a convicção de ter a Alemanha... perdido a guerra. Só e só porque os céus britânicos em tal dia não foram visitados pelos caças germânicos. [...] Essa é, porém, a impressão de quem está de longe. E de quem ouve apenas a lenga-lenga noturna da “bêbêcê”. [...] Só os cegos – os de espírito, bem entendido – não veem que não é por amor à arte de treinar que os aviadores alemães arriscam diariamente suas vidas, tocados pela flama patriótica de uma causa universal – qual a de destruir o imperialismo britânico, chave do judaísmo internacional.” (Inojosa, 29/10/1940, p.2)

pilotos treinados para usá-las, um balanço de forças não muito diferente daquele do início da batalha. As perdas alemãs excederam grandemente àquelas da RAF por conta da vulnerabilidade de bombardeiros e bombardeiros de mergulho. Entre 10 de julho e 31 de outubro a RAF perdeu 915 aeronaves, a força aérea alemã 1.733. Perdas nos dois lados foram logo compensadas. O resultado foi, tecnicamente, um empate forçado. As forças britânicas tinham pouca perspectiva de reentrar na Europa continental; e as forças alemãs não podiam, nas presentes circunstâncias, invadir ou ocupar a Inglaterra”.²² (Overy, 2004, p.116-7; tradução minha)

Vale ainda lembrar que, depois da queda da França, a posição política e militar da Inglaterra era bastante precária. Embora pudesse contar com apoio material dos norte-americanos, o país seguia sozinho na guerra, era bombardeado constantemente pela Luftwaffe e não poucos julgavam tratar-se do ocaso do Império Britânico, que seria em breve subjugado pela Alemanha nazista. Segundo Joachim Fest (2006, p.726), historiador e biógrafo de Hitler, a situação em fins de 1940 era bastante delicada:

As ações militares foram acompanhadas de uma tentativa de levar a Inglaterra a ceder por meio da formação de um “bloco continental” englobando a Europa inteira. As circunstâncias para a

22. “The German failure to win air supremacy was beyond doubt by October as the air conflict slowly subsided. Neither side was defeated in any conventional sense. Though the battlefield was littered with the debris of combat, the two fighter forces in October each had around 700 operational aircraft and sufficient numbers of trained pilots to fly them, a balance of forces not very different from the start of the battle. German losses greatly exceeded those of the RAF because of the vulnerability of bombers and dive-bombers. Between 10 July and 31 October the RAF lost 915 aircraft, the German Air Force 1733. Losses on both sides were soon made good. The outcome was technically a stalemate. British forces had little prospect of re-entering Continental Europe; German forces could not, under present circumstances, invade or occupy Britain.” (Overy, 2004, p.116-7)

realização desse objetivo pareciam favoráveis. Uma parte da Europa já era fascista, outra estava ligada ao Reich por simpatias políticas ou por tratados [...] Os êxitos militares não só haviam feito de Hitler o ditador mais temido do continente, como também tinham ampliado consideravelmente a aura que emanava dele e de seu regime; ele parecia encarnar o poder, o momento histórico e o futuro, enquanto a derrota da França, principalmente, era sentida como a prova da impotência e o fim do sistema democrático [...] Hitler surgiu no papel de “juiz supremo”, os povos solicitavam seus conselhos e ele tinha nas mãos o destino do continente.

Embora uma invasão terrestre alemã não se concretizasse, a situação do Reino Unido era difícil, pois os alemães dominavam quase todo o continente europeu. Entre os contemporâneos, não poucos acreditavam que a Alemanha sairia vitoriosa, uma vez que os britânicos eram tidos como incapazes de desfechar um ataque decisivo contra Hitler em 1940. Tal fato também explica a inabalável confiança no Reich, que transparece nos editoriais e nos textos de Inojosa. De acordo com o historiador Andrew Roberts (2010, p.118),

Para os estrategistas britânicos um grande vazio se abriu. Onde o Eixo atacaria em seguida, agora que a Europa estava completamente fechada? Mais uma falta de alguma alternativa viável do que qualquer outra coisa, assim como para proteger os interesses britânicos mais além no exterior, a guerra foi transferida para o litoral norte africano e para o Mediterrâneo. Assim, a vitória na batalha da Inglaterra pareceria como um incidente isolado em uma luta perigosa e imprevisível.²³ [tradução minha]

23. “For British strategists a vast void had opened up. Where were they to strike the Axis next, now that Europe was completely closed off? More out of a lack of any viable alternative than anything else, as well as to protect British interests further afield, the war was transferred to the North African littoral and the Mediterranean. Soon the victory of the battle of Britain was to seem like an all too isolated incident in a dangerously unpredictable struggle.” (Roberts, 2010, p.118)

Além do fato desses textos se referirem, pejorativamente, ao suposto arqui-inimigo da Alemanha, a Inglaterra, eles ressaltavam a fraqueza das Ilhas Britânicas e dos ingleses frente ao poderio da máquina de guerra alemã. Segundo o historiador inglês David Welch, que se dedicou ao estudo da propaganda nazista, “nos primeiros anos da guerra, a propaganda [alemã] teve uma tarefa simples, capitalizando as vitórias da *blitzkrieg*” (Welch, 1995, p.91).²⁴ No período em apreço, os alemães puderam reverter seus sucessos militares em propaganda política, na qual construíram imagens de seus inimigos. Anthony Rhodes (1987, p.31) assim descreveu a propaganda nazista contra a Inglaterra:

A Inglaterra era representada como a cidadela da “plutocracia”, onde um punhado de financistas corruptos, a maioria deles judeus, encorajava hostilidades em âmbito internacional, pois isso incrementava suas riquezas, além do seu domínio sobre o trabalhador pobre. Os alemães não tinham disputas com as massas inglesas, [...] somente com seus governantes”.²⁵ [tradução minha]

Os artigos de Inojosa e os editoriais expressavam ideias muito semelhantes para descrever os governantes ingleses, ao mesmo tempo em que eram embalados pelas recentes vitórias alemãs. O fracasso de boa parte das ações militares inglesas na Europa, seguido do bombardeio incessante das Ilhas Britânicas, proviam argumentos para os simpatizantes do nazismo. De fato, a Inglaterra só iria ter algum sucesso militar efetivo na Batalha de El-Alamein, travada em finais de 1942, quando o vespertino já não existia. Em-

24. “[...] in the first years of the war, propaganda had a relatively easy task capitalising on the *blitzkrieg* victories.” (Welch, 1995, p.91)

25. “England was depicted as a citadel of “plutocracy”, where a handful of corrupt financiers, most of them Jews, encouraged international warfare, because it increased their wealth, as well as their hold over the poor workingman. The Germans had no quarrel with the English masses, [...] only with their rulers.” (Rhodes, 1987, p.31)

bora seja plausível supor que Inojosa e o(s) autor(es) dos editoriais tenham se apropriado de temas da propaganda nazista vigente na Alemanha, o recebimento de telegramas diários das agências de notícias favoráveis à causa alemã facilitavam a construção de críticas contra os ingleses.

Os textos a respeito dos ataques aéreos alemães sobre a Inglaterra quase cessaram no início de 1941 devido à fragilidade do argumento que mostrava o Império Britânico como derrotado e próximo da rendição. Todavia, as críticas à Inglaterra não cessaram pois, se a ofensiva da Luftwaffe não provocou a derrota do país e nem um acordo de paz, o jornal rapidamente mudou de assunto e passou a abordar a campanha do norte da África. Além disso, cabe destacar que se repetiu, à exaustão, críticas semelhantes às já analisadas, atualizadas em função do desenrolar do conflito. É preciso ter em conta, ainda, que o país era o último bastião democrático na Europa, já que boa parte do continente estava ocupada pela Alemanha (caso da Polônia, da França e países do Oeste europeu) ou possuíam regimes autoritários (Espanha, Portugal, Bulgária e Romênia). Ao amparar os germânicos, o jornal também apoiava a destruição da democracia, e, dessa forma, se colocava plenamente a favor da Alemanha de Hitler e também do regime autoritário brasileiro, que procurava se aproximar dos congêneres europeus.

Um bom exemplo da abordagem dada à propaganda veiculada pelas agências telegráficas inglesas pode ser visto no editorial “Propaganda errada”, que caçoava dos comunicados de guerra emitidos por Londres. Nos editoriais de 1941, foi constante a menção a supostas estratégias britânicas, que consistiriam em divulgar notícias de vitórias sobre os alemães, só para em seguida desmenti-las. Mas, pior que os desmentidos eram as notícias forjadas, destinadas a se fazer crer que a Inglaterra seguia uma vida normal, apesar das bombas que ainda eram jogadas sobre o país pela Luftwaffe no começo de 1941. A julgar pelos editoriais, o Reino Unido estaria vencido e a propaganda britânica, na tentativa de levantar o moral da sua população e ganhar a simpatia de lei-

tores no exterior, se valeria de absurdos formulados por loucos, nos quais poucos acreditariam. Esse tipo de texto foi bastante frequente em 1941, a ponto de tornar enfadonha a leitura dos artigos e editoriais.²⁶

Joaquim Inojosa não agiu de outra forma ante aos comunicados ingleses, e repetiu as mesmas ideias elaboradas nos editoriais quando os alemães enfrentavam tropas anglo-gregas-iugoslavas nos Bálcãs. Mais uma vez, surge a ideia de que os ingleses a princípio venciam, mas logo eram desmentidos pelos fatos, que davam vantagem aos alemães. Embora não esteja explícita no texto, a agência citada por Inojosa é a Reuter, importante órgão inglês que veiculou os comunicados oficiais britânicos durante o conflito. A empresa foi citada (explícita ou implicitamente), ao longo de 1941, como cúmplice na difusão de propaganda veiculada pelo Ministério da Informação de Londres. Mais uma vez, deve-se destacar a

26. “Trata-se dum sistema que foi engenhoso, talvez, nas primeiras quatro semanas da guerra atual, mas que começou a aborrecer: o sistema de jogar com frases tonitruantes, de focalizar utopias, de inventar e, finalmente, empregar todos os meios para apresentar a causa perdida dos britânicos numa fictícia iluminação de bem-estar. Leia-se hoje a descrição tortuosa e simplesmente incrível que uma agência telegráfica inglesa faz do último e mais furioso bombardeio que sobre Londres jamais passou. Relatando primeiramente a eficiência com que agiram os pilotos alemães no seu *raid* de represália, a mesma agência, decerto para minorar a má impressão que o leitor internacional terá da perfeita ineficiência da arma antiaérea londrina, começa a contar histórias que unicamente podem ser geradas no cérebro de insanos ou, quem sabe, de desesperados. Por exemplo: um homem tinha perdido a chave de sua casa. Vieram as bombas germânicas e a casa daquele cidadão britânico ficou literalmente destruída. Que fez o homem? Lastimou-se? Ficou triste? Seriam reflexos perfeitamente normais numa pessoa que acaba de perder tudo o que possuía! Mas, não. A agência telegráfica oficial inglesa fez aquele homem exultar de alegria: ‘Graças a Deus! Agora já não preciso mais daquelas chaves!’ Outra daquele comunicado: ‘[...] O tráfego funcionava normalmente!’ Daí, se deve tirar a conclusão de que as bombas alemãs não causaram prejuízo algum!? [...] A propaganda oficial britânica, no entanto, inventa histórias que demonstram uma falta de espírito dum lado, e, de outro lado, uma insensatez da qual se pode dizer unicamente que os seus autores são insanos.” (*Meio-Dia*, 19/4/1941, p.2)

unidade das críticas veiculadas no vespertino, que operavam segundo um padrão.²⁷

Não parece demais afirmar que o *Meio-Dia*, em 1940 e 1941, operava como um dos órgãos difusores da doutrinação de guerra nazista no Brasil. Se os ingleses eram obrigados a usar a propaganda enganosa para elevar o moral de sua desanimada população, isso era o resultado, segundo o vespertino, dos constantes desastres militares protagonizados pelos soldados ingleses, que supostamente fugiam dos combates, ao invés de enfrentar os germânicos. Este foi outro ponto bastante abordado em editoriais e artigos de Inojosa. A chamada Operação *Crusader*, ofensiva no norte da África lançada pelo general Alan Cunningham, em meados de novembro de 1941, contra alemães e italianos, forneceu oportunidade para comentários do jornal. O texto, exemplar desse tema, merece ser reproduzido:

A agência oficial britânica comunica agora um grande sucesso que o general Cunningham teria conseguido no Oriente Próximo sobre as forças teuto-italianas. [...] O fato da involuntária confissão de que nesta guerra os britânicos sempre estiveram em retirada diante dos soldados do Eixo, não é motivo de preocupações em Londres. Os ingleses de hoje são modestos. Pelo menos “uma”

27. “Gregos e sérvios avançam. Invadida a Bulgária pelos ingleses! A Hungria já não é mais soberana! Detida a ofensiva alemã! Esses e outros os dísticos alarmantes que certa agência telegráfica espalha no seu noticiário pelos jornais do Rio. [...] Horas depois, a mesma agência distribui pelos mesmíssimos periódicos, os comunicados oficiais. É como se diz vulgarmente, ‘água fria na fervura’. Os fatos desmentem tudo quanto a propaganda inglesa assoalhou, com o fim exclusivo de levantar a moral do seu povo, dos seus súditos, do seu exército de simpatizantes... [...] Ainda ontem, as primeiras edições de todos os vespertinos exaltavam as avançadas anglo-greco-iugoslavas. Dizia-se que a ofensiva alemã fracassara, e que tudo ia mal para as tropas do Reich. Mas à tarde uma peninha atrapalhou tudo – o comunicado oficial grego. O qual confessava que os soldados germânicos haviam alcançado o mar Egeu; que tinham estabelecido uma barreira entre os exércitos gregos e iugoslavos; que o exército iugoslavo do sul fugia desordenadamente.” (Inojosa, 9/4/1941, p.2)

vitória foi conseguida, pelo menos “uma” vez os soldados de Sua Majestade avançaram em vez de recuar, como sempre acontece. Isso já basta. Deixemos os britânicos e sua modéstia e olhemos os fatos. O comunicado alemão, como também o italiano, informam que os ingleses (aliás, ingleses não, e sim, tropas neo-zelandesas, australianas e indígenas de outros domínios e colônias) foram rechaçados numa tentativa de ataque levada a efeito no dia 18 de novembro, na África Setentrional. Em contra-ataques infligiram ao inimigo pesadas baixas. [...] Numa barraca, em qualquer lugar do deserto, o general Cunningham está talvez a esta hora refletindo sobre as injustiças desta guerra. Ele que já viu, mentalmente, anexado ao seu nome o título de “vencedor do deserto”, constata que seus belos sonhos foram por água abaixo. [...] Ao lado da barraca do comandante inglês ouve-se, no entanto, o incansável “tique-tique-tique” dum aparelho de Morse. Ali está instalado o representante da “Reuter”, sempre cioso do seu dever e cumpridor das suas obrigações. “Tique-tique-tique” – “grande vitória britânica, avançamos cinquenta quilômetros”. O resto, aquele nobre correspondente de guerra inglês não conta. Segredos militares que não podem ser revelados já. “A Inglaterra precisa urgentemente de vitórias”. Agora tem, pelo menos, uma. É lamentável que não tenha chegado o resto da história. Mas, por enquanto, festeja-se, em Londres, a “primeira” vitória inglesa. Quem não gosta do seu primeiro filho, mesmo que nasça corcunda?! (*Meio-Dia*, 20/11/1941, p.2)

O editorial ironizava a suposta “primeira” vitória britânica na guerra, pois até então só teriam ocorrido retiradas. Em outros editoriais, bem como na propaganda nazista, as chamadas “retiradas gloriosas” em Dunquerque, na França e nos Balcãs foram alvo de pesadas críticas, pois evidenciariam a incapacidade militar dos ingleses, apresentados como covardes e pusilânimes, pois se valiam de outros povos para lutar pela causa britânica, desde os habitantes dos Domínios, como canadenses, neozelandeses e australianos até os franceses livres e russos. É digno de nota que novamente apareça

no texto menção ao Ministério de Informações inglês, bem como à agência *Reuter*, o que indicava que os ingleses continuariam apelando para mentiras. Tais críticas aos ingleses também eram facilitadas devido à própria orientação dos comunicados emitidos das Ilhas, pois os ingleses, durante a Segunda Guerra Mundial, imaginavam que “propaganda [...] deveria sempre ser baseada na verdade, muito embora ela possa distorcer a verdade”. (Rhodes, 1987, p.119; tradução minha).²⁸ O fato de os comunicados oficiais ingleses terem a intenção de levantar o moral da população e dos simpatizantes da Inglaterra faziam com que esses se tornassem, por vezes, ridículos, e eram por isso, utilizados pelos nazistas e, logo em seguida, pelo *Meio-Dia*.

A ridicularização dos ingleses foi igualmente tema de muitos textos escritos por Joaquim Inojosa, que não deixou de enfatizar a fraqueza e covardia das tropas do Reino Unido. Tendo como pano de fundo a desastrosa campanha inglesa nos Bálcãs em abril de 1941, na qual os ingleses perderam importante material bélico e foram evacuados para Creta (Calvocoressi, Wint & Pritchard, 1999, p.177), Inojosa fez uma comparação entre a Batalha das Termópilas, na qual os espartanos defenderam com coragem seu território contra o invasor persa, e a luta que se desenrolava na Grécia, na qual os ingleses abandonaram o campo de batalha e fugiram do ataque alemão, em vez de ficarem e resistirem. Ao mesmo tempo, o texto trouxe, na figura do “grego desiludido” que teria feito uma nova inscrição no desfiladeiro, a noção de que todos os países que entraram na guerra ao lado dos ingleses – franceses, poloneses, iugoslavos, dentre outros – foram abandonados pelos seus traçoeiros aliados e posteriormente derrotados.²⁹ O jornal deu a tais retiradas,

28. “[...] *propaganda* [...] ‘should always be based on the truth, even though it may distort the truth’.” (Rhodes, 1987, p.119).

29. “Com os 300 fiéis soldados espartanos, e mais os 700 que à última hora se lhe reuniram, Leônidas lutou até o último instante. ‘Um após outro, unidos como irmãos, caíram sob os golpes dos Medas’. O rei de Esparta e os seus 300 voluntários preferiram a morte heroica à desonra de uma fuga. Quem, hoje, passar pelas Termópilas, lerá esta inscrição numa de suas rochas: ‘Caminhante, vai e

como a de Dunquerque e a da Grécia, o epíteto de “retiradas gloriosas”, em várias ocasiões, o qual também foi comum na propaganda nazista no período.

Embora o *Meio-Dia* já atacasse os plutocratas britânicos desde 1940, Winston Churchill tornou-se, em 1941, o assunto principal de vários artigos de Inojosa e editoriais, que não mediam esforços para atacar o primeiro-ministro. O editorial publicado em dezembro é exemplo da abordagem consagrada a Churchill e ao governo britânico. O discurso comentado por esse editorial é tido como mais uma “choradeira”, pois solicitava ao povo britânico sacrifício, o que já era feito desde 1939. O texto afirmava que

A Câmara dos Comuns da Inglaterra ouviu mais um discurso-choradeira do sr. Winston Churchill. [...] A nação britânica, fatigada e exausta por ter de produzir um esforço inesperado de dois anos, ouviu mais um apelo para que consinta “em mais um sacrifício e realize mais um esforço”. [...] E o que é mais grave: os ingleses têm também de substituir os importantes fornecimentos que esperavam da América do Norte e que foram desviados para a Rússia, porque os norte-americanos julgaram que será mais proveitoso auxiliar o russo, que briga de verdade, do que alimentar a madraçaria britânica, encerrada na sua ilha e esperando que lhe caiam dos céus aviões, munições, tanques e outros elementos para ganhar a guerra sem grandes esforços. [...] No futuro, disse o velho ministro britânico, nossos soldados combaterão em

dize a Esparta que morremos aqui em obediência às suas leis’. [...] Esta recordação histórica nos vem à mente no instante exato em que as tropas inglesas atravessam as Termópilas em desabalada fuga, direção ao mar. É certo que dificilmente se obrigaria um inglês a conhecer história. Acredito mesmo que não tenham tido tempo de ler a inscrição gravada pelos gregos num daqueles despenhadeiros. O Porto do Piréu fica bem próximo das Termópilas, e é preciso alcançá-lo antes do anoitecer. [...] Hoje, quem visitar as Termópilas, lerá, abaixo da inscrição de Leônidas, estas palavras escritas por algum grego desiludido: ‘Caminhante, vai e dize a Atenas que por aqui passaram os ingleses em fuga para o Piréu’.” (Inojosa, 23/4/1941, p.2)

igualdade de armas e munições com os germânicos. Perguntamos: se o sr. Winston Churchill conhecia essa inferioridade de armas, por que motivo foi ele o instigador detestável desta guerra? E se não o conhecia, por que, como político orientador britânico, não procurou saber ao certo das possibilidades da nação que tantas vezes estendeu fraternalmente a mão ao seu país, gesto humano e superior que a Inglaterra, instigada por Churchill e outros Antonys e Edens, rechaçou estupidamente? [...] É verdade que o sr. Winston Churchill deixou de falar, muito a propósito, da sua querida Home Fleet, depositária de todas as esperanças do espírito de conquista da Inglaterra insaciável. Acreditava ele, quando fazia propaganda de guerra, que a esquadra britânica era suficiente para bloquear a Alemanha e matar à fome velhos e crianças germânicos. Logo nos primeiros meses do conflito ficou bem patente que a Alemanha estava organizada para resistir ao bloqueio dos ingleses, a tal ponto que foi ela quem bloqueou a Inglaterra. [...] O menos que revelou o discurso do sr. Winston Churchill foi a sua imprevidência, a sua futilidade como homem de Estado, o desmormenteio mental provocado pelo ódio à Alemanha [...]. (*Meio-Dia*, 3/12/1941, p.2)

No editorial considerava-se que os americanos estavam decepcionados com a Inglaterra, pois preferiam fazer as entregas do *Lend-Lease*³⁰ aos russos, que estavam realmente lutando, do que aos ingleses, que ficavam intocados em sua ilha. Tal ponto do editorial remete, claramente, à suposição de que os britânicos estavam utilizando os russos para lutar em vez de assumirem os seus deveres, forma de enfatizar a covardia inglesa. Churchill era acusado de fomentar a guerra, mesmo sabendo que a força da Inglaterra não

30. O *Lend-Lease* era um método no qual os ingleses (ou ainda os russos, franceses livres e outros países aliados) podiam requerer materiais, em sua maioria bélico, ao governo norte-americano. Este, por sua vez, repassava os pedidos às empresas e pagava as despesas. As solicitações eram, em seguida, arrendadas ou emprestadas, com pagamento depois da guerra. Para maiores informações, ver Calvocoressi, Wint & Pritchard (1999, p.220).

poderia comparar-se a dos alemães, e não aceitou um acordo de paz, pois desconhecia a capacidade militar dos germânicos. Ao mesmo tempo, o primeiro-ministro inglês teria perdido suas esperanças na *Home Fleet*, a esquadra principal designada para a proteção das Ilhas Britânicas, já que o bloqueio da Europa continental, supostamente engendrado por Churchill e destinado a matar os alemães pela fome, teria falhado e se voltado contra seus próprios instigadores. O primeiro-ministro foi chamado de imprevidente, estadista fútil e teve questionadas suas capacidades mentais e seu caráter por impulsionar a guerra na esperança de que a Inglaterra conseguisse a primazia na Europa.

Inojosa não procedeu de outra forma em relação ao político britânico. Tal como nos editoriais, o diretor do *Meio-Dia* foi bastante incisivo em suas críticas. Analisando o discurso do primeiro-ministro britânico proferido após a queda da Grécia, Inojosa afirmou que o povo inglês se cansara de tantas retiradas e derrotas, e que as palavras de Churchill soavam como as de um derrotado. O primeiro-ministro exibia tantos fracassos que nada mais podia prometer e, portanto, sua carreira política estava acabada. Ao final do texto, Inojosa atacava a chamada “judiaria inglesa”, da qual Churchill seria o chefe, e afirmava que esta ajustaria contas com os alemães na África e no Atlântico, depois do desastre ocorrido na Grécia.³¹

31. “Winston Churchill proferiu palavras de desalento. Verdadeira missa de sétimo dia, o seu discurso. Frases de um vencido, que não sabe por onde recomençar a vida. Falou em situação moral quando é essa, justamente, a que mais lhe deve pesar no ânimo. Porque, prometendo vitórias ao seu povo, não lhe dá senão sucessivas derrotas, de tal ordem que passa a não merecer fé o que promete. É esse, hoje em dia, o aspecto real de sua posição na política britânica: de um chefe de governo que de tanto fracassar não tem mais autoridade para prometer. Quando o homem público desce a um grau tão persistente de descrédito, ele está com a sua carreira irremediavelmente encerrada. [...] Churchill teve de proferir uma de suas arengas, não para justificar a “estratégica retirada” da Grécia, mas para anunciar que na África e no Atlântico é que ajustará contas com os inimigos da judiaria inglesa...” (Inojosa, 30/4/1941, p.3)

Para que se possa observar a semelhança das críticas formuladas pelo *Meio-Dia* contra os ingleses com aquelas veiculadas pelos nazistas, vale a pena observar um dos vários artigos escritos por Goebbels durante a guerra, o qual possui tom muito semelhante ao utilizado pelo jornal brasileiro, além de elencar temas idênticos:

É um grande erro supor que os plutocratas da Inglaterra entraram na guerra contra a sua vontade ou até mesmo contra as suas intenções. O oposto é verdadeiro. Os belicistas ingleses queriam a guerra e usaram todos os recursos à sua disposição ao longo dos anos para realizá-la. Eles certamente não foram surpreendidos pela guerra. A plutocracia inglesa não tinha outro objetivo que não desencadear a guerra contra a Alemanha no momento certo, e isto desde que a Alemanha começou a buscar mais uma vez ser uma potência mundial.

A Polônia realmente tinha pouco a ver com a eclosão da guerra entre o Reich e a Inglaterra. Era apenas um meio para um fim. A Inglaterra não apoiava o governo polonês por princípio ou por razões humanitárias. Isso é evidente pelo fato de que a Inglaterra não deu à Polônia nenhuma ajuda de qualquer espécie quando a guerra começou. Nem tomou a Inglaterra quaisquer medidas contra a Rússia. O oposto, na verdade. A camarilha guerreira londrina até hoje tentou trazer a Rússia para a campanha de agressão contra a Alemanha. [...]

Há lordes e homens da City na Inglaterra que são na verdade os homens mais ricos do planeta. As grandes massas, no entanto, veem pouco dessa riqueza. Vemos na Inglaterra um exército de milhões de pobres, socialmente escravizados, e pessoas oprimidas. [...]

Ainda assim, a Inglaterra está tentando mais uma vez fazer a guerra sem fazer qualquer sacrifício pessoal. O objetivo é bloquear a Alemanha, para gradualmente fazê-la a se submeter pela fome. [...]

O nacional-socialismo é imune às tentações inglesas. As mentiras da propaganda inglesa já não funcionam na Alemanha. Elas

têm gradualmente perdido sua eficácia no resto do mundo também, já que a propaganda alemã hoje alcança muito além de suas fronteiras. [...]

A plutocracia está desmoronando intelectualmente, espiritualmente e em um futuro não muito distante, militarmente. Estamos agindo de acordo com as palavras de Nietzsche: “Dê um empurrão ao que está caindo.”³² (Goebbels, 1939; tradução livre)

Como se pode observar, não há qualquer diferença no tema central dos textos tratados no *Meio-Dia* e na propaganda nazista, pois, em ambos os casos, predominavam os argumentos difundidos

32. “It is a major error to assume that England’s plutocrats slipped into the war against their will or even against their intentions. The opposite is true. The English warmongers wanted the war and used all the resources at their disposal over the years to bring it about. They surely were not surprised by the war. English plutocracy had no goal other than to unleash war against Germany at the right moment, and this since Germany first began to seek once again to be a world power.

“Poland really had little to do with the outbreak of war between the Reich and England. It was only a means to an end. England did not support the Polish government out of principle or for humanitarian reasons. That is clear from the fact that England gave Poland no help of any kind whatsoever when the war began. Nor did England take any measures against Russia. The opposite, in fact. The London warring clique to this day has tried to bring Russia into the campaign of aggression against Germany. [...]

“There are lords and City men in England who are in fact the richest men on earth. The broad masses, however, see little of this wealth. We see in England an army of millions of impoverished, socially enslaved, and oppressed people. [...]

“Still, England is trying once again to wage war without making any personal sacrifice. The goal is to blockade Germany, to gradually bring it to submit by starvation. [...]

“National Socialism is immune to English temptations. English propaganda lies no longer work in Germany. They have gradually lost their effectiveness in the rest of the world as well, since German propaganda today reaches far beyond its borders. [...]

“Plutocracy is collapsing intellectually, spiritually, and in the not too distant future, militarily. We are acting consistently with Nietzsche’s words: ‘Give a shove to what is falling’.” (Goebbels, 1939)

na Alemanha. A semelhança indica que os alemães, além de ajudar financeiramente o jornal, contribuíam com o fornecimento de propaganda.

Cabe lembrar que Hitler imaginava a propaganda como repetição constante de *slogans* de fácil assimilação de forma a atingir amplo público, como ele mesmo fez questão de frisar em *Mein Kampf*:

Toda propaganda deve ser popular e estabelecer o seu nível espiritual de acordo com a capacidade de compreensão do mais ignorante dentre aqueles a quem ela pretende se dirigir. Assim a sua elevação espiritual deverá ser mantida tanto mais baixa quanto maior for a massa humana que ela deverá abranger. Tratando-se, como no caso da propaganda de manutenção de uma guerra, de atrair ao seu círculo de atividade um povo inteiro, deve-se proceder com o máximo cuidado, a fim de evitar concepções intelectuais demasiadamente elevadas.

Quanto mais modesto for o seu lastro científico e quanto mais ela levar em consideração o sentimento da massa, tanto maior será o sucesso. [...]

A capacidade de compreensão do povo é muito limitada, mas, em compensação, a capacidade de esquecer é grande. Assim sendo, *a propaganda deve-se restringir a poucos pontos. E esses deverão ser valorizados como estribilhos, até que o último indivíduo consiga saber exatamente o que representa esse estribilho. Sacrificando esse princípio em favor da variedade, provoca-se uma atividade dispersiva, pois a multidão não consegue nem digerir nem guardar o assunto tratado.* O resultado é uma diminuição de eficiência e conseqüentemente o esquecimento por parte das massas. (Hitler, 2001, p.135-6, grifos meus)

Não por acaso, o esquema de propaganda hitlerista se fez presente em todos os editoriais e artigos do *Meio-Dia* que tratavam da Inglaterra e de outros países.

Sem dúvida, a Grã-Bretanha foi o país mais criticado por Inojosa e pelos editoriais do *Meio-Dia*. E os outros países? Quais te-

riam sido as representações elaboradas no vespertino a respeito de outras nações?

Após a Inglaterra, as nações estrangeiras mais visadas pelos editoriais e por Inojosa foram a França, com 37 editoriais e 28 textos de Inojosa; a Alemanha, com 136 editoriais e 46 artigos de Inojosa, e os Estados Unidos, com 47 editoriais e 20 artigos do proprietário do *Meio-Dia*. Vale lembrar que, como muitos desses editoriais e artigos não tratavam de um único assunto, a classificação se deu em função do tema predominante.

Em defesa da Alemanha

Se a Inglaterra era considerada plutocrática, seus políticos corruptos e o país prestes a ser derrotado pelos ataques alemães, os germânicos eram apresentados como libertadores, que visavam salvar a Europa do jugo britânico. Seu exército era julgado invencível, sua diplomacia eficiente e Hitler um político sensato e vencedor.

O editorial “Guerra-relâmpago” comentava o filme homônimo em cartaz no Cinema Rex, localizado na Cinelândia, no Rio de Janeiro. Infelizmente, não é possível saber o título original da película, mas tudo leva a crer que fosse um documentário de propaganda nazista, uma vez que exaltava os feitos da Alemanha na guerra, apesar da pressa do editorialista, que teve a oportunidade de ver a fita, em negar que se tratasse de peça propagandística.

No texto, os alemães eram descritos como dotados de vontade inquebrantável e os governos dos países neutros e aliados como insanos, uma vez que faziam seus soldados enfrentarem tal máquina de guerra. Os Aliados possuíam armas de tecnologia superior que, porém, de nada serviam, pois seus soldados estavam tomados pelo medo. Já os alemães, sempre fortes e inabaláveis, sabiam utilizar armas modernas a seu favor. O texto difunde a ideia de que a máquina militar alemã conseguia vitórias arrebatadoras sobre seus inimigos, e que nação alguma conseguiria enfrentar a Alemanha que, sob a batuta de Hitler, tornara-se a maior

e mais nova potência mundial, eclipsando os velhos centros de poder.

Os alemães não seriam apenas soldados valorosos, imponentes e invencíveis, mas generosos, pois tratavam bem aos inúmeros prisioneiros de guerra. A marcha dos refugiados teria sido imediatamente interrompida, com as populações retornando às suas casas enquanto a Cruz Vermelha Alemã encarregava-se de distribuir alimentos. Hitler ainda é apresentado como líder introspectivo, homem generoso e grande estadista (*Meio-Dia*, 23/11/1940, p.2).

A imagem de Hitler como um líder inteligente e “condutor de povos” também foi tema para Inojosa, que contrapôs um discurso de Churchill a um pronunciamento de Hitler. O texto é exemplo do posicionamento do jornal em relação a Hitler e à Alemanha no período.

Os dois discursos revelam os dois métodos: o germânico – direto e objetivo, rude e leal – e o inglês, sinuoso e envolvente. Hitler faz todo o impressionante histórico de sua ascensão ao poder, dos esforços empregados para reerguer o país ao justo nível de força moral e material, o longo trabalho em favor da paz e da amizade com a Inglaterra. Churchill tenta convencer o mundo de que sua pátria, mesmo nesta guerra, foi leal à palavra empenhada: e cita – *risus teneatis!* – a Polônia, a Noruega, a Holanda, a França, a Bélgica... Repete o velho chavão de bater-se pela “liberdade de povos oprimidos”... (Inojosa, 11/11/1940, p.2)

Enquanto Hitler tratou de um suposto excedente de fabricação de munição na Alemanha, Churchill afirmava que a Inglaterra precisava comprar munições nos Estados Unidos. O escritor pernambucano tomava o líder alemão por sincero e honesto, que havia feito tudo ao seu alcance para reerguer a Alemanha e firmar a paz com a Inglaterra. Já Churchill, ao contrário, utilizava-se de mentiras e afirmava que havia dado suporte aos vários países ocupados pela Alemanha, o que Inojosa considerava uma piada. Além disso, a de-

ficiência inglesa na produção de munições, ao contrário da superprodução alemã, só acentuava o fracasso inglês na guerra.

Como se pode observar, a Alemanha era saudada como um país próspero, que possuía exército excelente e líder exemplar. Tal como nos textos referentes à Inglaterra, Inojosa e os editoriais teciam elogios ao Reich, que não parava diante de nenhum obstáculo, haja vista as fulminantes e vitoriosas campanhas militares.

Além disso, insistiam que os alemães estariam criando a “Nova Europa”, independentemente dos desejos e vontades da Inglaterra, que reinava sobre a divisão do continente, e, após junho de 1941, louvavam a “Cruzada contra o bolchevismo”, que finalmente traria paz ao mundo, num discurso que repetia, mais uma vez, os argumentos do governo alemão.

Ao fazer um balanço de dois anos do conflito, Inojosa defendeu ardorosamente a Alemanha e os ideais nazistas, destacando o valor dos soldados germânicos. Não deixou de se referir à expulsão dos britânicos do continente, ao mesmo tempo em que criticava os judeus, a plutocracia e o bolchevismo,³³ ou seja, repetia-se a mesma ladainha entoada pelo governo alemão. Não é diversa a mensagem emitida por Hitler (apud Domarus, 1990, p.2.663-4) no lança-

33. “No dia de hoje, ao lado das figuras excepcionais de Hitler, Göring, von Keitel e todo o Estado-Maior do Führer, devemos exaltar, sobretudo, o heroísmo do soldado alemão. Os próprios chefes que os comandam saíram das trincheiras de 914, ou se fizeram recebendo lições de estratégia de generais consagrados. [...] Dois anos de guerra demonstraram que a Alemanha se salvou por uma ideia, venceu por um princípio. Isto é, destruindo as raízes do politiquismo e do judaísmo, pôde preparar uma geração de soldados orientada exclusivamente pela grande mística da pátria, cujos fundamentos repousam na doutrina do Estado Nacional-Socialista. Estes dois anos de guerra são dois anos de glórias para o soldado alemão. Não basta o que conseguiu para a sua pátria e para a Europa: expulsar do continente o inimigo comum de todos aqueles povos – a Inglaterra. O que o torna ainda maior, é a disposição de continuar batalhando por um ideal que não lhe pertence, mas à própria humanidade: a extinção do judaísmo, e de tudo quanto esteja ligado a esse mal: plutocracia e comunismo. [...] Honra seja feita, nesta data, aos chefes alemães. Mas honra seja feita, sobretudo, aos seus soldados”. (Inojosa, 1^a/9/1941, p.1)

mento da campanha de inverno de guerra (*Kriegswinterhilfswerk*) em 1^a de setembro de 1942:

Os soldados da nossa Wehrmacht lutam globalmente arriscando a vida e a integridade física. A eles juntaram-se a maior parte das nações europeias e povos do Extremo Oriente em uma aliança leal, a qual impedirá os nossos países de cair diante da barbárie bolchevista ou da exploração capitalista judia, anglo-americana. Os inimigos do Reich alemão de há muito tempo – quando nós lutamos pelo poder em casa – uniram-se novamente hoje contra nós. O judeu internacional usa o bolchevismo e a plutocracia não só a fim de destruir os estados civilizados da Europa, mas, acima de tudo, para exterminar os representantes de uma existência independente. [...]

É cada vez mais tarefa do *front* e do povo trabalhador alemão em casa destruir essa esperança dos abutres de ouro internacionais e feras bolcheviques e tornar claro para eles que esta guerra não acabará com a possibilidade de contínua e maior exploração por parte das nações que têm, mas com uma vitória mundial decisiva das que não têm.

*Adolf Hitler*³⁴ [tradução minha]

34. “The soldiers of our Wehrmacht fight globally at the risk of life and limb. They have been joined by the greater part of the European nations and people of the Far East in a loyal alliance, which will prevent our countries from falling to Bolshevik barbarity or Jewish, Anglo-American, capitalist exploitation. The enemies of the German Reich from long ago – when we fought for power at home – have again united against us today. The international Jew uses Bolshevism and plutocracy not only in order to destroy the European civilized states, but also to exterminate above all the representatives of an independent existence. [...]

“It is the task of the front and the working German Volk at home to destroy this hope of the international gold vultures and Bolshevik beasts more and more, and to make clear to them that this war will not end with possible further exploitation by the have nations, but with a world-decisive victory of the have-nots.

Adolf Hitler.” (Hitler, apud Domarus, 1990, p.2.663-4)

Tais palavras poderiam servir com facilidade como ilustração para o texto de Inojosa, pois não se nota diferença alguma em relação aos conteúdos veiculados na mensagem de Hitler e no artigo do diretor do *Meio-Dia*. A presença da propaganda alemã no jornal é, portanto, visível.

Já o editorial de 22 de julho de 1941 sintetiza, de forma exemplar, o discurso favorável aos alemães, razão pela qual vale a pena transcrevê-lo na íntegra:

Para os ingleses e para as hordas bolchevistas, suas aliadas, a letra “V” – Vitória – significa o seguinte:

- a vitória anglo-bolchevista sobre a Europa, e assim o domínio do terror vermelho sobre esse continente;
- o restabelecimento do antigo “equilíbrio”, isto é, o direito dos plutocratas ingleses de instigar, a seu bel-prazer, os povos europeus uns contra os outros;
- a destruição, com o auxílio dos dirigentes bolchevistas, da civilização cristã e a cultura da Europa;
- o prosseguimento do “matar pela fome” os povos europeus, mediante o bloqueio;
- assaltos no futuro, como o que sofreu, há tempos, em plena paz, a cidade de Copenhague, pelo bombardeio da esquadra inglesa;
- assaltos como os que foram cometidos contra os antigos aliados franceses em Oran e Dakar, bem como pelo bombardeio aéreo contra Marselha e a invasão não-provocada da Síria;
- a vitória do ouro sobre o trabalho, isto é, que alguns poucos plutocratas judaico-bolchevistas poderão continuar explorando os povos do mundo, e que, a seu bel-prazer, tentam obrigar povos neutros, mediante as chamadas “listas negras” inglesas, a afastar-se da sua neutralidade.

Em suma, a letra “V” significa para os anglo-bolchevistas manter o domínio brutal de alguns poucos homens em diferentes continentes, contra a vontade dos povos.

Que significa, porém, a letra “V” – Vitória – para a Alemanha e para a comunhão de destinos europeia? Significa:

- a libertação definitiva da Europa do bolchevismo anti-cultural e omni-dissolvente;
- o desaparecimento definitivo de alguns magnatas de finanças judaico-plutocratas, para, em seu lugar, erigir uma ordem, cujo lema principal será o bem-estar dos povos;
- a manutenção da cultura e da civilização europeias e a continuação do seu desenvolvimento depois da guerra, em prol da humanidade inteira;
- o restabelecimento dos direitos de cada povo no sentido de navegar livremente nos mares e transportar os necessários víveres para assegurar a sua alimentação;
- um verdadeiro intercâmbio de interesses no continente europeu e uma paz duradoura para todos os povos;
- o direito de cada membro da comunhão dos povos europeus de ser pago pelo seu trabalho, cessando qualquer exploração por alguns poucos;
- a abolição das listas negras inglesas e o restabelecimento de um salutar intercâmbio de mercadorias com todos os povos de boa-vontade.

Em suma, a letra “V” significa para a Alemanha e seus aliados o estabelecimento, depois da terminação vitoriosa dessa guerra, de uma nova Europa, na qual a cada povo se garante vida própria, livre e sem peias, e na qual o Grande Reich não desempenha o papel de opressor e dominador.

E, agora, que cada leitor escolha entre o “V” inglês e o “V” alemão! (*Meio-Dia*, 22/7/1941, p.2)

O editorial do *Meio-Dia* não deixava margens para dúvidas: era evidente que defendiam o “V” (vitória) na aceção que esta teria caso os alemães ganhassem a guerra. Por certo, tratava-se de persuadir o leitor das vantagens de apoiar os germânicos, tidos como os únicos capazes de salvar a civilização, tom que se repetia quando a opção era Rússia ou Alemanha.³⁵

As duas França

Já os franceses foram pouco citados nos editoriais e textos, talvez pelo fato de a França, em junho de 1940, haver se retirado das operações da guerra. Em consonância com a orientação do jornal, as forças comandadas de Londres pelo general De Gaulle, os franceses livres, eram considerados traidores, enquanto o governo de Vichy era exaltado por sua colaboração com a Alemanha.

Aplaudiu-se, em editorial, a política de Pierre Laval, chefe de governo de Pétain, que já tentara mudar a política francesa, mas enfrentou a oposição dos parlamentares. Agora saía do ostracismo e podia governar sem peias, num momento em que a França trabalhava por sua reconstrução, depois de amargar a derrota. Todavia, ainda segundo o editorial, para que o desejo se tornasse realidade, era preciso afastar-se da democracia, causa de desorganização, e dos parlamentares, fonte de “insaciáveis apetites”. O regime democrático representava o passado e deveria dar lugar a outro tipo de sistema, mais autoritário e personalista, caso da França de Vichy e da Alemanha nazista.³⁶

35. “Quando a Alemanha anunciou sua cruzada contra o bolchevismo, quando toda a Europa aderiu imediatamente, só a Inglaterra se isolou, fazendo até causa comum com aqueles bárbaros vermelhos. [...] Trata-se duma guerra contra o inimigo máximo da nossa civilização. Todos os que não tomarem parte nessa cruzada, de certo estão combatendo, pela inércia que seja, em favor do comunismo. Ou se é contra a Rússia vermelha ou por ela. Meio termo não deve, nem pode existir.” (*Meio-Dia*, 8/7/1941, p.2)

36. “O país vai entrar num período de trabalho e de reconstrução. Para tanto é necessário, antes de tudo, afastar o Parlamento e suas intrigas, os parlamen-

Os franceses livres eram constantemente criticados tanto pelos editoriais quanto por Inojosa. Um bom exemplo do posicionamento do jornal foi registrado no final de setembro de 1940, quando De Gaulle, juntamente com um destacamento da marinha britânica, atacou Dakar, ação que foi severamente repelida pelas forças de Vichy. De Gaulle foi apresentado por Inojosa como um traidor da França, aliado ao maior inimigo da Alemanha, a Inglaterra. Sua tentativa foi comparada às aventuras de Dom Quixote de la Mancha, personagem criado pelo escritor espanhol Miguel de Cervantes y Saavedra. Uma das passagens mais famosas da obra é aquela em que Dom Quixote resolve investir contra moinhos de vento, acreditando tratar-se de gigantes com longos braços. Mesmo advertido por seu companheiro e escudeiro Sancho Pança, o velho fidalgo ataca o primeiro moinho, só para ser jogado longe. O trecho é uma amostra da loucura de Dom Quixote, a qual De Gaulle, na visão de Inojosa, compartilhava. A justificativa do francês para o ataque, de que os países do Eixo queriam tomar o controle do porto e dos aeródromos Dakar, era vista como infundada, pois a Alemanha teria ocupado a cidade, caso quisesse, após derrotar a França. Tal como os editoriais, Inojosa põe-se ao lado do governo colaboracionista de Vichy.³⁷ Em 1941, a França

tares e seus insaciáveis apetites, a democracia e sua incurável desorganização. [...] Democracias é coisa aceitável em tempos normais, quando tudo corre bem. Nos momentos de perigo, de trabalho, de esforço, porém, a democracia desaparece para dar lugar a que se possa construir sobre bases duradouras. Isso mesmo disse agora o sr. Pierre Laval, um homem que foi educado num país incorrigivelmente democrático, mas onde o velho bom senso sempre se salvou dos grandes naufrágios nacionais.” (*Meio-Dia*, 1º/11/1940, p.2)

37. “Figura realmente curiosa, a desse general De Gaulle. Francês de nascimento e educação, mancomunou-se contra a pátria com a inimiga de todos os tempos – a Inglaterra. [...] De Gaulle, cujo perfil de soldado quiseram aureolar a distância dos campos de batalha, escolheu o herói de Cervantes como símile de suas aventuras. E não teve dúvida em começar investindo contra os moinhos de vento, na zona tórrida de Dakar. [...] Desse general o menos que se pode afirmar, é que se voltou contra a sua pátria. E isso significa qualquer coisa na vida de um militar. De Gaulle procurou justificar, por extenso comunicado, as razões de seu infeliz passeio a Dakar – e uma delas é que elementos ítalo-germânicos ali se estavam infiltrando, possivelmente para se apoderarem do porto

de Vichy, sob o controle do marechal Henri-Philippe Pétain e integrante da “Nova Europa”, continuou a ser exaltada e aplaudida, ao passo que os franceses livres sofreram pesadas críticas. O editorial a seguir ilustra a postura do jornal em relação às duas França:

Pétain falou decidindo pela primeira vez numa forma exata a posição da França. As chamadas “democracias” não gostaram. Não gostaram porque se fechou mais um importante elo na grande corrente que formará no futuro a Nova Europa, um continente em si consolidado e habitado por nações que sabem perfeitamente que uma depende da outra, querendo um progresso estável e um futuro risonho. Os estadistas contrários a essa homogeneidade europeia, pela qual se desfazem todas aquelas intrigas atrás dos bastidores que publicamente significaram guerras e secretamente lucros enormes para banqueiros, políticos e fabricantes de armas, têm que estar desapontados com a declaração de Pétain. Semanas antes a propaganda inglesa bajulava a França – não a França oficial de Vichy e sim o povo francês. Falava-se da velha união franco-britânica e veladamente convidava-se aos gauleses de insurgirem-se contra o governo de Vichy. Na sua enorme ambição que torna os maiores ingleses verdadeiramente cegos, eles não compreenderam o que significam tais instigações a um povo cioso de sua honra e do seu glorioso passado. [...] Por parte britânica jogava-se com tudo! Ora foi o general Weygand que se revoltava contra Vichy, ora qualquer outro general em comando de tropas fiéis a Vichy, isto é, a verdadeira França. Tudo falhou! Mas os ingentes esforços feitos por Londres neste sentido denotam bem os receios que também a França aderisse ao gigantesco plano da pacificação da comunidade europeia elaborado pela Alemanha. O

e aeródromos existentes. O general esquece de que a França se acha vencida, e de que, portanto, se a Alemanha quisesse ocupar Dakar bem o teria feito ostensivamente quando firmou o armistício de 1940, a que De Gaulle não assistiu por encontrar-se ausente dos campos de batalha.” (Inojosa, 25/9/1940, p.2)

governo britânico, tão bem quanto seus inspiradores, compreendem perfeitamente o ressurgimento dum novo mundo que nunca poderá ser desfeito, por se tratar duma evolução natural das coisas. O marechal Pétain pôs um ponto final numa época que se consumiu. A França compreendeu o grande papel que lhe reserva a história e não vacilou em aceitar seu destino. (*Meio-Dia*, 14/8/1941, p.2)

Além disso, os primeiros atos de sabotagem e assassinatos de oficiais germânicos por membros da resistência francesa desencadearam forte reação do *Meio-Dia*, que não hesitou em responsabilizar britânicos, russos e De Gaulle. Os insurgentes eram qualificados como “maus franceses” e agentes comunistas.³⁸

38. “O que se verifica na França é uma onda de terror provocada pelos maus franceses, que, esquecidos de que foram derrotados, continuam fazendo o jogo cínico da Inglaterra, tentando levantar as populações, praticando toda sorte de sabotagens, e assassinando, pelas costas, de emboscada, os oficiais alemães que ali se acham no cumprimento de ordens superiores. [...] Se a França, portanto, deseja a paz, o seu primeiro dever é respeitar a vida dos ocupantes e traçar com eles as normas de uma futura e leal colaboração. Mas a França não é propriamente a culpada. Pétain e Darlan já proclamaram que os agentes do terrorismo estavam a soldo de uma potência estrangeira. Os instigadores continuam a falar. O primeiro, Churchill, lançou sentimental proclamação de solidariedade, aliás desnecessária, pois não seria crível que o mandante desaprovasse o mandatário. [...] Quem, finalmente, são os selvagens da França: o governo alemão, que está protegendo a vida dos seus oficiais, ou os comunistas da França, ‘camaradas de Londres e Moscou’, que matam pelas costas esses mesmos oficiais? [...] Vem, logo após, o farsante Gal. De Gaulle, e pede que aquelas mesmas atividades comunistas, de parelha com as demais da nação, cessem, mas apenas por cinco minutos, e que a França está mostrando ao inimigo ‘que não se deixa atemorizar’. [...] Não se nega que são violentos os meios de repressão. Mas resta saber se sem essa violência as atividades comunistas desaparecerão da Europa, e se a oficialidade alemã poderá cumprir o seu dever sem o risco de tombar às balas assassinas dos ‘terroristas’.” (*Inojosa*, 27/10/1941, p.3)

A ameaça norte-americana

A atitude do jornal frente aos Estados Unidos foi ambígua. Embora o país ajudasse materialmente a Inglaterra, não se envolveu no conflito até dezembro de 1941. Entre as críticas feitas aos norte-americanos, o editorial “Fatores de vitória e de derrota”, no qual se analisa as reações de jovens americanos e alemães ante ao serviço militar, pode ser considerado exemplar.

Merecem reflexão demorada, porque estão cheias de ensinamentos, as notícias sobre a reação do povo norte-americano contra o serviço militar obrigatório. Todos os meios são bons para evitar a caserna. [...] Ontem, só num distrito de Nova York os casamentos aumentaram em proporções de cem por cento e isso porque, ao que parece, a futura lei de serviço militar não atingirá os casados. [...] Isso revela, seja como for, um desfibramento notável exatamente da mocidade que nessas ocasiões, em outros países, vibra de amor pátrio e canta hinos de entusiasmo. Mocidade amolecida pelo excesso de bem-estar, sem élan, sem vontade, sem cuidados pela defesa de seu país. [...] Como é expressiva a fisionomia dessa mocidade germânica que venceu nos campos da Polônia e nas planícies das Flandres! A pátria antes de tudo, a sua defesa, a sua inviolabilidade, a sua vitória! [...] Ninguém, daqueles lados, se quis refugiar no subterfúgio dum casamento apressado para fugir aos deveres patrióticos. Fator de vitória. Nestas bandas resulta um flagrante desconcerto entre as vozes oficiais que conclamam às armas e a tendência da juventude – o núcleo dos exércitos – orientada para o tranquilo gozo das doçuras do lar. Fator de derrota. (*Meio-Dia*, 13/8/1940, p.2)

No texto, a suposta falta de vontade em servir à pátria é tomada como amolecimento do caráter da juventude dos Estados Unidos, acostumados com as facilidades de uma vida simples e sem complicações. Tal atitude configuraria a corrupção do próprio país, pois seus jovens não estariam preocupados com a defesa do território

norte-americano, e os casamentos apressados eram a melhor forma de se escapar ao dever, atestado da falta de combatividade do país. Já os alemães eram cômicos do seu dever para com a pátria e contribuíam para o esforço de guerra da melhor forma possível, acreditando na vitória da Alemanha. Se os alemães estavam preparados para todos os sacrifícios, o mesmo não ocorria com os norte-americanos, pois haveria dissonância entre o governo, que exaltava os jovens a se alistar, e a desobediência destes, patente nos estratégias para fugir ao serviço militar.

Inojosa foi além quando atacou dura e diretamente a política norte-americana. Trata-se de texto importante para a trajetória do *Meio-Dia*, graças às consequências que gerou. Inojosa refere-se a Sumner Welles, subsecretário de Estado de Franklin Delano Roosevelt até 1943. O diretor do *Meio-Dia* acusava Welles por oferecer suporte aos britânicos, além de atacar a política japonesa. Acusava-o, ainda, de orientar os países da América Latina a apoiarem os ingleses, o que significava romper com a neutralidade acertada nas conferências de Havana e do Panamá e envolver-se no conflito. Para Inojosa, todavia, as repúblicas latinas não precisavam ser capitaneadas pela vontade estadunidense e deveriam manter-se neutras em relação aos beligerantes.³⁹

39. “Em declarações ontem publicadas, afirma Sumner Wells que os Estados Unidos continuarão a cooperar com a Inglaterra, prestando-lhe ‘todo o auxílio material, mediante o abastecimento de provisões e munições’. Censura depois o Japão. Tenta defender os ‘interesses históricos’ dos Estados Unidos no Extremo Oriente. Repete a desacreditada cantilena de que a guerra atual representa um esforço destruidor da ‘barbárie contra a civilização, da treva contra a luz’. Linguagem de orador popular para enternecer ou exaltar as multidões – como é de uso nos países democráticos. Não fosse o sr. Sumner Wells subsecretário de Estado e nós o chamaríamos de porta-voz da demagogia americana... [...] Depois de falar nesse tom, esse outro Wells, nos arroubo de sua fantasia primaveril, apela para a solidariedade americana. [...] Eis aí em que parece enganar-se o subsecretário americano. Os Estados Unidos continuam a querer impor os seus pontos de vista exclusivos, como, por exemplo, o de que os demais governos da América lhe devam aplaudir a intervenção em favor de um dos beligerantes, numa quebra ostensiva dos princípios de neutralidade firmados nas Conferências de Panamá e de Havana. [...] Política de so-

O artigo recebeu críticas imediatas. Segundo o brasilianista Stanley Hilton,

Um artigo de Joaquim Inojosa, *Solidariedade defensiva*, publicado no *Meio-Dia*, de 30 de setembro, provocou uma queixa da embaixada (americana) junto ao DIP. Irritado porque teria dado “instruções específicas” ao diretor do *Meio-Dia* para se abster de comentários abertamente favoráveis ao Eixo, Lourival Fontes resolveu suspender o jornal por cinco dias, decisão oficialmente tomada pelo Conselho Nacional de Imprensa. (apud Silveira & Moraes Neto, 1990, p.476-7)

O próprio Inojosa comentou o caso em suas memórias e citou um número do *Diário Oficial* de fins de 1940, no qual constava a decisão do Conselho Nacional de Imprensa (CNI) de suspender o jornal por cinco dias (Inojosa, 1978, p.78-9). Inojosa teria até escrito uma queixa a Lourival Fontes e ao Conselho, que não foi sequer respondida (idem, p.82). A publicação só voltou a circular em 7 de outubro de 1940 e, a partir daí, evitou toda e qualquer crítica de teor mais forte aos americanos.

Além dos problemas enfrentados por Inojosa com o DIP e o CNI, a mudança do tom dos editoriais e artigos de Inojosa não passou despercebido. A embaixada norte-americana, segundo Stanley Hilton, monitorava a situação da imprensa pró-nazista no Brasil e se preocupava com o avanço da *Transocean* entre os órgãos de imprensa. Segundo Hilton (apud Silveira & Moraes Neto, 1990, p.476),

lidariedade defensiva e não de solidariedade ofensiva é a que seguem os países americanos, isto é, que se acham unidos coletivamente contra qualquer agressão externa. Mas nenhum compromisso existe de que venham a acompanhar este ou aquele governo que, destacando-se da comunidade, queiram envolver-se num conflito na Europa, ou na Ásia. Neste ponto repetirão a fórmula de 1914: entre na guerra quem quiser. Se Sumner Wells pensa o contrário, os fatos terão que desiludi-lo.” (Inojosa, 30/9/1940, p.2)

O Departamento de Estado estava bastante preocupado com a situação do Brasil em meados de 1940. Em julho, Sumner Welles (subsecretário de Estado) consultou a embaixada no Rio de Janeiro sobre a extensão da propaganda alemã na imprensa brasileira. *O próprio Herbert Moses (presidente da ABI) forneceu um memorando sobre o esforço da Transocean junto a vários jornais, entre eles, naturalmente, o Meio-Dia. Em fins de agosto, a embaixada informou que o Meio-Dia já imprimia quinze mil exemplares por dia, enquanto, antes, tivera uma tiragem de apenas três mil, fato que os observadores americanos atribuíam ao controle que os alemães teriam estabelecido sobre o jornal.* (Idem, p.476; grifo meu)

Já em 1941, o jornal condenava a crescente intromissão norte-americana no conflito europeu e elogiava figuras que defendiam o isolacionismo, como Lindbergh e o magnata da imprensa William Randolph Hearst. Além disso, a chamada Carta do Atlântico, assinada por Winston Churchill e Franklin Delano Roosevelt, foi alvo de pesadas críticas e tomada como indício da entrada dos Estados Unidos na guerra. Inojosa fez questão de registrar sua estranheza mediante o fato do presidente de um país neutro assinar o documento. Igualmente criticado foi o encontro entre Churchill, Stálin e Roosevelt. O escritor vaticinou que, após as vitórias alemãs na Rússia e no norte da África, os norte-americanos teriam que acertar contas com a Alemanha vitoriosa, o que poderia desencadear um conflito em escala mundial cuja culpa era, de antemão, atribuída aos Estados Unidos.⁴⁰ Em mais de uma oportunidade, o vespertino

40. “A reunião de Moscou seria natural entre países envolvidos no conflito, mas não deixa de causar estranheza que a ela – conferência de beligerantes em território beligerante – compareça potência neutra para debater problemas de guerra. Ao regressar a Washington, e com o intuito claro de desfazer a má impressão da propaganda anglófila, o presidente Roosevelt declarou que o seu país continuava tão afastado da guerra como antes de seus entendimentos com Churchill. Mas convém em palestrar, não ao pé da lareira, mas ao canto de um subterrâneo, com o ditador ‘camarada’ do comunismo. Entre aquelas primeiras afirmativas e esta última atitude, convenhamos que há contradição. [...]”

carioca aconselhou Roosevelt a aplicar a Doutrina Monroe (A América para os americanos) para a situação europeia, ou seja, os problemas do velho continente diziam respeito apenas aos seus habitantes, o que estava em consonância com os interesses alemães, que desejavam os norte-americanos distantes de seu tradicional aliado, a Inglaterra.⁴¹

Contra os bolcheviques

Nesse ano, foram registrados, de março a dezembro, 49 editoriais e 41 artigos de Inojosa sobre a Rússia. Vale notar que, a partir da sua invasão, o tratamento dado pelo *Meio-Dia* a esse país sofreu considerável alteração. No momento da aproximação entre os dois países e da vigência do pacto entre Hitler e Stálin, os russos eram aclamados como colaboradores da “Nova Ordem” europeia, construída pelos alemães. Rompido o acordo, três argumentos foram repetidos à exaustão. O primeiro, apresentado como justificativa

Vitoriosa a Alemanha na Europa, expulso o governo russo para a Sibéria, realizada a marcha sobre Suez, temos a impressão de que a Alemanha vai decidir até que ponto os Estados Unidos já entraram na guerra. E isto poderá resultar numa extensão mundial do conflito.” (Inojosa, 20/8/1941, p.2)

41. “Hoje, mais do que nunca, devemos repetir, como expansão incontida de legítima defesa própria, o caminho histórico, indicado pelo grande Presidente James Monroe – a América, para os americanos...”

“A recíproca, para haver paz, também se impõe: – a Europa, para os europeus... [...] A maioria das nações americanas não apresenta vocação alguma para as incertezas de uma guerra, motivada pelas reivindicações que o Grande Reich desejava se procedessem, no ambiente revisionista da paz, contra a humilhação impositiva do pacto de Versalhes. Não há sido a Alemanha a desrespeitadora dos sagrados princípios de Monroe. Desrespeitador, confesso e reincidente, desses princípios nossos, há sido o velho Império Britânico, em sua desarticulada política colonial. Malvinas, Trindade, Canadá, Honduras Britânicas, Guiana e várias ilhas do mar Caraíba não são possessões germânicas na América. [...] Americanos do norte, do centro e do sul, sejamos nós mesmos, em defesa, e só em defesa, do soberbo patrimônio continental, sem europeizações que só poderiam sangrar fundo as carnes rijas e moças de nações infantes.” (*Meio-Dia*, 31/5/1941, p.5)

para o ataque no Leste, aproximava ingleses e russos, sustentando que os últimos se preparavam para invadir a Europa e destruir a milenar cultura do continente; o segundo, fazia dos soviéticos monstros cruéis e assassinos; e, por fim, foi destacado o fato de os vermelhos não respeitarem qualquer tipo de religião e profanarem locais eclesiais. Todos esses argumentos também foram explorados pela propaganda nazista, o que ressalta, mais uma vez, a apropriação do discurso doutrinário alemão pelo jornal. Merece destaque o fato de o jornal silenciar sobre a repentina descoberta de defeitos tão graves, uma vez que, até então, os russos haviam sido considerados suficientemente dignos para selar acordos com a Alemanha.

Exemplo do posicionamento do jornal anterior a junho de 1941, encontra-se em editorial bastante benevolente em relação aos soviéticos. Tendo como pano de fundo os eventos em curso nos Bálcãs, o texto asseverava que os russos seguiam a política implementada por Pedro, o Grande, uma vez que o socialismo não teria afetado as diretrizes implementadas pelo antigo czar. A Inglaterra era acusada de fomentar a cizânia entre a Alemanha e a Rússia, estratégia pouco eficaz, uma vez que os dois povos estavam comprometidos em manter as relações comerciais iniciadas com o pacto nazi-soviético. Passava uma imagem favorável dos cidadãos russos, caracterizados como civilizados e conscientes da posição ocupada na Europa. Louvava, ainda, a responsabilidade e o realismo do governo comunista, que não se deixou levar pelas intrigas britânicas.⁴²

42. “Pouco a pouco se convencem os comentaristas nacionais de política estrangeira de que a Rússia tem uma orientação segura, traçada dentro dos métodos moscovitas. O que quer dizer objetiva e essencialmente realista. [...] A Rússia, dizia-nos há tempos um diplomata finlandês no Rio, é hoje a mesma de sempre. O russo, quer seja oficial do Império ou agente de Moscou sob as ordens de Stálin, é o mesmo homem de todos os tempos. O russo não mudou. Modificou-se, na Rússia, apenas o cenário, mas as linhas gerais da sua política secular são as mesmas, a herança de Pedro, o Grande, é tida pelo sr. Stálin como sagrada. [...] Hoje, no Kremlin, os homens são mais positivos. Encaram as coisas do ponto de vista dura e secamente dos interesses nacionais e jamais levariam o país a uma guerra se não vislumbrassem, se não tivessem mesmo a

A situação alterou-se a partir de meados de 1941, e a ex-aliada passou à traidora, sendo responsabilizada pelo rompimento do pacto de não-agressão ao iniciar preparativos para invadir o continente e implantar o comunismo em toda a Europa. À Alemanha só restou a alternativa de levar a cabo um ataque preventivo, com vistas a salvar o continente das “forças da desagregação e da negação da consciência humana”.⁴³

Curiosamente, mais uma vez, há correspondência entre a propaganda nazista e os textos do *Meio-Dia*. A respeito da ofensiva propagandística contra a Rússia em 1941, David Welch (1995, p.101) assinalou que “o bolchevismo ofereceu aos nazistas certas vantagens

certeza de que, como resultado, obteriam a realização de um ou mais dos pontos da herança política do grande Romanoff. Aí está o pacto nipo-soviético, para confirmar essa política essencialmente prática. No momento, a Rússia tem interesse em vender aos alemães tudo quanto lhes for possível vender. O alemão é bom pagador. Pelos acordos firmados em Moscou no mês de agosto de 1939, os dois países traçaram uma política de entendimento que pôs ambos à vontade para agir cada qual na sua zona de influência. Esse pacto permanece intacto. Se a Inglaterra armou a intriga de Belgrado para atirar a Rússia contra a Alemanha, mais uma vez se enganou. A Sérvia de hoje não é a de 1914 e em Moscou os homens de governo pensam diferentemente dos que governavam em São Petersburgo naqueles longínquos tempos.” (*Meio-Dia*, 15/4/1941, p.2)

43. “Confirmando a sua linha de conduta, marcada de traição e de despistamento, a Rússia Soviética, num conluio secreto com a Inglaterra, se aprestava para fechar o cerco à Alemanha, contrariamente aos compromissos expressos na letra dos últimos tratados subscritos por Berlim e Moscou. [...] O dedo de Moscou, sabe-se agora, armou a Iugoslávia contra a Alemanha e chegou mesmo a equipar o exército sérvio com armamento e munições destinados a combater os alemães. Satisfeita nos seus desejos de conquista lealmente consentidos pela Alemanha, a Rússia pensava em lançar mais longe ainda os seus tentáculos. A sombra de uma tremenda ameaça estendia-se, sinistra e presaga, sobre a Europa. Para salvaguardar a civilização no Continente contra a barbárie asiática, as legiões germânicas iniciaram a sua marcha através do território russo, afastando o perigo para uma órbita mais longínqua. [...] No entretanto que se está ferindo serão fatalmente vencidas as forças da desagregação e da negação da consciência humana, para o triunfo próximo e definitivo dos novos ideais humanos de paz e de justiça social.” (*Meio-Dia*, 23/6/1941, p.1-2)

enquanto um espectro. Inicialmente, eles foram capazes de racionalizar a invasão da Rússia como uma medida defensiva contra um ataque iminente de eslavos bárbaros do leste” [tradução minha].⁴⁴ Como se sabe, Stálin não tinha planos de invadir a Europa⁴⁵ e, ao que tudo indica, seus auxiliares próximos não deixaram de adverti-lo em relação a um possível golpe de Hitler:

No dia 15 de junho de 1941, tendo Timoshenko e Jukov insistido na urgente necessidade de transferir mais unidades para as fronteiras da URSS, argumentando convincentemente que, considerando-se a correlação de forças existente, “certamente não seremos capazes de enfrentar ou repelir o avanço do exército alemão de forma disciplinada”, Stálin ainda tentava convencê-los de que seus temores não tinham fundamento. “Hitler não é tolo a ponto de ignorar que existe uma diferença entre a União Soviética e a Polônia ou a França ou mesmo a Inglaterra, e inclusive todos esses países juntos”. (Medvedev & Medvedev, 2006, p.307)

Nos textos do segundo semestre de 1941, observa-se a demonização dos soviéticos, agora apresentados como subumanos. Utilizando-se da descrição de um jornalista norte-americano, o que por certo dava maior credibilidade ao relato, um editorial do *Meio-Dia* descrevia a situação das prisões encontradas nos territórios conquistados pelos alemães, o que contribuía para dar concretude à lenda negra do comunismo. Os ingleses são apresentados como

44. “Bolshevism offered the Nazis certain advantages as a bogey. Initially they were able to rationalize the invasion of Russia as a defense measure against an imminent attack from barbaric Slavs from the East.” (Welch, 1995, p.101)

45. É o que afirmou Jeffrey Herf, em seu livro sobre a propaganda nazista durante a Segunda Guerra Mundial. Para o autor, “nada nas ações de Stálin antes do ataque alemão ou durante o curso dos eventos no verão e outono de 1941 sustentam a alegação nazista de um ataque soviético iminente” [“nothing on Stalin’s actions before the German attack or in the course of events in Summer and fall 1941 supported the nazi claim of an imminent soviet attack”] (Herf, 2008, p.93).

corresponsáveis, uma vez que lutavam ao lado de bolcheviques sanguinários.⁴⁶

Já a ideia de defesa da civilização europeia contra os “bárbaros bolchevistas” foi explorada pela propaganda nazista. De fato, “a propaganda nazista afirmava que existia duas distintas civilizações europeias: as imensamente superiores cultura e inspirações da Europa Ocidental, comparada aos primitivos ‘subumanos’ asiáticos e eslavos do Leste” (Welch, 1995, p.100; tradução minha),⁴⁷ argumentos que também estiveram presentes nas páginas do *Meio-Dia*.

46. “‘O aspecto que apresentam as cadeias e prisões *ad hoc* criadas pelos bolchevistas nas cidades de Lemberg, Dubno e Luck é tão horrível que viverei, de certo, o resto da minha vida sob essa impressão. Quadros infernais se me apresentaram aos olhos: homens, mulheres, crianças, velhos e moços, sem qualquer distinção de sexo ou idade, foram as vítimas dos instintos sanguinários dos russos comandados pelos comissários políticos. O número das vítimas dos massacres, realizados em toda parte contra presos indefesos, quando as tropas alemãs se aproximaram daquelas cidades, deve atingir aos milhares. O pânico que vendava até então ainda o terrorismo bolchevista, está agora rasgado, e o mundo vê com horror incrível a realidade do credo vermelho, do reino de Moscou!’ O jornalista que escreve as linhas acima não é um alemão, nem mesmo um europeu. É um norte-americano de nome Steinkopf, um dos mais conhecidos correspondentes da *Associated Press* na Europa. [...] Está aí um quadro impressionante do destino dos povos infelizes que caem nas garras do bolchevismo. Não há palavras para atenuar a desumanidade e a barbárie de tais atos. Entretanto, reflitamos: esses russos cruéis são os aliados da Inglaterra! Foram eles instigados por Londres a ameaçar a Europa, a ameaçar o mundo inteiro, num tácito convite de extermínio da civilização e da cultura do velho continente, erigindo, se não fossem as vitoriosas armas da Alemanha, em lugar daquela civilização e daquela cultura o domínio do sangue que o correspondente norte-americano acaba de mencionar em traços de profunda emoção e de indizível horror.

“[...] A causa britânica e a barbárie bolchevista estão irmanadas e prosseguem a mesma finalidade. O mundo inteiro já percebeu essa aliança para o bem e para o mal. Para o mal, porque daí nada pode sair que não seja diabólico.” (*Meio-Dia*, 7/7/1941, p.2)

47. “Nazi propaganda claimed that there existed two distinct European civilizations: the vastly superior instincts and culture of Western Europe, compared to the primitive Asiatic and Slavic ‘sub-humans’ from the East.” (Welch, 1995, p.100)

A incompatibilidade entre o catolicismo e o comunismo, a qual o vespertino carioca insistiu repetidas vezes, estava em consonância com a realidade brasileira da época. A ideia de que a Alemanha era a defensora da cristandade ante aos soviéticos poderia ter forte apelo no Brasil, então país de maioria católica. É exemplo desse assunto o seguinte editorial:

Acabam de voltar da Carélia – território que os bolchevistas arrancaram durante perto de um ano do laborioso povo finlandês – altos chefes das igrejas católica e protestante. É impressionante o material que reuniram aqueles servidores de Deus sobre o ateísmo bolchevista, sobre os inomináveis achincalhes que sofreram os santos lugares naquela província. Igrejas foram modificadas em estrebarias, bares, clubes dançantes e clubes políticos ateístas, padres foram fuzilados e a massa dos crentes impiedosamente perseguida, só por acreditar em Deus. Com a voz trêmula de dor sobre tanto vandalismo, o chefe da Igreja finlandesa acrescentou que mandaria esse material ao bispo de Canterbury; então, Sua Excia. poderá subir ao púlpito e falar melhor sobre seus amigos bolchevistas. A magnífica catedral da cidade de Czernowitz foi transformada pelos amigos do bispo de Canterbury num estabelecimento público para as necessidades físicas. Os padres políticos da Inglaterra ainda não encontraram uma única palavra de reprovação. (*Meio-Dia*, 18/10/1941, p.2)

A análise permite concluir que, em 1940 e 1941, o *Meio-Dia* alterou significativamente a posição defendida no ano anterior, quando se pautou pelo pacifismo e discreto apoio à França e à Inglaterra. De fato, a década de 1940 abriu-se com estridente adesão aos ideais do nacional-socialismo alemão. Cumpre lembrar que a Alemanha colecionou, de 1939 até o final de 1941, numerosas vitórias no continente europeu. Um após outro, caíram Polônia, Holanda, Bélgica, Luxemburgo, França (uma das maiores potências de então), Iugoslávia, Grécia. O poderio militar da Wehrmacht parecia, até dezembro de 1941, invencível; seu avanço só foi detido em Moscou, pelo Exército

Vermelho. Ao mesmo tempo, a ofensiva japonesa a Pearl Harbor, em 7 de dezembro, levou os Estados Unidos a entrarem na guerra, alterando consideravelmente o equilíbrio de forças no conflito. Até então, as vitórias alemãs ajudavam a fomentar os comentários positivos ao nazismo e, ao mesmo tempo, justificava as críticas às democracias, representadas pela Inglaterra e pelo Estados Unidos.

Além das representações das nações em conflito, outro aspecto a ser ressaltado foi o crescente antissemitismo de Inojosa, questão que ocupou espaço secundário nos editoriais. O diretor do *Meio-Dia* atacou os judeus, estabelecidos no exterior ou no Brasil, por meio de textos de tonalidades fortes e chegou mesmo a preconizar a organização de campos de concentração ou colônias agrícolas que reunissem os judeus do território nacional, como estratégia para impedi-los de se dedicar ao comércio e à especulação. A comunidade era tomada como uma ameaça à sociedade e à economia brasileiras, e acusada de haver se apossado do bairro de Copacabana.⁴⁸

48. “Toda vigilância governamental contra a alta dos preços de gêneros alimentícios, aluguel de casa, quaisquer outras ‘mercadorias’ de primeira necessidade, ainda é pouca. O que se está verificando no Rio de Janeiro, e noutras capitais do Brasil, resulta do excesso de judeus ultimamente chegados ao nosso país. Onde quer que se instalem esses filhos aduncos de Israel, tenha-se como certo que a fisionomia econômica e social muda automaticamente. O encarecimento da vida é um dos aspectos alarmantes de suas atividades suspeitas. A especulação faz parte de sua história; é mesmo, no sentido popular, o seu ‘fraco’. E como ninguém especula melhor, nem mais inescrupulosamente, eis que as populações menos abastadas é que se vão tornar as vítimas imediatas dessas investidas de piranhas ou sanguessugas. O judeu possui o segredo de esvaziar a bolsa alheia sem ser pressentido. [...] Criaram os semitas o jogo da livre concorrência. E isto desgraçou o mundo. Mas os seus métodos não desapareceram de todo. Expulsos da Europa, pela implantação saneadora de uma Nova Ordem, tentam instalar-se na América, transportando a mesmíssima bagagem de vícios. Encontram – refiro-me, é claro, aos latino-americanos – um povo de boa-fé, confiante até na palavra falada, sentimental e idealista – campo fertilíssimo para a astúcia israelita. Iniciam, pelos velhos métodos, um sistema de penetração arruinadora contra a qual de nada valem as reações particulares. Só mesmo o Estado poderá opor um dique à desfaçatez judaica. [...] Os judeus não vivem pelo interior, onde o Brasil precisa de braços para o trabalho de seus campos e de suas fábricas. Instalam-se nas capitais. Abrem casas de comércio,

O fato de os textos publicados restringirem-se a comentários repetitivos, corrobora a hipótese de que o jornal estava sob o controle alemão, pois seus autores analisavam os acontecimentos à luz da propaganda nazista. A contaminação parece ter atingido o próprio Estado Novo, uma vez que se insistia em tomar Vargas como o *Führer* brasileiro.

Merece destaque, ainda, o texto de Inojosa, publicado no momento em que o jornal completou dois anos de existência. Nele, o proprietário do *Meio-Dia* afirma que, desde a infância, sempre fora um entusiasta da causa alemã e dos germânicos.⁴⁹ Tal explicação contrasta de forma gritante com o que o autor alegou anos depois em seu livro de memórias, ao escrever que o *Meio-Dia* havia adotado uma linha editorial pró-Eixo devido a critérios econômicos, e também porque “para o outro público, o da Alemanha e Rússia,

visando liquidar os concorrentes nacionais. Despejam todas as famílias brasileiras de certos edifícios de apartamento, para depois os sublocarem só a judeus. Elevam o nível dos preços pela especulação: bem visível amostra do que farão, se ficarem realmente soltos. Hoje em dia, o bairro de Copacabana dá a impressão de que é preciso pedir licença a Israel para entrar naquele ‘gueto’. Outras cidades do Brasil adquirem esse aspecto... bíblico. O Estado, porém, está vigilante. Já lhes proibiu a entrada, por tempo indeterminado. E o Tribunal de Segurança aí está para coibir-lhes as atividades perniciosas. Há, porém, necessidade urgente de se construir campos de concentração, ou colônias agrícolas – se se quiser suavizar o termo – para obrigar parte dos 400 mil judeus existentes no Brasil, ao trabalho obrigatório e eficiente, eliminando por essa forma o parasitismo judaico das cidades.” (Inojosa, 18/9/1941, p.1-2)

49. “Minha vida de jornalista posso dizer que a iniciei quando ainda estudante de preparatórios, em internatos de Recife. Durante aquele tempo, de 1915 a 1918 – lembrem-se os que foram meus companheiros – advoguei a causa da Alemanha contra os aliados. Violentas discussões no pátio do Ginásio Aires Gama, nos salões do Ginásio do Recife e, depois, no Liceu Paraibano, que terminavam quase sempre em pancadaria. [...] O meu raciocínio era, então muito simples: ‘o mundo inteiro quer esmagar a Alemanha e isto é uma injustiça. Esse raciocínio infantil não se me despegou mais do espírito. Com o avançar dos anos estudei as causas da guerra que tanto me impressionara, mergulhei nos livros de história, avancei pelos domínios da cultura’, e conclui: ‘de todas as investigações feitas, que o menino de 1915 tinha razão: há uma injustiça secular contra a Alemanha, que somente a ela própria caberia extirpar.’” (Inojosa, 1º/3/1941, p.4)

aliança primitiva, não havia veículo de comunicação da tarde” (Inojosa, 1978, p.73). É evidente que, passados vários anos, Joaquim Inojosa procurou atenuar sua atuação à frente do *Meio-Dia*. Já em relação ao momento de publicação do jornal, empenhou-se, no texto do segundo aniversário, em apagar o ano de 1939, quando suas opiniões não eram favoráveis à Alemanha, em prol de uma apresentação que fazia dele um germanófilo de longa data. Percebe-se, portanto, a tensão entre duas posições em relação à sua atuação no jornal: uma escrita no calor da hora, que visa a dotar de ancestralidade e legitimar sua simpatia pelos alemães, e outra, produzida décadas depois, que procura atenuar a sua postura.

O artigo de Inojosa continha ainda outras considerações importantes sobre o jornal: reafirmava seu apoio incondicional ao Estado Novo e a independência do vespertino que “reflete o pensamento de seu fundador”,⁵⁰ afirmação que pode ser vista como uma tentativa de refutar qualquer tipo de intervenção estrangeira no jornal, em um momento em que eram evidentes as conexões com os nazistas.

50. “[...] o Brasil marchava para uma revolução que talvez o dividisse definitivamente. Salvou-o o 10 de novembro de 1937. [...] Instituído o novo regime, seduziram-me as suas linhas básicas, e procurei colaborar na sua consolidação através da minha arma predileta – a imprensa. Fundei, para isso, o *Meio-Dia*. Na petição que em junho de 1938 dirigi ao ministro da Justiça, sr. Francisco Campos, pedindo autorização para editar este jornal, acentuei claramente: ‘*Meio-Dia* não pertence a grupos nem facções, sendo, como é, de uma só pessoa, de espírito independente, sem nenhum compromisso de ordem política ou doutrinária’. Nasceu, assim, o *Meio-Dia* inspirado na política do Estado Novo. Nasceu de puro impulso de idealismo. Eu não havia perdido nenhuma posição política ou cargo público que desejasse reaver pelo prestígio da imprensa. Arriscava, ao contrário, minhas economias numa empresa de futuro incerto. Fazia-o, porém, na convicção de que iria colaborar com o governo na salvação do Brasil, integrando-se na campanha de nacionalismo sadio que ele iniciara em 1937. [...] A linha de conduta do *Meio-Dia* é hoje a mesma de há dois anos atrás. A mesma que venho seguindo desde os bancos escolares. [...] tanto na orientação nacional, quanto na internacional, *Meio-Dia* reflete o pensamento do seu fundador, que decerto não o fundou senão para comunicar ao público esse mesmo pensamento.” (Inojosa, 1^a/3/1941, p.4)

O ataque japonês a Pearl Harbor, em 7 de dezembro de 1941, finalmente trouxe os Estados Unidos para o vórtice do conflito e marcou uma nova guinada na linha editorial do *Meio-Dia*. É significativo que os editoriais tenham se tornado, a partir de 10 de dezembro, raros e que tivessem sido publicados apenas em ocasiões excepcionais. O Brasil logo declarou sua solidariedade aos americanos, cenário que não mais comportava apoio aos alemães, e, nos artigos de Inojosa e editoriais, as referências à guerra escassearam.

A decadência

Ao longo de 1942, o *Meio-Dia* conheceu uma lenta agonia até o fim da publicação em 31 de outubro. Os textos publicados no jornal a respeito do conflito sofreram uma drástica redução. Nos meses conservados na FCRB (janeiro, junho e julho) somam-se dez editoriais, dois deles dedicados ao conflito, e 27 artigos de Inojosa, dentre os quais, dez consagrados à guerra. A consulta aos exemplares do IHGB não alterou o quadro. De fato, a matéria opinativa escasseou a olhos vistos, para quase sumir depois da declaração de guerra do Brasil ao Eixo, em agosto de 1942.

Até o rompimento de relações diplomáticas do Brasil com os países do Eixo, ocorrida em 28 de janeiro de 1942, o jornal apostou na neutralidade.⁵¹ Consumada a III Reunião dos Chanceleres Americanos, realizada no Rio de Janeiro,⁵² o vespertino pregou a união dos brasileiros em torno do Estado Novo, embalado pelos ataques desferidos contra navios brasileiros. Em março, o jornal

51. “Está de todo afastada, a esta altura, a hipótese da declaração conjunta de guerra pelas nações americanas participantes da Conferência do Rio de Janeiro. A própria ideia da ruptura das relações diplomáticas também parece que, afinal, não se imporá, dadas as dificuldades que traria. [...] Contudo, observa-se uma tendência no sentido de uma pressão coletiva contra o Eixo, sem, entretanto, chegarmos a decisões que a gravidade da hora presente não esteja ainda a exigir.” (*Meio-Dia*, 19/1/1942, p.2)

52. Sobre a Conferência dos Chanceleres, ver Arguelles (2010).

procurava defender-se da crescente animosidade popular e continuava a proclamar seu apoio ao Brasil, a Getúlio Vargas e ao regime, mas, a partir de agosto, não restou outra opção a não ser atacar os alemães, ainda que não se registre a mesma radicalidade desferida contra ingleses, russos soviéticos ou judeus.

Em 30 de janeiro de 1942, dois dias depois do rompimento diplomático oficial, a *Transocean* foi fechada (Silveira & Moraes Neto, 1990, p.443) e, embora não se disponha de informações específicas sobre a *RDV* e a *Stefani*, é muito provável que tenham conhecido o mesmo destino. Tal quadro deve ter afetado a saúde do empreendimento, visto que Inojosa já não dispunha, desde o final de 1939, de quaisquer bens ou meios que pudessem manter o jornal em atividade por mais tempo.

Observe-se que, no decorrer de seu último ano de circulação, Inojosa chegou a elogiar a Inglaterra, principal vítima dos ácidos editoriais e artigos de 1940 e 1941, e tecer elogios a Winston Churchill, um dos alvos preferidos de sua crítica.⁵³ Observação mais atenta, porém, revela que o escritor não perdia a chance de, em termos muito mais brandos e sutis, criticar os ingleses, repetindo cantilena já conhecida, que os acusava de colocarem os demais povos para lutar no seu lugar. Em artigo sobre a Malásia Britânica, Inojosa criticava a administração colonial ao afirmar que dava pouca participação política para os habitantes locais, bem como ressaltava a dependência da metrópole em relação ao território.⁵⁴

53. “Uma das vozes mais autorizadas no estudo deste conflito, pela própria posição que ocupa no cenário internacional, é, sem dúvida alguma, a do sr. Churchill. Pois há poucos dias o ‘première’ inglês censurava em Washington o ‘excesso de otimismo’ de certa opinião pública. O frio argumentador britânico pertence à uma geração de políticos realistas, e aprecia os fatos à luz de suas causas fundamentais, e, sobretudo, das consequências imediatas ou remotas. Daí a sua advertência.” (Inojosa, 3/1/1942, p.3 e 6/6/1942, p.3)

54. “Toda a Malásia obedece às determinações governamentais das autoridades de Singapura, onde se assenta um Conselho Administrativo composto de 16 membros – um malaio, um mestiço, um hindu, três chineses e 10 ingleses. ‘Nunca houve, diz certo comentador, uma só campanha política nem nenhuma eleição’. [...] A Malásia Britânica é riquíssima [...] Produz 45% da borracha do

Depois de examinar as representações formuladas pelo vespertino a respeito dos países beligerantes e do Estado Novo, deve-se levar em conta como o jornal foi percebido, durante sua existência, tanto pelos órgãos governamentais de controle – caso do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), Conselho Nacional de Imprensa (CNI) e Departamento de Ordem Política e Social (Dops) – quanto por outros veículos da imprensa do período.

mundo (sementes levadas do Brasil – *hervea brasiliensis* [sic] e 35% do estanho. Qualquer crise no comércio desses dois produtos criaria uma séria situação para as Ilhas Britânicas, que importam da Malásia a quase totalidade da borracha que gastam por ano.” (Inojosa, 10/1/1942, p.3)

3

O *MEIO-DIA* E OS ÓRGÃOS DE CONTROLE DA INFORMAÇÃO

O biênio 1940-1941 foi de especial importância para Joaquim Inojosa, visto que nele o escritor pernambucano ampliou seus negócios por meio do estabelecimento de sucursais do *Meio-Dia* no Brasil e no exterior, além de fundar uma editora, atividades para as quais contou, muito provavelmente, com apoio dos alemães. Entretanto, Inojosa também foi alvo do aparelho coercitivo do Estado Novo, situação que perdurou até 1942, quando o periódico deixou de circular e o escritor interrompeu sua carreira jornalística, para voltar à ativa apenas em 1948. Se, em 1939, o surgimento do jornal chegou a ser aplaudido pelos dirigentes do regime, a partir de 1940 tanto Inojosa como o *Meio-Dia* tiveram problemas com o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), com o Conselho Nacional de Imprensa (CNI), com a Interventoria do Rio Grande do Sul, com o Departamento de Ordem Política e Social (Dops), além de enfrentar o descontentamento da própria população do Rio de Janeiro, enfurecida com os ataques submarinos alemães, que acabaram por levar à declaração de guerra do Brasil à Alemanha, em agosto de 1942. É digno de nota o fato de o vespertino ter chamado a atenção das forças da ordem justamente quando mudou sua linha editorial, ou seja, em 1940.

DIP, CNI e Interventoria do Rio Grande do Sul

A partir de 1940, pode-se acompanhar os esforços de Inojosa no sentido de ampliar suas atividades jornalísticas. Assim, ele pediu permissão ao DIP e ao CNI, órgãos encarregados de autorizar e fornecer o registro para novas publicações. Todavia, de acordo com Inojosa, em 1940 o CNI

Por mais de uma vez suspendera a circulação do jornal, estranhamente, como, por exemplo, pelo fato de numa segunda-feira estar nas bancas antes das 11h; negara-lhe o aumento pleiteado de venda avulsa de 100 para 200 réis [...] distribuía verba de publicidade a todos os jornais, menos ao *Meio-Dia*. Ao pedido de publicação de uma revista *Juventude Brasileira*: – “Indeferido” e ao de *Meio-Dia Infantil*, que “aguardasse oportunidade” [...]

Outra negativa: a de fornecimento de papel pela Alfândega de Santos, para que *Meio-Dia* fizesse circular uma edição na capital de São Paulo... (Inojosa, 1978, p.78)

Embora seja razoável levantar dúvidas quanto à veracidade e acuidade dos fatos narrados por Inojosa, é certo que as relações entre o jornal e o governo tornaram-se tumultuosas, já que foram diversas as ocasiões em que houve atritos, como nas várias alegações do DIP a respeito do fato de o jornal circular antes do horário previsto para os vespertinos. Já a negação para novas publicações pode ser interpretada como uma tentativa de evitar a ampliação de publicações de cunho nazista no país.

Em 1941, quando da instalação da sucursal do *Meio-Dia* em Porto Alegre, Inojosa e seu jornal tiveram problemas com a Interventoria do Rio Grande do Sul. De acordo com o relato fornecido por Inojosa,

Depois de haver aberto uma sucursal em São Paulo, resolveu a direção do *Meio-Dia* fazê-lo igualmente em Porto Alegre. Mal a instalava, porém – com a vizinha de Curitiba em funcionamento –,

eis que lhe cerra as portas a Polícia, recambiando o representante para o Rio de Janeiro, numa violência sem precedentes, comandada pelo Interventor Cordeiro de Farias pelas mãos de um bastante conhecido oficial Fernando Py. (Inojosa, 1978, p.82)

Em um dos documentos conservados no arquivo pessoal de Joaquim Inojosa, depositado na Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), o incidente foi apresentado de forma mais detalhada, inclusive com as supostas causas para o fechamento da sucursal gaúcha. Sob o título “*Meio-Dia* e sua circulação em Porto Alegre. Ofício ao diretor do DIP/Carta ao Interventor do Rio Grande do Sul/Relatório”, o conjunto, composto por três partes distintas, como aponta o título, traz preciosas informações. Na primeira parte, constituída pelo ofício, inteiramente reproduzido a seguir, Inojosa escreveu ao diretor do DIP, Lourival Fontes, expondo suas queixas e pedindo autorização para o recomeço das atividades do *Meio-Dia* no Rio Grande do Sul. A segunda parte contém carta de Inojosa ao interventor do Rio Grande do Sul, Cordeiro de Farias, com teor muito semelhante à dirigida a Fontes. Por fim, a terceira parte intitulada “Relatório da sucursal do *Meio-Dia* em São Paulo” reproduz texto endereçado a Inojosa, do jornalista Manoel Moreira, chefe da sucursal do *Meio-Dia* em São Paulo e encarregado de inaugurar a filial gaúcha, o qual relata todo o episódio e apresentou-se como vítima da truculência da polícia de Porto Alegre, que o reembarcou à força para São Paulo.

Na primeira parte do documento lia-se o ofício endereçado a Lourival Fontes:

OFÍCIO AO DIRETOR DO DIP

Ilmo. Sr. Dr. Lourival Fontes, M. D. Diretor do DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E PROPAGANDA

O jornal “*Meio-Dia*”, pelo seu diretor-proprietário abaixo assinado, vem trazer ao conhecimento de V. S. o seguinte:

a) Desde que se fundou, em 1º de março de 1939, tem procurado este jornal difundir-se o mais possível pelo interior do Brasil, com o fim de estabelecer maior contato da imprensa da capital do país com o público dos Estados. Fundou, para isso, sucursais, ou designou correspondentes, nas principais cidades, estabelecendo um intercâmbio grandemente auxiliado pelas facilidades de transportes aéreos.

b) No dia 16 de março p.p. determinou este jornal que o gerente da sua sucursal em São Paulo, sr. Manoel Moreira, seguisse até Porto Alegre para instalar e dirigir por algum tempo a sucursal que ali seria aberta. Ali chegando começou o desempenho da sua missão, alugando salas no prédio à rua General Câmara, nº 264, e contratando funcionários. Ficou, assim, instalada a sucursal, conforme se verifica da notícia publicada no “Meio-Dia” de 30 de abril.

c) Dias depois, as autoridades policiais detiveram, incomunicáveis, os proprietários das bancas encarregadas da venda avulsa do jornal, apreenderam toda a edição do “Meio-Dia”, bem como as remessas de assinaturas.

Prenderam o representante deste jornal, também incomunicável, por vários dias, deportando-o, depois, no primeiro vapor, para São Paulo.

E culminando em violência, proibiram a circulação do “Meio-Dia” no Rio Grande do Sul, até mesmo para assinantes, sob a fútil e irrisória alegação de que ali não havia clima para tal jornal.

d) Ora, o “Meio-Dia” é um jornal registrado no Departamento de Imprensa e Propaganda, única autoridade competente para determinar-lhe zona de circulação. Neste particular, não consta que exista na lei qualquer dispositivo que permita à polícia de um Estado proibir que este ou aquele periódico circule nesta ou naquela localidade.

Se o que “espanta” a autoridade policial de Porto Alegre é a orientação do “Meio-Dia”, deve este jornal informar que ainda aí está autorizado pelo DIP, que, de sua vez, se baseia na lei de neutralidade brasileira, admitindo, igualmente, que outros jornais sigam orientação diferente.

e) *O que a autoridade policial gaúcha não podia desconhecer é que “Meio-Dia” está a serviço do Brasil, numa orientação nacionalista clara, firme e coerente desde a data de sua fundação.* E que um jornal que livremente circula no Rio de Janeiro, São Paulo, Minas, Bahia, Pernambuco ou Amazonas, também pode circular no estado do Rio Grande do Sul.

f) Levando ao conhecimento de V. S. a violência sem precedentes no Estado Novo praticada pela polícia de Porto Alegre, vem o “Meio-Dia” solicitar ao mesmo tempo que o DIP intervenha no sentido de garantir a sua livre circulação naquele Estado.

Saudações

JOAQUIM INOJOSA

(Inojosa, 1941; grifo meu)

Ao que parece, os ofícios dirigidos a Lourival Fontes e Cordeiro de Farias não surtiram qualquer efeito, pois, segundo Inojosa, acabaram arquivados sem resposta (Inojosa, 1978, p.83). Na sua carta, o escritor pernambucano explicitou a orientação nacionalista do jornal, em consonância com os preceitos do Estado Novo. Além disso, a justificativa dada pela polícia de Porto Alegre para impedir o vespertino de circular visava, possivelmente, impedir manifestações de suporte e apoio ao Reich, por parte da população teuto-brasileira do Rio Grande do Sul. Dessa forma, pode-se especular que a ação da polícia gaúcha visava a evitar a circulação de um jornal pró-nazista, o que poderia acirrar os ânimos em um momento em que vigorava uma política de cunho nacionalista. O receio das autoridades policiais na instalação da sucursal não era infundado. Segundo o historiador René Gertz,

pode-se supor que nos anos 30 cerca de 20% da população dos dois estados mais sulinos era de descendência alemã. Como o Rio Grande do Sul possuía uma população total de 3.100.000 habitantes e Santa Catarina 1.000.000, haveria, respectivamente, 19,3% e 22% de teutos nos dois estados. Assim, vivia em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, tanto em números absolutos

quanto em números relativos, o maior contingente de teutos no Brasil. (Gertz, 1987, p.20)

Em suas memórias, Inojosa refere-se ao oficial que efetuou a diligência policial como Fernando Py. É muito provável que se tratasse do coronel Aurélio da Silva Py, delegado de polícia no Rio Grande do Sul no período de 1938 a 1943 (Muhm, s. d.), que publicou, em 1942, *A 5ª Coluna no Brasil: a conspiração nazi no Rio Grande do Sul*. O livro de Py “descreve uma série de evidências que, sob a sua ótica, indicavam uma possível ação nazista no Brasil e até o possível plano de invasão alemã” (Marlow, 2006, p.31). Tal fato talvez explique o porquê do bloqueio da instalação da sucursal do *Meio-Dia* em Porto Alegre. Nota-se que a orientação política do *Meio-Dia* valeu ao jornal toda sorte de empecilhos e problemas com o governo, inclusive relativos ao conteúdo de artigos e editoriais. Embora o jornal sempre tenha se posicionado de forma favorável ao Estado Novo e suas políticas, tal fato não impediu que o vespertino fosse alvo de severas restrições por parte do governo e do aparato repressor.

O *Meio-Dia* e o Dops

Por ter se envolvido com atividades ligadas ao nazismo, Joaquim Inojosa e seu jornal tornaram-se alvos da vigilância do Estado. Com efeito, o Departamento de Ordem Política e Social (Dops) produziu numerosos relatos sobre ambos. A documentação evidencia a proximidade entre o jornal e os alemães, iniciada em 1939, e que envolvia trocas monetárias.¹ A maior parte das anotações diz respeito ao finan-

1. O Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (Aperj) conserva dossiê a respeito do *Meio-Dia* (1940-1943), bem como o prontuário de Joaquim Inojosa (1939-1956). Embora ambos contenham informações relevantes a respeito da história do periódico, é preciso atentar para o fato de que pairam dúvidas sobre a veracidade dos detalhes presentes nos documentos. Não é possível precisar, por exemplo, como tais informações foram recolhidas, nem quem as fez. No

ciamento do *Meio-Dia* pela Embaixada da Alemanha, *Transocean*, *Casa Lohner*, que anunciava no vespertino com frequência, e das Estradas de Ferro Alemãs. Ressaltava-se o fato dos alemães supostamente arcarem com todas as despesas do cotidiano e ainda da hipoteca do jornal. Vale lembrar que a agência de notícias *Transocean* foi citada, na maior parte dos documentos, como a principal financiadora.

Na documentação produzida pelo Dops, vários indivíduos foram relacionados, do ponto de vista financeiro, ao periódico. Foi o caso de José de Carvalho e Silva, diretor testa de ferro da *Transocean*, já mencionado; Guilherme Hohagen, apresentado como cunhado de Silva e agente de publicidade do *Meio-Dia*, embora nada conste nos documentos da FCRB a respeito;² Otto Weber, diretor de publicidade da *Casa Lohner*, que teria negócios com o jornal, e que, a julgar pelos dados do órgão, sobrepunha-se ao próprio Inojosa e interferia nas decisões tomadas no vespertino;³ Heinz Ehlert, tido pela polícia como chefe do serviço de propaganda alemã no Rio de Janeiro e funcionário da *Transocean* (Silveira & Moraes Neto, 1990); Henrique Heller, funcionário da Câmara de Comércio Teuto Brasileira e superintendente da agência supracitada; Franz Nitiche/Frantz Nitichi, funcionário da Embaixada Alemã, encarregado, a pedido de seus superiores, de analisar as finanças do *Meio-Dia*; Rudolph Rust, que seria responsável por

entanto, a julgar pela existência de codinomes de informantes e pela própria natureza dos dados presentes nas páginas, é provável que o Dops tenha infiltrado agentes no jornal, além de ter destacado outros para seguir aqueles julgados importantes, como Joaquim Inojosa e Mário da Trindade Henriques.

2. A FCRB possui documento com nomes de todos os que trabalharam no jornal. Curiosamente, Hohagen não consta da lista de funcionários.
3. O dossiê relativo ao *Meio-Dia* está repleto de suposições a respeito de quem verdadeiramente “controlava” o vespertino. Em uma ocasião, aparece o nome de Weber, enquanto duas outras anotações sugerem o nome de Henrique Heller e ainda outra menciona José de Carvalho e Silva. Parece claro que, mais do que qualquer espécie de controle sobre a publicação, os homens citados empenharam-se em fazer publicar grande quantidade de propaganda no jornal.

controlar as finanças do vespertino, por determinação de Hans Henning von Cossel, chefe do partido nazista no Brasil (Perazzo, 1999, p.72); Will F. Koenig, representante da Emissora Alemã de Ondas Curtas e diretor da companhia Estradas de Ferro Alemãs em terras tupiniquins; Walter Winkelmann, representante no Brasil da UFA, empresa cinematográfica alemã; Gustavo Clak ou Glock, funcionário da embaixada germânica, e até mesmo o próprio embaixador alemão, Curt Prüfer, foi mencionado no material compulsado pelo Departamento.

As negociações eram feitas, em grande parte, por Mário da Trindade Henriques, gerente do jornal, bem como pelo próprio Inojosa. Em relatório que dava conta da presença alemã no *Meio-Dia*, destacavam-se os valores das supostas subvenções pagas pelos alemães, que também teriam arcado com dívidas da empresa. O material refere-se às dificuldades das negociações entre Inojosa e os germânicos que, sempre segundo o material do Dops, não foram baseadas na franqueza. Vale acompanhar as informações registradas pelo órgão:

O Sr. Joaquim Inojosa está recebendo uma subvenção de Rs: 8:000\$000 semanais da Embaixada Alemã. O pagamento não é feito diretamente pela Embaixada mas sim por intermédio da Agência Telegráfica *Transocean*. A pessoa que efetua os pagamentos não é o Sr. José de Carvalho e Silva, Diretor Brasileiro da mesma Agência, mas sim o Sr. Henrique Heller, antigo funcionário da Câmara de Comércio Teuto Brasileira, nomeado há vários meses uma espécie de superintendente da Agência Telegráfica *Transocean*. Quando o jornal *Meio-Dia* começou a servir os interesses políticos alemães o Sr. Joaquim Inojosa, seu diretor cometeu a “leviandade” de não por os elementos da Embaixada da Alemanha ao par da verdadeira situação, isto é, não comunicou o fato de que ele devia quantias importantes à Cia. Light e à Cia. Telefônica e que havia entregue a essas duas Empresas títulos assinados no valor de cerca de 60:000\$000. Um dos primeiros títulos venceu ontem e naturalmente o Sr. Inojosa não estava em

condições de pagá-lo. As Cias. supramencionadas defendem naturalmente os interesses britânicos e estão exercendo uma pressão violenta exigindo os pagamentos dos títulos ou ameaçando as consequências jurídicas do protesto. Além disso o jornal *Meio-Dia* deve à Cia. Linotipo do Brasil, Cia. Britânica, cerca de 300:000\$000, por haver adquirido máquinas linotipo com reserva de domínio. Muitas prestações já se acham atrasadas. Foi por esse motivo que por iniciativa da Agência *Transocean* foi apresentada uma proposta não de compra e venda mas sim de arrendamento do jornal. [...] Trata-se de oferecer uma mensalidade oscilando entre 5:000\$000 e 8:000\$000 ao Sr. Joaquim Inojosa que praticamente abandonaria o jornal aos alemães. Os alemães exigem, porém que, essas mensalidades sejam destinadas a pagar as dívidas do jornal e o Sr. Inojosa não concorda com isso. As negociatas se acham atualmente nesse impasse. Durante a tarde de hoje deverá realizar-se uma reunião na Agência *Transocean* comparando à mesma o secretário de redação de *Meio-Dia* para ser examinada uma possibilidade de acordo. Os alemães estão procurando também um jornalista brasileiro que serviria de prestanome a essa transação. (Dops, 6/6/1940, p.6-7)

A confiar no relato, fica evidente que o jornal dependia cada vez mais do apoio alemão, pois a propaganda nazista e a presença da *Transocean* em suas páginas foi, a partir de 1940, um fato incontestável. É certo que Inojosa recebia quantias em dinheiro da agência e ainda da Embaixada Alemã para sanar dívidas e manter a publicação ativa. No entanto, parece improvável que o jornal tenha sido abandonado por Inojosa aos alemães, como consta do informe, pois o próprio diretor do *Meio-Dia*, autor de textos que louvavam a Alemanha e atacavam os inimigos do Reich, teve participação fundamental na difusão de propaganda nazista.

Ainda segundo o relato policial, existiriam indicações de que o dinheiro destinado à manutenção do jornal pelos alemães era desviado para outras atividades pelo seu diretor. Franz Nitiche e, posteriormente, Rudolph Rust teriam sido destacados para fazer a

contabilidade do jornal a fim de apurar supostas irregularidades cometidas por funcionários e pelo diretor.⁴ Na versão construída pelo Dops, a cooptação de jornais e jornalistas teria sido uma operação bem complexa, já que envolvia falcatruas e desvios de verbas.

As informações reunidas pelo Dops indicam que os negócios de Inojosa não se restringiriam aos acordos com a *Transocean* e a Embaixada. No final de 1940 e início de 1941, Henriques teria firmado acordos com Will F. Koenig e Walter Winkelmann para inserir no jornal maior quantidade de propaganda alemã, respectivamente, das Estradas de Ferro Alemãs e Emissoras Alemãs de Ondas Curtas, e da UFA.⁵ Vale notar que, para todas as transações financeiras, era

-
4. “O Snr. Joaquim Inojosa [...] está exigindo, da Embaixada Alemã, quantias fabulosas, alegando ‘déficit’ constante no seu jornal. Em virtude dessas quantias estarem aumentando, dia à dia, a Embaixada resolveu designar o guarda-livros da Cia. Estradas de Ferro Alemãs, Frantz Nitichi, para examinar a escrita e apurar a veracidade dos prejuízos aludidos pelo Snr. Joaquim Inojosa. O referido guarda-livros, constatou, que o jornal não possuía livro-caixa [...] onde constassem operações de contabilidade relativas à receita e à despesa” (Dops, 22/8/1940, p.9). “Rudolph Rust, é, por determinação de Von Cossel, encarregado de controlar a contabilidade do *Meio-Dia*. Sem o seu ‘visto’, nada poderá ser adquirido pelo referido jornal.” (Dops, 5/10/1940, p.11)
 5. “O vespertino ‘Meio-Dia’, por intermédio do seu gerente Snr. Mario Trindade Henriques, entrou em acordo com Will F. Koenig, representante da ‘Emissora Alemã de Ondas Curtas’ e diretor da companhia ‘Estradas de Ferro Alemãs’, para que sejam inseridas, nas colunas daquele jornal, notícias, gravuras e artigos de propaganda alemã. O ‘Meio-Dia’ efetuará, entre 15 de Outubro e 15 de Novembro, 5 a 10 publicações, e receberá, sob o disfarce de ‘pagamento de propaganda comercial’, a importância de 10:000\$000.” (Dops, 20/10/1940, p.12)

A outra notação, das atividades da UFA, chegava a reproduzir uma carta enviada por Henriques à empresa. É possível supor, diante de tal material, que provavelmente havia agentes ou no jornal ou na empresa, os quais tinham acesso a documentos importantes. Afirmava o relatório que “Walter Winkelmann, representante da empresa cinematográfica ‘UFA’, no Brasil, e ativo propagandista da causa germânica [...] firmou, em 16 de outubro de 1940, um acordo com o jornal ‘Meio-Dia’ [...] O presente acordo, tem a duração de um mês, e, pode, de parte a parte, ser rescindido, sem que se torne necessário um prévio aviso. O ‘Meio-Dia’, recebe, para 10 a 15 publicações, que, deverão ser efetuadas de 15 de Outubro a 15 de Novembro de 1940, a quantia de

dado o epíteto de “propaganda comercial”, de forma a mascarar a ajuda do Reich.

Nos documentos consultados, informa-se que a publicação recebeu verbas da Embaixada da Espanha pela publicação de artigo e entrevista do próprio embaixador sobre Primo de Rivera, criador da Falange,⁶ bem como do Consulado da Itália em São Paulo, que repassava dinheiro para a sucursal paulista da publicação.⁷ Segundo consta, o próprio edifício sede do jornal, situado na rua da Constituição, era de propriedade da Beneficência Espanhola, que o havia alugado a Inojosa enquanto a administração da entidade esteve nas mãos de partidários da Falange. Em 1941, no entanto, uma nova diretoria, composta de espanhóis republicanos, reclamou o pagamento das dívidas que, ao que parece, não foram honradas por Inojosa.⁸ Em vista de tal documentação, o jornal teria se tornado porta-voz de movimentos e partidos de extrema-direita europeus e difusor de suas ideologias na cidade do Rio de Janeiro.

15:000\$000, a título de propaganda comercial, etc... Ass. Mario Trindade Henriques (Gerente).” (Dops, 10/1/1941, p.14)

6. “[...] em comemoração ao 4º aniversário do fuzilamento de Primo de Rivera, [...] o Embaixador da Espanha, Sr. Raimundo Fernandez Cuesta, deu publicidade [...] a um artigo de sua autoria, [...] e, a uma entrevista, versando sobre o mesmo assunto. – Por estas publicações, a Embaixada da Espanha pagou, ao referido jornal, a importância de 2:000\$000.” (Dops, 26/11/1940, p.13)
7. “A sucursal do jornal ‘Meio-Dia’, em São Paulo, está instalada à rua Líbero Badaró, nº 137, 2ª andar, e, recebe, mensalmente, do Consulado Italiano naquela capital, a importância de 1:500\$000.” (Dops, 23/4/1941, p.15)
8. “A ‘Beneficência Espanhola’, proprietária do prédio onde está instalado o jornal ‘Meio-Dia’, em virtude de não ter conseguido receber a importância de 20:000\$000 devida pelo referido periódico, (10 meses de aluguel, a 2:000\$000), vai mover contra o mesmo uma ação de despejo. O prédio em questão, foi alugado ao ‘Meio-Dia’, pela antiga Diretoria da Beneficência, composta de elementos ‘falangistas’, atendendo a uma recomendação da Embaixada da Espanha. Entretanto, agora, os ‘republicanos’, componentes da atual Diretoria da Instituição em apreço, dirigiram-se ao Sr. Joaquim Inojosa, exigindo, não só o pagamento da importância acima referida, como também uma quantia de 40:000\$000, destinados ao pagamento de futuros aluguéis. O prazo para que fossem satisfeitas essas exigências, expirou ontem.” (Dops, 4/9/1941, p.16)

Por meio de outras anotações, pode-se verificar que o Dops mantinha estreita atenção e vigilância sobre o vespertino. De fato, apenas um dia depois do ataque japonês a Pearl Harbor, o órgão fez questão de frisar a mudança da orientação editorial da publicação que, a partir daí, não mais apoiou a Alemanha.⁹ Em janeiro de 1942, no dia seguinte ao rompimento das relações diplomáticas entre o Brasil e o Eixo, o Dops também se mostrou vigilante e chamava a atenção para eventuais problemas que poderiam ocorrer no interior da redação do *Meio-Dia*.¹⁰ Além disso, o órgão já tinha conhecimento da decisão de Inojosa de encerrar a publicação.¹¹ Os exemplos listados mostram que o governo teve conhecimento prévio dos vários atos envolvendo a espionagem e divulgação de propaganda nazista no Rio de Janeiro por meio da cooptação de periódicos, como o *Meio-Dia*, e acompanhava cada passo do jornal e de seu diretor. Também é inegável que o vespertino era lido atentamente pelos agentes do Dops, a julgar pelos recortes de jornais presentes no dossiê mantido pelo Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (Aperj).

O Dops também se ocupava de observar o cotidiano de Inojosa. O escritor era visto com desconfiança pelos órgãos de controle, e chegou a ser considerado, em 1939, como contrário aos interesses do Estado Novo e fiel aliado de Armando de Salles Oliveira e Lindolfo Collor, ceifados do cenário político brasileiro com o golpe de 1937.¹² Além disso, o dossiê relativo ao jornal e o pron-

-
9. "O sr. Joaquim Inojosa, diretor do 'Meio Dia', afirmou que o citado matutino, no presente conflito entre os EUA e o Japão, apoiará os norte-americanos, pois, antes de tudo, ele, Joaquim Inojosa, é brasileiro." (Dops, 8/12/1941, p.19)
 10. "Segundo informam os investigadores de serviço na redação do jornal 'Meio-Dia', nada de anormal tem ocorrido ali." (Dops, 29/1/1942, p.22)
 11. "O Snr. Joaquim Inojosa, ao que consta, estaria propenso a paralisar as atividades do vespertino 'Meio-Dia', a partir de amanhã." (Dops, 30/10/1942, p.31)
 12. "Vem sendo comentado o fato do jornal 'O Meio-Dia', de propriedade de Joaquim Inojosa, político adversário do atual regime e amigo dos srs. Armando de Sales, Lindolfo Collor e outros – publicar diariamente, noticiário de exclusiva defesa ale- [sic] dos alemães." (Dops, 7/12/1939, p.2)

tuário de Inojosa não deixam de frisar falas e comentários do escritor. De fato, suas declarações em lugares públicos foram anotadas por agentes/informantes, como é o caso de uma suposta declaração feita em conversa informal por Inojosa, afirmando que Oswaldo Aranha conspirava nos Estados Unidos para derrubar Getúlio Vargas e tornar-se presidente do Brasil;¹³ e a locução que afirmava que o *Meio-Dia* continuaria a ser financiado pelos alemães enquanto houvesse jornais nas mãos de grupos ingleses, além de garantir que o vespertino também era financiado pela Embaixada do Japão.¹⁴

Inojosa continuou a ser vigiado mesmo após o término do periódicó. Em seu prontuário, conservado pelo Aperj, existem anotações feitas pela polícia até o ano de 1956 que, em sua quase totalidade, diziam respeito às viagens feitas ao exterior pelo jornalista. Em anotações relativas às investigações conduzidas em 1974 sobre a equipe de *O Jornal*, órgão de imprensa que contava com colaboração de Inojosa, o escritor foi novamente citado, com o respectivo detalhamento de sua ficha. Mesmo 32 anos após o fim do *Meio-Dia*, as atividades do ex-diretor ainda eram vistas pelo Estado como suspeitas.

É fato que os arquivos do Dops fornecem novas pistas a respeito das conexões entre os alemães e o *Meio-Dia*, corroborando o que se percebe a partir da leitura e análise dos textos e editoriais, ou seja, a presença de propaganda a favor dos autoritarismos europeus, com destaque para o alemão. Deve-se ressaltar a difícil re-

13. “O sr. Joaquim Inojosa declara abertamente que o sr. Oswaldo Aranha anda conspirando nos EUA contra o sr. Getúlio Vargas. Em uma roda composta dos srs. Decusati, Major Afonso de Carvalho, Carvalho Silva e Abelardo França, o marginado declarou que o Ministro do Exterior defende a amizade Ianque, com o fim de se candidatar à Presidência da República e dando um jeito de derrubar o sr. Getúlio Vargas.” (Dops, 3/10/1940, p.8)

14. “Inojosa diz que os serviços do ‘Meio-Dia’ são bem pagos pela ‘Transocean’ e pela Embaixada Japonesa e que para ser acabado isso, o Governo terá que acabar com as imoralidades nos jornais que são pagos pelos ingleses.” (Dops, 20-21/12/1941, p.12)

lação entre Inojosa e os alemães, visto que teriam sido comuns desvios de dinheiro e divergências entre os mesmos, além do fato de o jornal ter circulado, durante toda a sua existência, em condições financeiras pouco favoráveis, visto que suas instalações eram alugadas e que Inojosa possuía dívidas que comprometiam a saúde da publicação. De qualquer modo, é evidente que o rompimento dos laços diplomáticos entre o Brasil e a Alemanha, bem como o fechamento da *Transocean* e da Embaixada Alemã, em 1942, foram cruciais para o fim do empreendimento jornalístico de Inojosa que, afinal, sucumbiu pouco tempo depois. A publicação teria terminado com problemas entre Inojosa e seus ex-funcionários, já que o diretor não possuía dinheiro sequer para pagar os salários atrasados, o que motivou o envio de uma carta a Vargas, na qual os empregados solicitavam ajuda para obterem novas colocações.¹⁵

Prisão de Henriques, Inojosa e outros funcionários do *Meio-Dia*

A crescente vigilância exercida pelo Dops atingiu seu ápice um mês depois da declaração de guerra aos países do Eixo, em setembro de 1942, quando Inojosa foi preso e levado à Polícia Central. Em suas memórias, assim se referiu ao episódio:

15. “Consta, nos círculos jornalísticos, que o Snr. Joaquim Inojosa está em negociações para vender a maquinaria e demais pertences do jornal ‘Meio-Dia’, já tendo recebido, nesse sentido, três propostas. – Elementos ex-empregados no aludido jornal recorreram à Justiça do Trabalho, reclamando o pagamento de seus salários, motivo pelo qual o Snr. Inojosa foi chamado ao órgão competente, a fim de esclarecer a situação. Esses mesmos elementos, por intermédio do Snr. Vargas Neto, dirigiram um memorial ao Snr. Presidente da República, solicitando outras colocações. S. Excia. teria determinado ao Major Coelho dos Reis que aproveitasse, na medida do possível, os elementos em questão. O diretor do DIP, apesar de haver prometido atendê-los, não pretende, ao que consta, colocá-los no órgão que dirige, receoso de que venha a ser taxado de simpatizante do ‘Eixo’, em virtude das comprovadas tendências ‘germanófilas’ do ‘Meio-Dia’ e da maioria de seus serventuários.” (Dops, 4/12/1942)

Tratava-se, entanto, do seguinte: já havia o Brasil quebrado a sua neutralidade, quando a polícia, invadindo os escritórios da organização de Plínio Salgado – com quem eu jamais tivera contato –, encontrou aos milhares páginas do jornal Meio-Dia contendo o último discurso do ministro alemão Von Ribbentrop. Dedução: o jornal estava imprimindo discurso de um inimigo da pátria... Somente que se tratava de página impressa quando ainda o Brasil era um país neutro, liberado pelo DIP e até divulgado também pelo jornal A Noite, propriedade do Governo. Justificou isto que pelas 17h me chegasse o delegado encarregado da heroica diligência e me pedisse desculpas:

– O Sr. desculpe. Foi um equívoco. Isto por aqui é assim mesmo... Tome papel. Escreva o que quiser.

Ora, é evidente: bastava que o cel. Etchegoyen houvesse conferido a data do jornal e confrontado com a coleção deste, para conhecer a verdade, sem tanto aparato e violência...

Guardei cópia do que escrevi, em que me limitei apenas a assumir responsabilidade de tudo quanto houvesse ocorrido no jornal, relatando o fato nas minúcias destas palavras:

– Relativamente à página do *Meio-Dia* que se apresenta sob o título de “Discurso pronunciado pelo barão Von Ribbentrop” etc., e que tem a data de 28/11/1941, página 5, devo declarar o seguinte:

Trata-se da página 5 de uma das edições do *Meio-Dia*, de 28 de novembro de 1941. [...]

“Relativamente à aludida página do *Meio-Dia*, trata-se de um discurso proferido pelo Ministro das Relações Exteriores da Alemanha, publicado pelo *Meio-Dia* e presumo que noutros jornais brasileiros, pois sua divulgação se achava autorizada pelo DIP. Sendo o Brasil neutro relativamente à guerra europeia naquele mês de novembro de 1941, e mantendo relações diplomáticas com a Alemanha, esses discursos podiam publicar-se com maior ou menor destaque, dependendo da feição discreta ou sensacionalista do jornal, ou do interesse que tivesse, de servir ao seu público. [...]

Rio de Janeiro, Polícia Central, 19 de setembro de 1942.”

– Perguntado sobre se, em novembro de 1941, lhe fora solicitada a impressão do discurso publicado no jornal *Meio-Dia*, de 28-11-1941, do Ministro das Relações Exteriores da Alemanha, o signatário respondeu que não se recorda, nem se fora feita tal encomenda, nem por quem teria sido feita, nem se fora executada ou não.

Rio, 19-9-1942.

Joaquim Inojosa de Andrade.

(Inojosa, 1978, p. 89-90; grifo meu)

O trecho chama a atenção por alguns detalhes importantes. O primeiro deles é a suposta célula integralista clandestina. No prontuário de Inojosa, conservado no Aperj, há menção aos seus contatos com integralistas. O diretor do *Meio-Dia* teria tido encontros com Raimundo Padilha, chefe do movimento integralista após o exílio de Plínio Salgado em Portugal. Padilha, tal como Inojosa, foi financiado pelos alemães, porém na tarefa de espião (Coutinho, 2001). Em 1940, uma visita do jornalista à sua residência chamou a atenção da polícia. O motivo do encontro teria sido um suposto pedido de Inojosa para que todos os integralistas remanescentes lessem o seu jornal, ao que Padilha teria respondido que essa decisão caberia aos mesmos (Dops, 13/12/1940, p.10). Caso a informação esteja correta, Inojosa teria mantido contato com os integralistas, o que contraria suas alegações.¹⁶ Contudo, ainda segundo relatórios da polícia, foram realizadas buscas na casa de Luiz Vieira Leitão, contínuo e vigia do *Meio-Dia*, onde foram apreendidos boletins de propaganda nazista, impressos nas oficinas do periódico, e não eram, tal como havia afirmado Inojosa, simples páginas contendo discurso de Ribbentrop.¹⁷

16. Além de Padilha não foram encontradas informações sobre contatos de Inojosa com outros chefes integralistas, como Plínio Salgado e Gustavo Barroso.

17. No interrogatório de Mário da Trindade Henriques, consta que “a respeito da data: vinte e oito do onze de mil novecentos e quarenta e um (28/11/1941) – sexta-feira – página seis –, constante do impresso do discurso do Ministro do Exterior do Reich, declara que a referida data saiu no impresso porque o mesmo foi aproveitado da chapa da página seis do número do jornal daquele

A documentação policial assinala que foram detidos, além de Inojosa e Leitão, três outros envolvidos: o motorista Josué Cândido da Silva, o fiscal do material e gráfica, Eustáquio Lino da Silva, além do gerente do vespertino, Mario da Trindade Henriques. Tanto os dois primeiros quanto Henriques foram enfáticos em declarar que a gráfica do jornal imprimia propaganda para a Embaixada da Alemanha e Consulado Geral Alemão e que eram pagos para tanto. Eustáquio da Silva afirmou que foram três as remessas impressas para os germânicos (30, 50 e 80 mil boletins) (Dops, 21/9/1942, p. 27), e Henriques teria declarado à polícia que os boletins de propaganda nazista eram financiados pela *Transocean* e que todas as transações eram aprovadas por Inojosa (idem, p.29). Dessa forma, há fortes indícios de que o diretor do *Meio-Dia*, ao relatar sua prisão anos depois, procurou defender sua reputação e escamoteou sua ligação com os nazistas durante a década de 1940. O episódio demonstrou que a polícia já tinha prévio conhecimento das atividades e da ligação do jornal com os alemães, razão pela qual monitorava a publicação há bastante tempo. De qualquer forma, fica patente que as relações entre Inojosa, seu jornal e os alemães eram bem mais complexas, pois demandavam outros tipos de favores que não apenas a mera reprodução de propaganda nazista em artigos e editoriais.

dia, o que igualmente aconteceu com os demais impressos que neste ato lhe é mostrado, uma vez que estes mesmos impressos foram confeccionados tal qual saíram publicados no jornal, o que, facilmente, poderá ser constatado, se houver um confronto entre aqueles impressos e os exemplares do jornal existentes no seu arquivo; que, quanto à divergência havida no impressos de sexta-feira, vinte e oito de onze de mil novecentos e quarenta e um (28/11/1941) e a página do jornal do mesmo dia da publicação do aludido discurso, declara que esta divergência deve ser de paginação, pois a matéria é a mesma, e a que interessava ao impresso encomendado pela mencionada agência telegráfica” (Dops, 21/9/1942, p.29).

Das tentativas de empastelamento ao fechamento

Nos arquivos da FCRB há informações a respeito do fato de Inojosa ter sido assinante de uma empresa de *clipping*, ainda em funcionamento, o *Lux Jornal*, criado em 1928. O serviço baseia-se na “seleção de matérias e artigos sobre um determinado tema ou nome, monitorados nos principais jornais e revistas editados no Brasil”.¹⁸ A empresa especializou-se em buscar, diariamente, palavras-chave, em vários órgãos de imprensa brasileiros. Inojosa valeu-se desse serviço para saber o que se publicava em relação ao seu próprio jornal. Esse material revela as tensões que se estabeleceram entre a população carioca e empresas e indivíduos alemães, em março e agosto de 1942.

No primeiro momento, logo após a Conferência dos Chanceleres no Rio de Janeiro, ocorreu o afundamento dos navios brasileiros Buarque, Olinda, Cabedelo, Arabutan e Cairu, este último torpedeado pelos alemães em 8 de março de 1942 (Sander, 2007, p.97). As mortes daí resultantes suscitaram imediato repúdio da população, que passou a atacar tudo o que estivesse ligado à Alemanha ou aos alemães. Com efeito, Roberto Sander afirma que, nessa época,

Em Porto Alegre, num protesto simbólico, as placas das avenidas Berlim e Itália foram cobertas com pedaços de papelão que traziam os nomes dos navios atacados. Já no município de São Leopoldo, um dos maiores redutos de população teuto-brasileira, ocorreram manifestações mais violentas. Um monumento, erigido na Praça Centenária em homenagem ao colono alemão, amanheceu completamente destruído. (Idem, p.76)

18. A história da empresa e a definição dos seus serviços podem ser encontradas em *Lux Jornal*. Empresa, História. Disponível em <<http://www.luxjornal.com.br/empresa.htm>>. Acesso em 5/10/2011.

A capital do país não ficou imune aos protestos. Inojosa recebeu recortes, via *Lux Jornal*, relativos aos distúrbios no Rio, que incluía ataques e tentativas de empastelamento do *Meio-Dia*, devidamente registrados pela empresa de *clipping*. As notícias provinham do jornal baiano *A Tarde*, datado de 13 de março de 1942, que detalhavam a depredação de empresas, a perseguição a alemães e a órgãos ligados aos germânicos.¹⁹ Como foi ressaltado, o ódio desencadeado pelos ataques submarinos alemães gerou uma campanha antigermânica no Brasil, e o *Meio-Dia* acabou por se tornar alvo da multidão enfurecida. Muito embora tivesse deixado de apoiar o nazismo já em dezembro de 1941, o jornal ainda era, na opinião dos cariocas, um espaço de apoio aos inimigos do Brasil. Nova tentativa contra o vespertino ocorreu em agosto, quando outros navios foram atacados pelos submarinos alemães, dessa vez nas costas brasileiras.

Por ocasião do primeiro ataque, em 12 e 13 de março de 1942, o *Meio-Dia* publicou dois textos de Inojosa sem assinatura, mas

19. “[...] ocorreram incidentes na avenida Rio Branco e outras ruas centrais desta capital, sendo causados estragos em casas comerciais pertencentes a súditos do Eixo por grupos de populares, indignados ante as circunstâncias em que se deu o afundamento do navio brasileiro ‘Cairu’, depois de várias outras provocações feitas pela Alemanha e comparsas. O tumulto originou-se de uma pedrada, partida de um popular, contra a Casa Lehner, reunindo-se, então, nutrido grupo, que entrou a dar ‘morras’ ao ‘Fuehrer’ dos nazistas e seus colaboradores. Um indivíduo que passava na ocasião revidou com vivas à Alemanha e a Hitler. Tratava-se de Karl Lemeyer, barbeiro, alemão de nascimento. Perseguido pelo povo, refugiou-se numa barbearia, onde foi entregue a investigadores, que o conduziram à polícia [...]. Passado o episódio da prisão do estrangeiro, a Casa Lehner, voltou a ser apedrejada, ficando suas vitrinas e vidraças reduzidas em poucos instantes a estilhaços. [...] – CONTRA OS JORNALIS GERMÂNÓFILOS – Houve tentativas de empastelamento dos jornais germanófilos ‘Gazeta de Notícias’ e ‘Meio-Dia’, não sendo consumadas, porém. Daquelas folhas, à aproximação dos manifestantes, pediram angustiosamente auxílio à polícia, que foi guarnecer os prédios, já os encontrando de portas fechadas”. TAMBÉM no Rio o povo amotina-se e apedreja casas comerciais.” (*A Tarde*, 13/3/1942; grifo meu, compilado pelo *Lux Jornal*)

que se sabe serem de sua autoria,²⁰ intitulados, respectivamente, “Confiança” e “Ação e reação”. Ambos declaravam irrestrito apoio à política e às diretrizes do Estado Novo e não faziam referência à tentativa de ataque da população enfurecida. Apenas em “Ação e reação” lê-se:

A hora não é de desunião, mas sim, de formação de um bloco único da Pátria, para que todos colaborem com a sua parcela de brasilidade, prestigiando a ação do governo, e apoiando-lhe as reações contra qualquer atentado à soberania do Brasil. (Inojosa, 13/3/1942, p.3)

É válido lembrar que o ano de 1942 foi marcado pelo ápice do embate promovido pelo Estado Novo pela afirmação da brasilidade, algo que já vinha ocorrendo desde 1938, quando da nacionalização de escolas e da proibição de partidos políticos estrangeiros. Não seria demais afirmar que os ataques submarinos alemães teriam unido os brasileiros em torno de um ideal comum, a defesa do Brasil, coroando de êxito a política nacionalista do governo.

Sobre o ataque de março, o secretário de redação, Manoel Gomes Maranhão, afirmou:

Quando a situação internacional se agravou, o jornal passou a sofrer as consequências. Navios brasileiros foram afundados. Inventaram que tinha gente que era dedo-duro e traidor. Um dia, nesse período de agitação, houve uma passeata: “Vamos quebrar o *Meio-Dia!*” A gente se preveniu, porque nos disseram, em telefonemas: “Vamos quebrar essa porcaria, traidores.” Inojosa, a essa hora, estava em casa. Eu estava no jornal, com todo o pessoal. A redação ficava no primeiro andar; a oficina, no térreo. O grande

20. Nos arquivos da FCRB foi encontrado um caderno, no qual Inojosa transcreveu todos os títulos dos artigos que escreveu no *Meio-Dia*. Dentre eles, constam o nome de alguns que não possuíam assinatura, caso dos dois textos citados.

portão de ferro – que ainda hoje existe, nas ruínas – estava fechado. A passeata veio pela Praça Tiradentes mas, prevenidos, passamos a telefonar para a polícia. Por sorte nossa, o chefe de polícia era Filinto Müller – também da patota – e ficamos esperando que a polícia chegasse antes dos manifestantes. Quando a passeata ia se aproximando da porta do jornal, chegou a cavalaria da polícia. Não houve quebra-quebra. Os mais malucos, entre os que estavam no jornal, levaram para o primeiro andar aqueles tubos de ácido usados para fazer clichê, para jogá-los lá de cima. Houve até, em meio a essa manifestação, uma cena curiosa. Um repórter notável da editoria de polícia do *Meio-Dia*, Canuto José da Silva, era um preto retinto. Ele ficou na porta do jornal, segurando uma bandeira brasileira e dizendo: “Amigos, nós somos brasileiros! Isso aqui é um jornal! Nós estamos dizendo o que acontece!” Um dos manifestantes – que estava querendo quebrar o jornal – saiu-se com essa: “Quem já viu negro nazista?” Nesse dia, eu temi uma invasão, porque estávamos todos num prédio velho. Quando o povão chegou, a polícia apareceu, também. (apud Silveira & Moraes Neto, 1990, p.470-1)

Mesmo conseguindo escapar da fúria dos manifestantes, a situação da publicação tornou-se precária. Os artigos de Inojosa também passaram a ser publicados com menor frequência e poucas vezes continham assuntos relativos à guerra. O vespertino tornou-se, até agosto, um mero boletim de notícias, com pouca ou quase nenhuma matéria opinativa. Nada disso, entretanto, fez com que a população carioca esquecesse o apoio dado ao nazismo nos anos anteriores. Quatro meses depois, em 19 de agosto de 1942, quando o Brasil já havia perdido 19 navios em consequência dos torpedeamentos germânicos (Sander, 2007, p.97), houve outro ataque ao *Meio-Dia*, transcrito nas páginas do jornal carioca *Diário de Notícias* e compilado pelo *Lux Jornal*.²¹

21. “Seguindo a rua do Ouvidor, depois de obter, na casa Sucena, uma bandeira nacional, a multidão desembocou no largo de São Francisco, e daí, pela praça

A leitura do trecho citado evidencia que a população da cidade novamente tentou atacar o vespertino para vingar-se dos constantes torpedeamentos de navios brasileiros pelos submarinos alemães. O *Diário de Notícias* dava conta que “o anúncio luminoso do jornal foi posto abaixo” e informava que o prédio do jornal parecia ter sofrido graves danos, ainda que não tivesse sido empastelado. Nos dias de hoje, ainda está conservada parte da fachada externa do antigo prédio da rua da Constituição, nº 38, hoje convertido em estacionamento. Não se sabe, entretanto, se o prédio sofreu avarias quando das manifestações ocorridas em 1942 ou se foi demolido em um período posterior.

Após o segundo ataque, foi publicado o editorial “Brasil Sobe-rano”, que tentava amenizar a complexa situação do periódico. O texto conclamava as massas a apoiarem o governo do Estado Novo e seus líderes, ao mesmo tempo em que afirmava que o *Meio-Dia* era feito por brasileiros e que apoiava o país de forma incondicional, numa evidente tentativa de se desvincular da imagem pró-nazista. Pedia, igualmente, o fim imediato dos protestos contra o jornal e a concentração de forças em favor da soberania brasileira. Enfim, o texto nada mais era do que um apelo a favor da pacificação do povo carioca, que via no *Meio-Dia* uma empresa a serviço dos nazistas. É interessante ainda observar que, a partir desse editorial, os escritos de Inojosa e os poucos editoriais atacavam o Eixo, embora não com

Tiradentes, alcançou a rua da Constituição, onde fica a sede do vespertino ‘Meio-Dia’. A exaltação coletiva atingiu, nesse ponto, um grau inédito e, apesar do numeroso grupo de policiais ali postados, os responsáveis pelo citado jornal germanófilo, como o anterior, tiveram de entregar a bandeira ao povo, que a conduziu em triunfo ao Palácio Itamarati. Mais tarde, nova tentativa foi feita pelo ‘Meio-Dia’ para hastear o Pavilhão Brasileiro, como aliás, sempre aconteceu em oportunidades semelhantes, sendo impedido pelo clamor público. Para acalmar os ânimos um polícia especial desceu a bandeira que já se encontrava no mastro. Até o anúncio luminoso com o nome do citado jornal foi posto abaixo. O *Meio-Dia* teve de entregar o pavilhão brasileiro.” (*Diário de Notícias*, 19/8/1942; compilado pelo *Lux Jornal*)

tanta ênfase como o fizera em relação às críticas veiculadas contra a Inglaterra em 1940-1941.²²

As seguidas tentativas de empastelamentos criaram ainda outros problemas. Os funcionários do *Meio-Dia* e da *Gazeta de Notícias*, temerosos de ataques contra as suas vidas, enviaram, por meio do Sindicato dos Jornalistas, um telegrama, dirigido ao Presidente da República e publicado em 22 de agosto, data da declaração de guerra do Brasil à Alemanha e Itália. No mesmo lia-se:

Ao sr. Presidente da República dirigiu o Sindicato dos Jornalistas Profissionais o telegrama: “O Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio de Janeiro tem a honra de comunicar a Vossa Excelência que se reuniram hoje, em sua sede, os redatores, revisores, repórteres, fotógrafos e demais trabalhadores dos jornais *Gazeta de Notícias* e *Meio-Dia*, que se editam nesta capital, em número de cerca de 250, a fim de apelar para V. S. Excia. no sentido de que lhes sejam asseguradas garantias materiais e morais que lhe permitam prosseguir nos seus afazeres normais em cooperação com o interesse nacional. Os referidos trabalhadores de imprensa são todos brasileiros natos, muitos chefes de família, reservistas, sempre dispostos à defesa da dignidade e da independência do

22. “Mocidade do Brasil! Atentai bem nisso e cessai o tumulto, transformando-o numa prece que tenha como principal motivo a soberania da nossa Pátria. Tende incondicional confiança nos que dirigem a Nação, entregai-lhe o gesto primeiro de reação e, a seu comando, marchemos todos, velhos e novos, numa só direção, pela grandeza do Brasil, ao lado dos nossos irmãos do continente. Evitemos, a todo o transe, a repetição do tumulto que representa a perda de tempo em benefício do inimigo, solerte e audaz. Confiemos na palavra consciente e patriótica do Chefe da Nação e com ele, em corpo e alma, defendamos a nossa liberdade, sem perguntarmos a que preço. [...] É o pensamento do *Meio-Dia*, porque é o pensamento da Pátria, à qual nos honramos em servir, embora modestamente, mas de todo o coração e acima de qualquer julgamento menos justo, menos sincero, que espíritos bastardos tentem formar contra este humilde posto de defesa do Brasil. Somos brasileiros e o nosso maior conforto está justamente na paz e tranquilidade da nossa consciência.” (*Meio-Dia*, 20/8/1942, p.1)

Brasil, tanto quanto qualquer outro patricio. Este apelo é feito a V. Excia. em face de incompreendidas manifestações de certos elementos exploradores de sentimentos da massa popular, a que oportunamente aludiu o Chefe de Polícia, coronel Etchegoyen. O Sindicato dos Jornalistas Profissionais, em nome da classe que acolhe em seu seio fraternalmente os confrades que trabalham naqueles jornais, está certo de que a opinião pública será convenientemente esclarecida a respeito dos propósitos, genuína e insofismavelmente patrióticos dos referidos colegas – Pedro Timotheo, presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais; Carlos Eiras, delegado do Sindicato no Conselho Nacional de Imprensa; Fausto Guimarães de Almeida, pelos empregados do *Meio-Dia*; Ben-Hur Raposo, pelos empregados da *Gazeta de Notícias*. Desse telegrama o Sindicato deu conhecimento ao Sr. major Antônio José Coelho dos Reis, diretor geral do DIP, de cujo espírito de justiça declarou esperar também a melhor cooperação e a quem apresentou protestos de solidariedade patriótica. (*Meio-Dia*, 22/8/1942, p.3)

Mesmo escapando de duas tentativas de empastelamento, o *Meio-Dia* definhava: possuía poucos anunciantes, o número de páginas e de edições diminuía. No final de agosto ainda foram publicados três textos que procuravam ressaltar a brasilidade e o patriotismo da publicação, que se colocava ao lado do Estado Novo e dos Aliados. No primeiro, um texto de Inojosa intitulado “A postos!”, explicava que um país deve entrar em guerra quando é ultrajado por outro em sua soberania, como ocorria nesse momento com o Brasil, e fazia um balanço positivo da solidariedade brasileira em relação aos Estados Unidos. Ao final, conclamava os brasileiros a combater a Alemanha e Itália, louvadas pelo jornal nos dois anos anteriores. O artigo é sintomático da postura de Inojosa até o final da publicação, em outubro; embora favorável aos Aliados, as críticas ao Eixo (e em especial à Alemanha) eram rápidas e superficiais. É possível que Inojosa ainda continuasse favorável aos países fascistas, mesmo que não mais pudesse exprimir tal opinião em seu

jornal. Por ser exemplar da postura de Inojosa no período, cabe acompanhar seus argumentos:

O Brasil fora agredido, e para honra de sua história, soube repelir a agressão. Está em guerra com a Alemanha e com a Itália. [...] As duas potências do Eixo são, hoje, nossas inimigas, isto é, inimigas de todos os brasileiros. Sob pena de traição para com a Pátria, brasileiro algum pode alimentar outro sentimento que não seja o de combater, por todas as formas, a Alemanha e a Itália. Cada um que se coloque no seu posto, e preste ao Brasil o seu serviço. (Inojosa, 24/8/1942, p.1)

No mesmo dia, 24 de agosto, foi publicado o editorial “Manifesto da Brasilidade”, que defendia a posição do vespertino em face das agressões de que fora vítima. Lembrava que o *Meio-Dia* surgira em 1939 e que defendia os ideais do Estado Novo, sem deixar de louvar a figura de Getúlio Vargas, apontado como o condutor dos destinos da nação e seu líder máximo. Ao mesmo tempo, declarava a importância da unidade da imprensa em prol do governo e do país. Em seguida, insistia no fato de o *Meio-Dia* ser feito para brasileiros e por brasileiros, de modo a deixar claro que o periódico não tinha qualquer tipo de ligação com grupos estrangeiros, principalmente alemães. É importante observar que, naquele momento, se tenha recuperado o primeiro texto de Inojosa (o artigo de apresentação publicado no primeiro número do *Meio-Dia*, em 1º de março de 1939), utilizado para corroborar a ideia de que o vespertino sempre teria se batido pela América e pelo Brasil, e para tornar patente a postura do vespertino durante seu primeiro ano de publicação, quando ainda não apoiava a Alemanha nazista. Ao final, procurava reforçar a ideia de que o Brasil, enquanto foi neutro, permitia críticas a qualquer um dos beligerantes, recurso utilizado como forma de amenizar o passado nazista da publicação.²³

23. “Em certos momentos, uma imprensa unânime seria uma imprensa sem expressão. Mas em outros a sua força reside justamente na unanimidade. Os ho-

O mesmo tipo de argumento foi empregado no artigo de Inojosa “Unidade espiritual”, que também procurou expurgar as opiniões pró-nazismo dos anos anteriores, retomando o argumento, já reproduzido anteriormente, das possibilidades que a neutralidade assegurava. Porém, a partir da tomada de posição do governo brasileiro, todos deveriam segui-la e esquecer antigas preferências.²⁴

Dois meses depois da publicação desses artigos, o jornal, tornado um boletim de notícias de apenas seis páginas e reduzido a uma única edição, encerrou as atividades, em 31 de outubro de 1942. Inojosa notificou os seus leitores com um artigo de despe-

mens só tem o direito de pensar diferentemente enquanto não se acha em jogo o destino da Pátria. [...] Devemos declarar que *Meio-Dia* é um jornal de brasileiro, onde só trabalham brasileiros. Surgiu a 1ª de março de 1939, isto é, dentro do regime do Estado Novo. O artigo de apresentação assinado pelo seu diretor naquela data inicial, intitulava-se – ‘Unidade Nacional e solidariedade continental’. Nele estava escrito o seguinte, referindo-se aos povos americanos: ‘Um dia, o ruído das disputas distantes ameaça perturbar a tranquilidade dessa gente venturosa. Uni-vos, se quereis continuar felizes, e se desejais viver em paz com os turbulentos. Que o Brasil compreenda o seu destino na América, e colabore de mais a mais na política de solidariedade continental, de aproximação com os demais povos do Continente Americano, do Continente da Paz e da Felicidade’. Isso foi escrito no número primeiro deste jornal. E desde aquela data *Meio-Dia* jamais deixou de bater-se pela política da unidade nacional e da solidariedade continental [...] Só um sentimento domina os que trabalham na *Meio-Dia* – o de bem servir ao Brasil. Quando o conflito se confinava na Europa a sua crítica era livre. Mas, no instante em que o pavilhão brasileiro foi desrespeitado pelos métodos do barbarismo ancestral, a imprensa, unânime, forma ao lado do Chefe do Governo, integrando o conjunto indestrutível das forças morais e materiais da Nação.” (*Meio-Dia*, 24/8/1942, p.3)

24. “Nos tempos em que a Alemanha e a Itália mantinham representações diplomáticas no Brasil, e este se conservava neutro em face do conflito europeu, era livre a manifestação do pensamento no tocante à situação internacional. [...] O afundamento dos navios brasileiros foi um ato revoltante. O Brasil viveria uma vida de humilhado se não lutasse contra a Alemanha e a Itália. Não queremos saber o que pensávamos desses dois países. Só nos interessa repelir o insulto à nossa bandeira, e lutar de armas em punho contra os inimigos de nossa terra. Em condições como esta, transformar um amigo em inimigo é praticar um ato de inofismável dignidade.” (Inojosa, 27/8/1942, p.1)

dida, intitulado “Aos leitores do *Meio-Dia*”, no qual apontou os motivos para o fim do vespertino:

Meio-Dia suspende, hoje, sua circulação, por tempo indeterminado. Prende-se isto, exclusivamente, à dificuldades econômico-financeiras. A ninguém é dado desconhecer a crise que desde o começo da guerra atingiu a imprensa brasileira. Crise de publicidade, em princípio, e ao depois, também de circulação. Para remediar a primeira, aumentou-se o preço do vespertino para \$300 o exemplar, em 1940, e um ano depois, em 1941, para \$400. A reação do público, porém, fez-se sentir, nesses momentos, anulando, em parte, os benefícios que tais aumentos poderiam causar, e criando a segunda crise acima referida. *Meio-Dia* viveu sempre do favor do público. Jornal novo, inaugurado em 1^a de março de 1939, passou por várias crises financeiras, que foram amparadas pelo esforço particular do seu diretor. Mas o sacrifício humano tem um limite, e por isso *Meio-Dia* encerra, hoje, o ciclo trepidante da sua primeira fase. Como diretor, proprietário e fundador deste jornal, resta-me o conforto de declarar que vespertino algum tratou com tanto carinho e dedicou tanto espaço às coisas do Brasil. E apoiou, mais integralmente, a política social e nacionalista do Estado Novo, sem qualquer auxílio oficial para esse fim. Outro conforto resta ainda, e desta vez extensivo a quantos, direta ou indiretamente, trabalharam no *Meio-Dia* ou pelo *Meio-Dia*: o de que, na vida da imprensa brasileira, não há exemplo de outro jornal que tenha conseguido o renome do *Meio-Dia*, no Brasil ou fora dele, em tão pouco espaço de tempo. [...] Homem de trabalho, continuarei a colaborar para a vitória do Brasil, integrado na comunhão anônima dos que se dedicam ao seu esforço de guerra. Quero deixar bem certo o meu reconhecimento aos que me acompanharam, aos bravos companheiros de todos os instantes, e aqueles, leitores e anunciantes, que contemplaram o *Meio-Dia* com suas preferências. Rio, 31/10/1942. (Inojosa, 31/10/1942, p.1)

O último artigo assinado por Inojosa deixava patente que a publicação sucumbira por dificuldades financeiras que, sem a ajuda dos alemães, só aumentaram. O fim dos serviços prestados pela *Transocean* e por outras agências, além da Embaixada da Alemanha, que trouxeram publicidade de empresas germânicas, notícias e telegramas, foi crucial para o desencadeamento de uma crise incontornável, do ponto de vista financeiro e político. A tentativa de relançar o *Meio-Dia* em 1943, como estratégia para preservar o título, parece não ter merecido resposta do DIP.²⁵ De acordo com Inojosa, contudo, o jornal foi reeditado mensalmente muitos anos depois, já em 1965, para garantir que o nome *Meio-Dia* continuasse sob seus auspícios (Inojosa, 1978, p.92-3). Quanto à equipe e às instalações do jornal em 1942, Manoel Gomes Maranhão afirmou:

Quando o *Meio-Dia* fechou, todo o equipamento foi vendido a Aderbal Novaes, funcionário do Governo, presidente do Instituto dos Bancários. Criou-se, então, um novo jornal – que eu batizei de *Folha Carioca*. Era o mesmo prédio, o mesmo pessoal, a mesma oficina do *Meio-Dia*. Só mudou o nome. [...] Procuramos comprar tipos novos para mudar um pouco a feição gráfica do novo jornal – que era cem por cento a favor dos aliados e de Getúlio Vargas. Continuei como secretário de redação. A equipe, basicamente, foi mantida. (Silveira & Moraes Neto, 1990, p.472)

Embora Maranhão tivesse criado um novo jornal diferente do *Meio-Dia*, Inojosa não tomou parte na empreitada, só voltando ao jornalismo em 1948, quando o Estado Novo já não mais existia. Seu afastamento das atividades jornalísticas por seis anos talvez se deva aos reveses sofridos com o *Meio-Dia*, que atraiu o ódio da população carioca, extensivo ao diretor do vespertino.

25. Nos documentos consultados na Fundação Casa de Rui Barbosa existe apenas o pedido de reativação do *Meio-Dia* de forma a impedir a perda da chancela do título, mas não há registro de resposta do DIP e de seu diretor, major Coelho dos Reis, a quem o pedido foi endereçado, em 18 de janeiro de 1943.

Através da análise empreendida, pode-se perceber que os órgãos de controle de informação do Estado Novo mantiveram olhar atento sobre o jornal, a fim de poder acompanhar e, por vezes, reprimir as transações de Inojosa e de sua redação com funcionários e representantes alemães. A origem de tal vigilância pode ser remetida à própria orientação do periódico, que gerou todo tipo de problemas para o vespertino.

É fundamental assinalar ainda que o ano de 1942 foi decisivo para a publicação, pois representou o fim da aliança com os germânicos, motivado pelo alinhamento brasileiro aos Estados Unidos, o que levou ao fechamento do *Meio-Dia* em outubro.

CONCLUSÃO

Após analisar de forma sistemática a trajetória do jornal e o conteúdo dos editoriais e textos de Inojosa, pode-se concluir que a relação do periódico com os alemães não foi simples nem tampouco imediata, o que permite melhor contextualizar as informações contidas em Silveira & Moraes Neto (1990). É fato que a agência *Transocean* forneceu ao vespertino fotos, telegramas e dinheiro, mas é preciso considerar que ao menos mais duas outras empresas também remetiam material para o *Meio-Dia*: a também alemã *RDV* e a italiana *Stefani*. Vale lembrar que os documentos encontrados nos arquivos do antigo Dops revelaram indícios da participação da própria Embaixada da Alemanha, que controlava a atuação das empresas citadas, e, ainda, de outras empresas ligadas à espionagem em terras brasileiras, o que parece ser o caso da *Casa Lohner*, das Emissoras Alemãs de Ondas Curtas, da Estradas de Ferro Alemãs e da UFA. É muito provável que, sem esse apoio, o jornal teria deixado de circular já em 1939, quando a Companhia de Fiação e Tecelagem Industrial Mineira, outro empreendimento de Inojosa e que muito provavelmente contribuía para a sustentação financeira do vespertino, malogrou.

Pode-se precisar o momento em que dinheiro alemão passou a financiar o *Meio-Dia*, uma vez que suas páginas foram inundadas

com propaganda, editoriais e textos do proprietário que glorificavam a Alemanha, suas conquistas na guerra e seu regime. As semelhanças entre o material doutrinário alemão e o presente no vespertino carioca reforçaram o argumento que o *Meio-Dia* foi transformado em órgão difusor da propaganda nazista no Brasil num momento em que o partido já fora proibido de atuar em terras brasileiras. No final de 1941, com o ataque japonês a Pearl Harbor, e principalmente em 1942, com o rompimento de relações do Brasil com a Alemanha (janeiro) e a posterior declaração de guerra ao Eixo (agosto), foi impossível para o jornal manter sua linha editorial. Some-se a isso o fato da *Transocean* e da própria embaixada alemã terem sido fechadas logo no começo do referido ano.

Os editoriais e os textos de Joaquim Inojosa podem ser classificados em três fases distintas: a primeira, em 1939, na qual se defendeu o pacifismo e os países democráticos; outra entre 1940 e 1941, marcada pela estridente adesão do jornal ao nazismo e um ataque feroz à Inglaterra, que então enfrentava sozinha a máquina de guerra alemã; por fim, uma terceira em 1942, quando minguaram os editoriais e os textos de Inojosa relativos à guerra. O escritor viu-se na contingência de apoiar abertamente a declaração de guerra do Brasil ao Eixo, uma vez que enfrentava a ira da população carioca e o cerco do DIP e do Dops. Dessa forma, é patente que a orientação política do jornal flutuou em função do momento, e que a opção pelos Aliados só se deu quando o periódico já definhava e não mais podia contar com o apoio dos alemães.

A relação do periódico com o Estado Novo foi bastante conturbada. Em 1940, por exemplo, o DIP alegou que o jornal teria sido suspenso por não respeitar o horário de saída dos vespertinos e pela publicação do artigo “Solidariedade defensiva” de Inojosa, considerado ofensivo. Em 1941, a planejada sucursal do vespertino no Rio Grande do Sul teve suas portas cerradas pela polícia de Porto Alegre, que se utilizou da violência para inviabilizar o empreendimento. As reclamações feitas por Inojosa a Lourival Fontes e ao DIP não tiveram efeito. Já em 1942, Inojosa e alguns funcionários foram presos por terem sido encontrados boletins de propaganda

nazista na casa do contínuo e vigia do *Meio-Dia*, Luiz Vieira Leitão. Dessa forma, observa-se que a trajetória do jornal, que sempre apoiou o regime, não foi tranquila.

O que mais causa estranheza, contudo, foi a postura do DIP e principalmente de seu diretor, Lourival Fontes. Se este é tido como germanófilo,¹ por que não ajudou Inojosa em sua empreitada, a fim de diminuir os entraves para a circulação de um jornal pró-Eixo? Essa atitude só corrobora o que foi asseverado por Lucia Lippi Oliveira, que destacou: “Possivelmente, o sr. Lourival Fontes não seria nem mais nem menos fascista do que inúmeras outras figuras que permaneceram no governo Vargas” (Oliveira, 2001, p.56). Dessa forma, mesmo que Fontes nutrisse grande afinidade pelos fascismos europeus, tal fato não impedia que Inojosa e seu jornal fossem atacados pelo DIP e vigiados pelo Dops.

Quanto à posição de Inojosa, parece claro que seus textos foram muito mais radicais do que os editoriais publicados, o que coloca, de imediato, a questão de saber se o escritor, de fato, converteu-se aos ideais do nazismo. É difícil saber até que ponto emprestava sua pena à causa por necessidade financeira, mas é certo que o escritor cultivou postura conservadora, como atestam suas cartas e diários depositados na Fundação Casa de Rui Barbosa relativos ao período posterior à guerra. Em várias oportunidades, Inojosa registrou sua aversão ao comunismo e, a julgar pelo que ele próprio afirmou no seu jornal em 1941, teria nutrido, desde jovem, apreço pela nação alemã, e não apenas por Hitler ou pelo nazismo: já no período da Primeira Guerra Mundial teria defendido o Reich contra as potências da Entente. Mesmo que apenas favorável ao povo germânico, tal postura confundiu-se, naquele momento, com apoio ao regime hitlerista (Inojosa, 1º/3/1941, p.4). Tal suposição ganha força na comparação entre seus textos de 1939 com os de 1940 e 1941, que permitem supor que ele rendeu-se às contingências do momento.

1. O diretor do DIP é apresentado como pró-Alemanha em Lopes (1999).

Após o fechamento do *Meio-Dia*, Inojosa dedicou-se à defesa dos ideais do modernismo e procurou promover a si mesmo enquanto propagador do movimento no Nordeste. Todavia, salvo as poucas páginas dedicadas ao vespertino em *60 anos de jornalismo*, por meio das quais tentou defender a postura adotada pelo jornal, o escritor não fez mais nenhuma menção ao periódico. Sua carreira de escritor teria sido prejudicada pela aventura, de acordo com a opinião de Abelardo Jurema:

O fato de o *Meio-Dia* ter se engajado a favor da Alemanha me surpreendeu. Mas Joaquim Inojosa não tirou lucro nisto. [...] A verdade é que Inojosa perdeu um bocado com o *Meio-Dia*. Creio que perdeu nome. (apud Silveira & Moraes Neto, 1990, p.510)

Assim, parece que o vespertino significou um peso para Inojosa, que acabou perdendo prestígio e oportunidades. De fato, o escritor procurou extirpar e/ou maquiara a história do periódico em sua biografia, apresentando-se quase que exclusivamente como autor ligado ao modernismo. Nessa tentativa, teve apenas relativo sucesso. Os efeitos de sua aliança com os alemães, sentidos na sua trajetória posterior ao *Meio-Dia*, poderiam ser exemplificados por uma frase, atribuída a Goethe, publicada em setembro de 1941: “Os fantasmas que chamei, não me posso livrar mais deles!”. (*Meio-Dia*, 4/9/1941, p.2)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Alzira Alves de et al. (Org.). *Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, FGV, 2001. Disponível em <<http://www.fgv.br/CPDOC/BUSCA/Busca/BuscaConsultar.aspx>>. Acesso em 8/1/2012.
- ABREU, Marcelo de Paiva. O Brasil e a economia mundial (1929-1945). In: FAUSTO, Boris (Org.). *História geral da civilização brasileira*. O Brasil republicano: economia e cultura (1930-1964). tomo III. v.4. São Paulo: Difel, 1986. p.11-49.
- ALVES, Vágner Camilo. *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial: história de um envolvimento forçado*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.
- ANDRADE, Jeferson Ribeiro de. *Um jornal assassinado: a última batalha do Correio da Manhã*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.
- ARAÚJO, Rejane. Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). In: ABREU, Alzira Alves de et al. (Coord.). *Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, FGV, 2001. Disponível em <<http://www.fgv.br/CPDOC/BUSCA/Busca/BuscaConsultar.aspx>>. Acesso em 8/1/2012.
- ARGUELLES, Delmo de Oliveira. A conferência dos chanceleres americanos de 1942 e o envolvimento brasileiro na Segunda Guerra Mundial. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira et al. (Org.). *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010.

- ATHANÁZIO, José Enéas Cezar de. *Presença de Inojosa*. Blumenau: Gráfica 43, Fundação “Casa Dr. Blumenau”, 1985.
- BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica*. São Paulo: Martins, 1967.
- BANN, Stephen. *As invenções da história: ensaios sobre a representação do passado*. São Paulo: Editora UNESP, 1994.
- BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERTHON, Simon, POTTS, Joanna. *Os senhores da guerra*. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- BERTONHA, João Fábio. *O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil*. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2001.
- BOMENY, Helena (Org.). *Constelação Capanema: intelectuais e políticas*. Rio de Janeiro: FGV; Bragança Paulista: Universidade de São Francisco, 2001.
- BRANDÃO, Raul. *Vida e morte de Gomes Freire de Andrade*. 4.ed. Lisboa: Alfa, 1990. Disponível em <<http://www.arqnet.pt/exercicio/freire.html>>. Acesso em 17/12/2010.
- BRASIL. Constituição (1937). In: *Constituição dos Estados Unidos do Brasil (de 10 de novembro de 1937)*. Disponível em <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/Constituicao/Constitui%C3%A7ao37.htm>>. Acesso em 26/5/2011.
- BUCHANAN, Patrick J. *Churchill, Hitler e a “guerra desnecessária”*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- CALVOCORESSI, Peter, WINT, Guy, PRITCHARD, John. *The Penguin History of the Second World War*. Londres: Penguin, 1999.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. Campinas: Papirus, 1998.
- _____. *Imprensa e história do Brasil*. São Paulo: Contexto, Edusp, 1988.
- _____. *O bravo matutino: imprensa e ideologia no jornal “O Estado de S. Paulo”*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980.
- CARLI, Gileno Dé. Açúcar no Brasil – personalidades: VI – Albuquerque Maranhão. In: *História de uma fotografia*. Recife: [s. n.],

1985. Disponível em <http://www.cbg.org.br/baixar/acucar_no_brasil_6.pdf>. Acesso em 19/12/2010.
- CARONE, Edgard. *O Estado Novo (1937-1945)*. Rio de Janeiro; São Paulo: Difel, 1976.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: Difel, 1990. (Coleção Memória e Sociedade)
- _____. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora UNESP, Imprensa Oficial do Estado, 1999.
- CORSI, Francisco Luiz. *Estado Novo: política externa e projeto nacional*. São Paulo: Editora UNESP, Fapesp, 2000.
- COSTA, Alexandre Andrade da. *Caleidoscópio político: as representações do cenário internacional nas páginas do jornal O Estado de S. Paulo*. Assis, 2010. Dissertação (mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista.
- COUTINHO, Afrânio, SOUSA, J. Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. 2v. São Paulo: Global; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, DNL, Academia Brasileira de Letras, 2001.
- COUTINHO, Amélia, PADILHA, Raimundo. In: ABREU, Alzira Alves de et al. (Org.). *Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-1930*, Rio de Janeiro: CPDOC, FGV, 2001. Disponível em <<http://www.fgv.br/CPDOC/BUSCA/Busca/BuscaConsultar.aspx>>. Acesso em 8/1/2012.
- DER GROSSE BROCKHAUS. v.15. Leipzig: F. U. Brockhaus, 1934.
- _____. v.19. Leipzig: F. U. Brockhaus, 1934.
- DIETRICH, Ana Maria. *Nazismo tropical? O partido nazista no Brasil*. São Paulo, 2007. Tese (doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo.
- DOMARUS, Max. *Hitler. Speeches and proclamations 1932-1945*. Wauconda: Bolchazy-Carducci Publishers, 1990.
- DOPS. *Jornal "Meio-Dia"*. Rio de Janeiro, 6/6/1940. (Setor: Geral – Notação 43 – Dossiê 4)

- DOPS. *Jornal "Meio-Dia"*. Rio de Janeiro, 22/8/1940. (Setor: Geral – Notação 43 – Dossiê 4)
- _____. *Jornal "Meio-Dia"*. Rio de Janeiro, 5/10/1940. (Setor: Geral – Notação 43 – Dossiê 4)
- _____. *Jornal "Meio-Dia"*. Rio de Janeiro, 20/10/1940. (Setor: Geral – Notação 43 – Dossiê 4)
- _____. *Jornal "Meio-Dia"*. Rio de Janeiro, 26/11/1940. (Setor: Geral – Notação 43 – Dossiê 4)
- _____. *Jornal do "Meio-Dia"*. Rio de Janeiro, 10/1/1941. (Setor: Geral – Notação 43 – Dossiê 4)
- _____. *Jornal do "Meio-Dia"*. Rio de Janeiro, 23/4/1941. (Setor: Geral – Notação 43 – Dossiê 4)
- _____. *Jornal do "Meio-Dia"*. Rio de Janeiro, 4/9/1941. (Setor: Geral – Notação 43 – Dossiê 4)
- _____. *Jornal do "Meio-Dia"*. Rio de Janeiro, 8/12/1941. (Setor: Geral – Notação 43 – Dossiê 4)
- _____. *Jornal do "Meio-Dia"*. Rio de Janeiro, 29/1/1942. (Setor: Geral – Notação 43 – Dossiê 4)
- _____. *Jornal do "Meio-Dia"*. Rio de Janeiro, 21/9/1942. (Setor: Geral – Notação 43 – Dossiê 4)
- _____. *Jornal do "Meio-Dia"*. Rio de Janeiro, 30/10/1942. (Setor: Geral – Notação 43 – Dossiê 4)
- _____. *Jornal do "Meio-Dia"*. Rio de Janeiro, 4/12/1942. (Setor: Geral – Notação 43 – Dossiê 4)
- _____. *Prontuário Joaquim Inojosa*. Rio de Janeiro, nº 5.105, 7/12/1939.
- _____. *Prontuário Joaquim Inojosa*. Boletim reservado da S/l. Rio de Janeiro, nº 5.105, 3/10/1940.
- _____. *Prontuário Joaquim Inojosa*. Boletim reservado da S/l. Rio de Janeiro, nº 5.105, 13/12/1940.
- _____. *Prontuário Joaquim Inojosa*. Boletins reservados da S/l. Rio de Janeiro, nº 5.105, 20-21/12/1941.
- DUARTE, Paulo. *História da imprensa em São Paulo*. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes/USP, 1972.
- DULLES, John W. F. *Getúlio Vargas: biografia política*. Rio de Janeiro: Renes, 1967.

- EBERLE, Henrik, UHL, Matthias (Org.). *O dossiê Hitler: o Führer segundo as investigações secretas de Stálin*. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. A Noite. In: ABREU, Alzira Alves de et al. (Org.). *Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, FGV, 2001. Disponível em <<http://www.fgv.br/CPDOC/BUSCA/Busca/BuscaConsultar.aspx>>. Acesso em 4/12/2010.
- FEST, Joachim. *Hitler*. 2v. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- FRANZOLIN, João Arthur Ciciliato. *As representações da Alemanha no jornal Correio da Manhã (1937-1942)*. Assis, 2008. Relatório de Iniciação Científica – Departamento de História – Universidade Estadual Paulista, Fapesp, 2008.
- FRIESER, Karl-Heinz. *Blitzkrieg-Legende: der Westfeldzug 1940*. München: Oldenbourg Verlag, 2005.
- GAK, Igor Silva. *Os fins e seus meios: diplomacia e propaganda nazista no Brasil (1938-1942)*. Niterói, 2006. Dissertação (mestrado) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia – UFF.
- GAMBINI, Roberto. *O duplo jogo de Getúlio Vargas: influência americana e alemã no Estado Novo*. São Paulo: Símbolo, 1977.
- GELLATELY, Robert. *Lênin, Stálin e Hitler: a era da catástrofe social*. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- GERTZ, René E. *O fascismo no Sul do Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- GOEBBELS, Joseph. Englands Schuld. In: *Illustrierter Beobachter*. Sondernummer, 1939. Disponível em <<http://www.calvin.edu/academic/cas/gpa/goeb47.htm>>. Acesso em 28/6/2012.
- GÓES, Maria da Conceição Pinto de (Org.). *1933: a imprensa brasileira ante o fascismo: a tomada do poder na Alemanha*. Rio de Janeiro: Instituto Goethe, 1983.
- GOMES, Ângela de Castro. *História e historiadores: a política cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- GOULART, Silvana. *Sob a verdade oficial: ideologia, propaganda e censura no Estado Novo*. São Paulo: Marco Zero, 1990.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: Edusp, 2005.

- HARMS, Florian. Wellness unterm Hakenkreuz. *Spiegel Online*, 19/7/2007. Disponível em <http://einestages.spiegel.de/static/topicalbumbackground/95/wellness_unterm_hakenkreuz.html>. Acesso em 28/9/2010.
- HAUNER, Milan. Did Hitler want a world dominion? *Journal of Contemporary History (Londres: Thousand Oaks)*, v.13, n.1, p.15-32, jan. 1978.
- HERF, Jeffrey. *The Jewish enemy: Nazi propaganda during World War II and the Holocaust*. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 2008.
- HILLGRUBER, Andreas. *La Segunda Guerra Mundial: objetivos de guerra y estrategia de las grandes potencias*. Madri: Alianza, 1995.
- HITLER, Adolf. *Minha luta: Mein Kampf*. São Paulo: Centauro, 2001.
- INOJOSA, Joaquim. Meio-Dia. *Meio-Dia*, Rio de Janeiro, 2/3/1939.
- _____. O Papa da democracia. *Meio-Dia*, Rio de Janeiro, 3/3/1939, 1ª edição. (Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa)
- _____. A renovação da esquadra. *Meio-Dia*, Rio de Janeiro, 15/3/1939, 1ª edição. (Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa)
- _____. Obras contra as secas. *Meio-Dia*, Rio de Janeiro, 16/3/1939, 1ª edição. (Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa)
- _____. A entrevista do general Góes. *Meio-Dia*, Rio de Janeiro, 21/3/1939, 1ª edição. (Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa)
- _____. Princípio democrático. *Meio-Dia*, Rio de Janeiro, 23/3/1939, 1ª edição. (Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa)
- _____. Brasil – Estados Unidos. *Meio-Dia*, Rio de Janeiro, 24/3/1939, 1ª edição. (Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa)
- _____. Clube Paz e Amor. *Meio-Dia*, Rio de Janeiro, 31/3/1939, 1ª edição. (Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa)
- _____. Guerra? *Meio-Dia*, Rio de Janeiro, 11/4/1939, 1ª edição. (Acervo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro)
- _____. Pernambuco e a exposição. *Meio-Dia*, Rio de Janeiro, 19/12/1939, 1ª edição. (Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa)
- _____. Natal. *Meio-Dia*, Rio de Janeiro, 23/12/1939, 1ª edição. (Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa)

- INOJOSA, Joaquim. Ano Novo. *Meio-Dia*, Rio de Janeiro, 30/12/1939, edição final. (Acervo Casa de Rui Barbosa)
- _____. Infernal isolamento... *Meio-Dia*, Rio de Janeiro, 22/7/1940, 1ª edição. (Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa)
- _____. Aventura gaul...lesca. *Meio-Dia*, Rio de Janeiro, 25/9/1940, 1ª edição; edição final. (Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa)
- _____. Solidariedade defensiva. *Meio-Dia*, Rio de Janeiro, 30/9/1940, 1ª edição. (Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa)
- _____. Lenga-lenga. *Meio-Dia*, Rio de Janeiro, 29/10/1940, 1ª edição; edição final. (Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa)
- _____. Dois discursos e dois métodos. *Meio-Dia*, Rio de Janeiro, 11/11/1940, 1ª edição. (Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa)
- _____. *Meio-Dia* e sua circulação em Porto Alegre. Ofício ao diretor do DIP/Carta ao Interventor do Rio Grande do Sul/Relatório. Rio de Janeiro, 1941. (Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa)
- _____. Depoimento pessoal. *Meio-Dia*, Rio de Janeiro, 1º/3/1941, edição final. (Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa)
- _____. Comunicados que atrapalham... *Meio-Dia*, Rio de Janeiro, 9/4/1941, 1ª edição. (Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa)
- _____. As Termópilas. *Meio-Dia*, Rio de Janeiro, 23/4/1941, 1ª edição. (Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa)
- _____. Missa de 7º dia... *Meio-Dia*, Rio de Janeiro, 30/4/1941, 1ª edição. (Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa)
- _____. No mar, em terra e no ar. *Meio-Dia*, Rio de Janeiro, 9/5/1941, 1ª edição. (Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa)
- _____. Extrema unição. *Meio-Dia*, Rio de Janeiro, 20/8/1941, 1ª edição. (Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa)
- _____. 2 anos de glórias. *Meio-Dia*, Rio de Janeiro, 1º/9/1941, edição ante-final. (Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa)
- _____. Campos de concentração. *Meio-Dia*, Rio de Janeiro, 18/9/1941, edição final. (Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa)
- _____. Entre a lágrima e o riso. *Meio-Dia*, Rio de Janeiro, 27/10/1941, edição final. (Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa)
- _____. Até quando?!... *Meio-Dia*, Rio de Janeiro, 3/1/1942, edição final. (Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa)

- INOJOSA, Joaquim. *British Malaya. Meio-Dia*, Rio de Janeiro, 10/1/1942, edição final. (Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa)
- _____. *Ação e reação. Meio-Dia*, Rio de Janeiro, 13/3/1942, edição final. (Acervo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro)
- _____. *O aviador e o infante. Meio-Dia*, Rio de Janeiro, 6/6/1942, edição final. (Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa)
- _____. *A postos! Meio-Dia*, Rio de Janeiro, 24/8/1942, 1ª edição. (Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa)
- _____. *Unidade espiritual. Meio-Dia*, Rio de Janeiro, 27/8/1942, edição final. (Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa)
- _____. *Aos leitores do "Meio-Dia". Meio-Dia*, Rio de Janeiro, 31/10/1942, edição única. (Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa)
- _____. *O movimento modernista em Pernambuco*. 3v. Rio de Janeiro: Tupy, 1968-1969.
- _____. *Notícia biobibliográfica de Joaquim Inojosa*. Rio de Janeiro: Meio-Dia, 1975a.
- _____. *Os Andrades e outros aspectos do modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1975b.
- _____. *60 anos de jornalismo (1917-1977)*. Rio de Janeiro: Meio-Dia, 1978.
- JENKINS, Roy. *Churchill*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- KEEGAN, John. *The Second World War*. Nova York: Penguin, 2005.
- KERSHAW, Ian. *Hitler 1889-1936 Hubris*. Nova York: W. W. Norton, 1999.
- _____. *Hitler 1936-1945 Nemesis*. Nova York: W. W. Norton, 2001.
- LOPES, Sônia de Castro. *Lourival Fontes: as duas faces do poder*. Rio de Janeiro: Litteris, 1999.
- LUCA, Tânia Regina de. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.
- _____. *A Revista do Brasil (1916-1944): notas de pesquisa*. In: FERREIRA, Antônio Celso, LUCA, Tânia Regina de, BEZERRA, Holien Gonçalves (Org.). *O historiador e seu tempo*. São Paulo: Editora UNESP, ANPUH, 2008.

- LUCA, Tânia Regina de. Anuário da imprensa brasileira (1942): uma leitura e muitos desafios. In: MATTOS, Geisa, JAGUARIBE, Elisabete, QUEZADO, Ana. (Org.). *Nordeste, memórias e narrativas da mídia*. Fortaleza: Edições Íris, Expressão Gráfica Editora, 2010.
- MAGALHÃES, Marionilde Brepohl de. *Pangermanismo e nazismo: a trajetória alemã rumo ao Brasil*. Campinas: Editora Unicamp; São Paulo: Fapesp, 1998. (Coleção Momento)
- MARLOW, Sérgio Luiz. *Nacionalismo e Igreja: a Igreja Luterana – sínodo de Missouri nos “porões” do Estado Novo*. Vitória, 2006. Dissertação (mestrado) – Centro de Ciências Humanas e Naturais – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.
- MARTINS, Ana Luiza, LUCA, Tânia Regina de. *Imprensa e cidade*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- MEDEFIND, Heinz. *England ganz von innen gesehen*. Berlim: Im Deutschen Verlag, 1939. Disponível em <<http://www.calvin.edu/academic/cas/gpa/england.htm>>. Acesso em 27/4/2012.
- MEDVEDEV, Zhores, MEDVEDEV, Roy. *Um Stálin desconhecido*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- MEIO-DIA. Rio de Janeiro, p.4, 1/12/1939, 1ª edição. (Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa)
- _____. Rio de Janeiro, p.2, 4/12/1939, edição antefinal. (Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa)
- _____. O livro branco alemão. Rio de Janeiro, 6/4/1940, 1ª edição. (Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa)
- _____. O presidente Vargas e a siderurgia. Rio de Janeiro, 14/5/1940, 1ª edição. (Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa)
- _____. Tu l’as volu. Rio de Janeiro, 21/5/1940, edição final. (Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa)
- _____. Uma nova era. Rio de Janeiro, 12/6/1940, 1ª edição. (Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa)
- _____. Fatores de vitória e de derrota. Rio de Janeiro, 13/8/1940, edição final. (Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa)
- _____. Êxtase de propaganda. Rio de Janeiro, 27/8/1940, edição final. (Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa)

- MEIO-DIA*. Rio de Janeiro, 30/9/1940, edição ante-final. (Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa)
- _____. *A sombra da derrota*. Rio de Janeiro, 10/10/1940, edição final. (Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa)
- _____. *Laval e os parlamentares*. Rio de Janeiro, 1^a/11/1940, edição final. (Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa)
- _____. *Guerra-relâmpago*. Rio de Janeiro, 23/11/1940, edição final. (Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa)
- _____. *Defesa nacional*. Rio de Janeiro, 13/3/1941, edição final. (Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa)
- _____. *A Rússia e a guerra*. Rio de Janeiro, 15/4/1941, edição final. (Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa)
- _____. *Propaganda errada*. Rio de Janeiro, 19/4/1941, edição final. (Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa)
- _____. *A palavra do presidente*. Rio de Janeiro, 2/5/1941, edição final. (Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa)
- _____. *Sejamos nós mesmos...* Rio de Janeiro, 31/5/1941. (Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa)
- _____. *Política de traição*. Rio de Janeiro, 23/6/1941, 1^a edição. (Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa)
- _____. *Os ingleses, aliados do diabo*. Rio de Janeiro, 7/7/1941, edição final. (Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa)
- _____. *Não há meio-termo*. Rio de Janeiro, 8/7/1941, edição final. (Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa)
- _____. *Rio de Janeiro*, p.2, 15/7/1941, 1^a edição. (Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa)
- _____. *Que significa V?* Rio de Janeiro, 22/7/1941, edição final. (Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa)
- _____. *A França venceu*. Rio de Janeiro, 14/8/1941, edição final. (Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa)
- _____. *Os fantasmas que chamei...* Rio de Janeiro, 4/9/1941, edição final. (Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa)
- _____. *O arcebispo, o cardeal e o comunismo*. Rio de Janeiro, 18/10/1941, edição final. (Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa)
- _____. *Tique-tique-tique!* Rio de Janeiro, 20/11/1941, edição final. (Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa)

- MEIO-DIA. Mais um discurso. Rio de Janeiro, 3/12/1941, edição final. (Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa)
- _____. A solução definitiva. Rio de Janeiro, 19/1/1942, 1ª edição. (Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa)
- _____. Salvaguardando os interesses nacionais. Rio de Janeiro, 21/2/1942, 1ª edição. (Acervo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro)
- _____. Patriotismo. Rio de Janeiro, 23/2/1942, 1ª edição. (Acervo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro)
- _____. Brasil soberano. Rio de Janeiro, 20/8/1942, 1ª edição. (Acervo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro)
- _____. Esclarecendo a opinião pública – o sindicato dos jornalistas dirige-se ao Presidente da República e ao diretor geral do DIP. Rio de Janeiro, 22/8/1942, edição final. (Acervo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro)
- _____. Manifesto da brasilidade. Rio de Janeiro, 24/8/1942, 1ª edição. (Acervo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro)
- MORAIS, Fernando. *Chatô: o rei do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- MOREL, Marco, NEVES, Lúcia Maria P. et al. (Org.). *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A, Faperj, 2006.
- MORGAN, Kenneth O. (Org.). *The Oxford History of Britain*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- MOURA, Gerson. *Autonomia na dependência: a política externa brasileira de 1935 a 1942*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- MUSEU DE HISTÓRIA DA MEDICINA DO RIO GRANDE DO SUL (MUHM). Py, Aurélio da Silva. In: *Biografias*. Disponível em <<http://www.muhm.org.br/index.php?formulario=biografias&metodo=4&id=0&submenu=4>>. Acesso em 2/4/2011.
- NASCIMENTO, Luiz do. *História da imprensa de Pernambuco (1821-1954)*. v.XIII. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2002.
- OLIVEIRA, Lucia Lippi. O intelectual do DIP: Lourival Fontes e o Estado Novo. In: BOMENY, Helena (Org.). *Constelação Capanema: intelectuais e políticas*. Rio de Janeiro: FGV; Bragança Paulista: Universidade de São Francisco, 2001.

- OLIVEIRA, Lucia Lippi. VELLOSO, Mônica Pimenta, GOMES, Ângela Maria de Castro. *Estado Novo: ideologia e poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- OVERY, Richard J. *The origins of the Second World War*. Londres; Nova York: Longman, 1988.
- _____. *The Battle of Britain*. Londres: Penguin, 2004.
- PEIXOTO JÚNIOR, José Carlos. *A ascensão do nazismo pela ótica do Diário de Notícias da Bahia (1935-1941): um estudo de caso*. Salvador, 2003. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – UFBA.
- PERAZZO, Priscila Ferreira. *O perigo alemão e a repressão policial no Estado Novo*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1999. (Coleção Teses e Monografias)
- PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. Secretaria Especial de Comunicação Social. *Getúlio Vargas e a imprensa*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2004. (Cadernos da Comunicação. Série Memória, v. 10)
- RAMOS, José Nabantino. *Jornalismo: dicionário enciclopédico*. São Paulo: Ibrasa, 1970.
- RAUBSTAAT England. *Hamburg: Cigaretten-Bilderdienst Hamburg-Bahrenfeld, 1941*. Disponível em <<http://www.calvin.edu/academic/cas/gpa/raub.htm>>. Acesso em 27/4/2012.
- REGNAULT, Eugene. *The criminal history of the English government: from the first massacre of the Irish, to the poisoning of the Chinese*. Nova York: J. S. Redfield, Clinton Hall, 1843. Disponível em <http://books.google.com.br/books?id=9hEFAAAAYAAJ&printsec=frontcover&dq=elias+regnault&source=bl&ots=-UvytjXwhD&sig=WzaGmacGrkbuH7CIT7nkgwO-Vmw&hl=pt-BR&ei=lpstTZmiPML38AaqkYD9AQ&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=3&ved=0CCgQ6AEwAg#v=onepage&q&f=false>. Acesso em 17/12/2010.
- RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.
- RHODES, Anthony. *Propagand – The art of persuasion: World War II*. Secaucus: The Wellfleet Press, 1987.

- RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 1950*. Rio de Janeiro: E-Papers, 2007.
- ROBERTS, Andrew. *The storm of war: a new history of the Second World War*. Londres: Penguin, 2010.
- ROSENBAUM, Ron. *Para entender Hitler: a busca das origens do mal*. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- SANDER, Roberto. *O Brasil na mira de Hitler: a história do afundamento de navios brasileiros pelos nazistas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.
- SANDRONI, Cícero, SANDRONI, Laura. *Austregésilo de Athayde: o século de um liberal*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.
- SCHMIDT, H. D. The idea and slogan of "Perfidious Albion". *Journal of the History of Ideas (Filadélfia)*, v.14, n.4, p.604-16, out. 1953.
- SILVA, Francisco Carlos Teixeira et al. (Org.). *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010.
- SILVEIRA, Joel, MORAES NETO, Geneton. *Hitler/Stalin: o pacto maldito*. Rio de Janeiro: Record, 1990.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- SOUZA, José Inácio de Melo. *O Estado contra os meios de comunicação (1889-1945)*. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2003.
- TAYLOR, A. J. P. *A Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- TOTA, Antônio Pedro. *O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- VELLOSO, Mônica Pimenta. Cultura e poder político: uma configuração do campo intelectual. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi, VELLOSO, Mônica Pimenta, GOMES, Ângela Maria de Castro. *Estado Novo: ideologia e poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- VIDIGAL, Armando, ALMEIDA, Francisco Eduardo Alves de (Org.). *Guerra no mar: batalhas e campanhas navais que mudaram a História*. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- WELCH, David. *The Third Reich: politics and propaganda*. Londres; Nova York: Routledge, 1995.

SOBRE O LIVRO

Formato: 14 x 21 cm

Mancha: 23,7 x 43,4 paicas

Tipologia: Horley Old Style 10,5/14
2013

EQUIPE DE REALIZAÇÃO

Coordenação Geral

Tulio Kawata

ISBN 978-85-7983-440-0



9 788579 834400

CULTURA
ACADÊMICA 
Editora